

Memórias de um Malandro

Memórias de um Malandro

Ditado pelos Espíritos Zé da Gafieira e Sete Porteiras
Médium Roberto R. Rodrigues

Lilian Campos

Copyright|2019

1ª edição

Copyright © Lilian Campos. 2019

ISBN: 000-00-000000-0-0

Autoria

Lilian Campos

Capa

Lilian Campos

Diagramação e Revisão

Davilan Vilela Borges

C198m

Campos, Lilian

Memórias de um Malandro / Lilian Campos
– 1. Ed. – Foz do Iguaçu – PR: Edição da autora,
2019.

149 p.: 14 x 21 cm.

ISBN 978-65-900535-4-1

1. Espiritismo. 2. Mediunidade. I. Título.

CDD: 133.93

CDU: 133.7

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida por quaisquer meios existentes sem autorização por escrito da autora.

CARTA AO LEITOR

Após meu desencarne, passei um longo período preso em tormentos inexplicáveis.

Perdido, confuso e sem entender o que estava acontecendo, encontrei em Sete Porteiras uma mão estendida para me ajudar.

Mais tarde o mesmo guardião se tornou meu instrutor, chefe, conselheiro e grande amigo.

É ele quem narra a primeira parte dessa obra e conta como foi minha vida de boêmio.

Aceitando o convite de Sete porteiras, iniciei a narração da segunda parte, onde relato o estágio nas zonas umbralinas, e o trabalho no plano espiritual.

Desejo que todos compreendam a importância de uma vida afastada dos excessos, pois esses sempre acabam em vícios e sofrimento.

A infinita sabedoria Divina dá aos homens a oportunidade de encontrar felicidade por meio dos prazeres, no entanto, muitos, infelizmente se atiram aos abusos que culminam em todos os tipos de vícios, tristezas e desgraças.

A maioria quando inicia uma nova jornada no plano físico, mergulha na matéria e se esquece que a reencarnação é uma benção concedida para evolução do espírito, sendo assim, uma vida dedicada a banalidades que alimentam apenas a carne, não passa de uma oportunidade perdida.

Muitos dos acontecimentos narrados nesse livro podem parecer engraçados, e são, mas em sua essência retratam o comportamento de um homem extremamente apegado a matéria, vaidoso, egocêntrico e propenso a todos os tipos de excessos, que mais tarde precisou sofrer e se depurar até compreender a importância da temperança.

Sempre existem trabalhadores de Cristo prontos e dispostos a amparar e ajudar os encarnados que precisam de socorro, que se entregaram aos vícios e hoje se encontram perdidos e desesperados,

contudo, para que recebam nosso auxílio, é necessário que estejam realmente dispostos a iniciar uma nova vida, que se empenhem e lutem pela mudança e renovação.

Todos reencarnam com o nobre propósito de vencer as tendências negativas, e a vida, no momento certo apresenta as provas para que se superem, e nesses momentos nunca estão sozinhos ou desamparados, sempre estamos prontos para ajudá-los.

Então meus irmãos, quando se depararem com provas, tentações e caminhos que possam levá-los para baixo, sejam fortes, lutem, elevem os pensamentos a Cristo, peçam amparo e proteção, suas súplicas serão ouvidas e no momento certo atendidas.

Saravá a todos os irmãos da terra!

Zé da Gafeira.

SUMÁRIO

| | |
|---|-----|
| PRIMEIRA PARTE..... | 10 |
| CAPÍTULO I – Aventuras de um Boêmio | 11 |
| CAPÍTULO II – Sombras na Ladeira..... | 25 |
| CAPÍTULO III – Honra Lavada..... | 38 |
| SEGUNDA PARTE..... | 51 |
| CAPÍTULO I – Preso pela Vaidade | 52 |
| CAPÍTULO II – O Grande Barril..... | 73 |
| CAPÍTULO III – Um Malandro na Luz..... | 91 |
| CAPÍTULO IV – Enfrentando o Passado..... | 109 |
| CAPÍTULO V – Lá Vem Zé | 138 |

PRIMEIRA PARTE

Ditado por Sete Porteiras

CAPÍTULO I

Aventuras de um Boêmio

Em 1930, a região da Lapa no Rio de Janeiro era muito conhecida por suas gafieiras, locais frequentados por moças que procuravam namorados e rapazes que buscavam aventuras.

Clóvis era um desses rapazes, sempre em busca de uma aventura, com aproximadamente 30 anos era um sujeito bem-apanhado, fazia o tipo galã de cinema americano, alto, pele branca, olhos verdes, queixo quadrado, nariz fino e um bigodinho impecável. As sobrancelhas estavam sempre muito bem aparadas e alinhadas, cabelos pretos engomados e penteados para trás, sempre vestido com ternos elegantes e feitos sob medida, gravata borboleta, sapato branco e preto cromado, e para dar aquele toque final ao figurino, um belo chapéu Panamá, tudo combinando harmonicamente. Quem olhava não podia negar, aquele era um verdadeiro conquistador.

Sexta-feira era noite de gafieira, nesse dia Clóvis dedicava maior parte do dia para cuidar da beleza, acordava logo cedo para começar a preparação, provava todas as roupas para ver qual lhe caía melhor, e depois de horas de indecisão separava o melhor terno e gravata combinando. Em seguida começava o tratamento capilar, passava algumas pomadas na cabeleira vasta e colocava uma meia calça na cabeça, que era para deixar os cabelos ainda mais lisos. Depois passava cremes rejuvenescedores no rosto, hidratantes no corpo, fazia tudo com uma organização tão minuciosa que parecia um ritual.

Pouco depois do meio dia Clóvis tomava seu longo banho, aparava sobrancelhas e bigode, passava brilhantina nos cabelos e penteava até que todos os fios estivesse alinhadíssimos, escolhia a melhor colônia, se perfumava e finalmente ia para o sofá aproveitar o resto da tarde para relaxar, nesse momento aproveitava para dar um toque final aos cuidados com a beleza, colocava uma rodela de pepino em cada olho, um método infalível para eliminar qualquer olheira. Quando o relógio marcava dezoito horas em ponto, ele começava mais

uma vez a escolha da roupa, por volta das vinte horas estava pronto, impecável, chegava o momento de ir para a gafeira, antes de sair parava na frente do espelho, colocava seu chapéu, se observava com extrema atenção e no final sempre concluía que estava lindo.

Quem via Clóvis logo concluía que aquele era um ótimo partido, ninguém desconfiava que o rapaz era um pé rapado que vivia para manter seus gastos com a própria aparência.

Sujeito esperto, nunca levava suas conquistas para seu apartamento, sempre contava uma história qualquer e ia para um hotel onde todos conheciam sua fama de conquistador. Com tanta pompa e bom papo, nenhuma das moças desconfiava que na realidade o rapaz morava em um pequeno apartamento com quarto, cozinha e banheiro, um muquifo localizado em um cortiço do subúrbio.

Trabalhando como caixeiro viajante, ia de porta em porta oferecendo os mais variados produtos de utilidade doméstica, eram novidades que as donas de casa adoravam. A maior parte do dinheiro que recebia com suas vendas ele destinava aos cuidados pessoais, roupas, sapatos, perfumes e cremes importados, tudo para ficar bonito e cheiroso.

Clóvis era um exímio vendedor, o típico homem bom de bico, aprendeu a profissão com o pai, um excelente comerciante, que lhe ensinou bem o ofício. Ao completar 18 anos despediu-se da família e da cidade do interior e seguiu para capital em busca de liberdade.

Era um bom rapaz, mas fazia o tipo egocêntrico, acreditava ser o centro das atenções. Sua felicidade era bater em uma casa e ser atendido por uma mulher bonita, nessas ocasiões se demorava ainda mais, enfeitava a venda do produto, se desmanchava em simpatia, tudo para ganhar a confiança da cliente, fazer uma boa venda e garantir uma conquista.

Com tamanha habilidade para as vendas e conquistas, com o tempo memorizou em quais casas moravam as mulheres mais bonitas, e quando os maridos saíam para o trabalho ele batia no portão para apresentar um produto novo, demorava-se na demonstração, esbanjava charme na tentativa de conquistar algo a mais além de uma venda.

Era um namorador nato, não se importava com moralidades, ou se eram mulheres casadas, solteiras ou viúvas, bastava que fossem bonitas para ele lançar todo seu repertório de conversas repletas de palavras doces e galanteios.

Podia-se afirmar, Clóvis tinha o dom da palavra, parecia hipnotizar as donas de casa com sua conversa, de cada dez mulheres que visitava, pelo menos oito se rendiam as investidas do galanteador.

Depois de conseguir uma venda e algo a mais, antes de sair deixava um cartãozinho com horário e local que poderiam encontrá-lo. Esperto, sempre dava o endereço da gafeira, convidava todas, mas preferia as casadas, pois essas tinham marido, filhos e, portanto, não lhe exigiriam nada.

Em uma quarta-feira, início do verão de 1932, Clóvis perambulava fazendo suas vendas, quando passou em frente a uma suntuosa residência, a propriedade destacava-se pelo grande jardim enfeitado com pilastras que lembravam palacetes gregos, uma verdadeira mansão. Olhando admirado sentiu-se tentado a bater, certamente poderia fazer boas vendas, tocou a campainha e logo foi atendido pelo jardineiro que estava próximo, explicando a intenção de mostrar seus produtos pediu para falar com a dona da casa, o funcionário abriu o portão e levou o rapaz até a porta, pediu que aguardasse enquanto chamaria a patroa. Poucos minutos depois Clóvis foi recebido pela dona da residência, ao avistar a mulher ele se surpreendeu, era Jaqueline, uma jovem linda, o corpo cheio de curvas com uma cintura fina, pernas grossas, seios fartos, cabelos castanhos encaracolados até os ombros, grandes olhos amendoados e uma boca carnuda que deixou o malandro sem ar, com toda certeza era a mulher mais bela que já tinha visitado.

Jaqueline vivia com todo luxo e conforto, e para satisfazer-lhe as necessidades contava com a ajuda de um mordomo, funcionário muito bem pago pelo marido para vigiar todos os passos da mulher.

Era uma jovem de aproximadamente 28 anos, recém-casada com um empresário bem-sucedido, homem de traços fortes, bigodes fartos que não mostrava muita simpatia. O sucesso dos empreendimentos vinha dos cambalachos e negócios escusos, sempre de arma na cintura

até parecia um gangster, era extremamente ciumento quando se tratava da esposa.

Jaqueline não se casou por amor, mas sim pela situação abastada do marido, em verdade, nunca imaginou que o homem se tornaria o tipo obsessivo, que além de lhe trair ainda era violento.

Clóvis quando viu Jaqueline, nem sequer imaginou onde estava se metendo, o que fez foi se esforçar ao máximo para impressionar, entusiasmado foi logo se apresentando:

— Como vai senhorita? Me chamo Clóvis, venho lhe oferecer algumas novidades para sua casa. — Posso ver que é uma jovem muito prendada! Certamente vai se encantar com o que vou lhe mostrar! — Posso entrar para ficarmos mais à vontade durante a exposição dos produtos?

Jaqueline, que não era santa, logo percebeu as intenções do rapaz, notando um homem muito bonito, viu uma oportunidade de diversão, dando um sorriso malicioso respondeu:

— Sim, entre, quero ver o que o senhor tem de bom! Algo que possa facilitar o dia a dia!

— Com certeza mostrarei ótimas coisas! E qual é sua graça? Posso saber o nome tão bela dama?

— Me chamo Jaqueline. Ou melhor, Senhora Jaqueline!

— Sim, claro! Pois bem senhora Jaqueline, vamos ver tudo que possa lhe facilitar a rotina doméstica, uma dama tão bela não deve se submeter a trabalhos árduos e cansativos, merece todo conforto e facilidade.

E assim Clóvis mostrou todos seus produtos, demorou-se o mais que pode. Percebendo que Jaqueline demonstrava outros interesses, não demorou para lançar algumas indiretas que foram bem recebidas. Entre uma demonstração e outra, frases maliciosas, olhares sedutores e sorrisos insinuantes, não demorou muito para que os dois se atracassem na sala da casa. E assim, mais uma vez o malandro se deu bem, conseguiu uma boa venda, algumas horas de paixão ardente e a admiração da cliente.

Algum tempo depois Jaqueline o acompanhava até a porta, o rapaz suado e com os cabelos espalhados sorria maliciosamente, antes de sair deixou seu cartão com endereço, dia e hora que estaria na gafeira, e fez questão de ressaltar:

— Estou nesse endereço todas as sextas! Sem exceção! Sem exceção!

Clóvis voltou para casa certo de que Jaqueline apareceria na gafeira, estava ansioso, não via a hora de rever a mulher, o coração batia mais forte só de lembrar dos momentos que passaram juntos.

Deitado no sofá ele imaginava o próximo encontro, o pensamento viajava quando foi interrompido por uma lembrança, imediatamente o malandro se sentou e falou assustado:

— Meu Deus! A próxima sexta-feira é dia 13! Não, não, não! O que vou fazer agora? Não posso sair nesse dia!

Clóvis era extremamente supersticioso, ir para a gafeira em uma sexta feira 13 era algo impensável, mas dessa vez a história era outra, de um lado havia o medo, do outro, Jaqueline que não lhe saia dos pensamentos, era uma dúvida cruel, passou dois dias em conflito, mas no final o desejo falou mais alto e Clóvis decidiu se arriscar, iria para gafeira.

Na sexta-feira Clóvis começou logo cedo seu ritual de embelezamento, naquele dia caprichou ainda mais, colocou rodelas de pepino em todo o rosto, que era para acabar com qualquer sinal de cansaço, esticou todos os fios de cabelo antes de colocar a meia calça na cabeça, afiou a navalha para fazer a barba e não deixar nenhum pelo no rosto, o que ficou foi apenas o bigode sempre impecável, o processo foi tão demorado que precisou fazer intervalos, deitava em seu sofá para relaxar um pouco, e logo depois voltava para alisar um pouco mais o cabelo, ou tirar algum pelo da sobrancelha, às vezes parava e tirava um breve cochilo, a sessão de embelezamento era cansativa, mas no final o esforço valia a pena.

Por volta das dezoito horas, era o momento de se vestir, mas aquele dia era especial, então recomeçou todo o ritual, mais alguns punhados de creme no corpo, outro tanto no rosto, abriu seu armário

repleto de roupas e vestiu terno por terno para ver qual combinava melhor com cada gravata e cada sapato. Olhava-se no espelho satisfeito com o que via, em sua concepção qualquer roupa lhe caía bem, a verdade é que Clóvis gostava de se ver a própria imagem.

Depois de escolher a roupa voltou mais uma vez para arrumação do penteado, comprou uma cera especial para o cabelo, com um pente fino alisou os fios até todos estarem perfeitamente alinhados, se banhou de loção, deu os retoques finais para que o ritual de embelezamento fosse completado com sucesso, colocou seu chapéu, olhou-se mais uma vez no espelho, e finalmente estava pronto. Por volta das vinte horas saiu caminhando faceiro pela rua, gostava de andar, pois assim podia desfilhar, ser mais visto e admirado.

Chegando a gafeira, como de costume entrou de cabeça erguida, nariz para o alto e peito estufado, mais parecia um sapo cheio de ar.

Naquele dia o salão ainda estava vazio, então decidiu ir para o bar, sentou-se e pediu uma dose de whisky, ficou olhando para a porta aguardando Jaqueline chegar, logo o ambiente se encheu, começaram as músicas, as horas passaram, o baile já estava na metade, e nada de Jaqueline aparecer, Clóvis começou a achar que fez papel de otário, mas logo lembrou que era sexta-feira 13, e para acalmar-se, relacionou a superstição com a ausência de Jaqueline, afinal, ele era o tipo de homem que mulher nenhuma dispensaria, certamente a culpa era do mau agouro daquele dia.

O que ele não sabia é que Jaqueline pretendia ir ao baile, aproveitaria a viagem do marido para escapar, mas na última hora a viagem foi cancelada.

Passada as vinte e três horas Clóvis decidiu voltar para casa, estava ficando tarde e ele não queria arriscar ainda mais, suas superstições o tornavam um medroso, tinha medo de batedores de carteira, oportunistas, temia tudo, até a própria sombra. Logo que começou a descer a ladeira viu um gato preto atravessar poucos metros a sua frente, isso foi o suficiente para que seu coração quase saltasse pela boca, imediatamente deu a volta e retornou para o salão da gafeira onde

ficou até o sol raiar, com a claridade do dia não tinha tanto medo e finalmente criou coragem para descer a ladeira.

Cansado da noitada e com algumas doses a mais de whisky, voltou para seu apartamento trançando as pernas, assim que entrou passou a chave na porta e antes de deitar verificou todas as fechaduras, o rapaz vivia assombrado, sempre temendo que algum dos maridos traídos o encontrasse.

Poucos dias se passaram, e Clóvis resolveu voltar à casa de Jaqueline, notou que o jardineiro cuidava das plantas e havia deixado o portão aberto, aproveitando-se, entrou de fininho e foi direto para porta, estava ansioso para saber por que Jaqueline não foi ao baile, tocou a campainha e não demorou para que a porta se abrisse, para sua surpresa quem lhe atendeu não foi o empregado ou Jaqueline, mas sim um homem sisudo, com cara de poucos amigos, era Estefano, o marido, que impaciente perguntou:

— O que o senhor quer?

Assustando-se com a figura, Clóvis empalideceu, começou a suar frio, esforçando-se para disfarçar o medo iniciou seu discurso de vendedor:

— Boa tarde, meu caríssimo senhor! Me chamo Clóvis, vim lhe apresentar inovadores utensílios domésticos!

Mal conseguia pensar no que falar, pois a cara de Estefano o assustava.

— Quero mostrar-lhe esse novo produto, um batedor de ovos que...

Não conseguiu terminar a frase, foi interrompido por Estefano que foi logo dizendo:

— Minha esposa já comprou um igual esse, não vou comprar nada, tenha uma boa tarde!

E sem delongas fechou a porta na cara de Clóvis.

Temeroso Clóvis voltou para casa, não esperava aquela recepção. Durante alguns dias se isolou em seu apartamento, não saía nem para fazer suas vendas, estava morrendo de medo, ficou com a

imagem do homem na memória e começou a fantasiar e criar ideias de que Estefano sabia de seu envolvimento com Jaqueline.

Os dias passaram e o medo se dissipou, Clóvis retomou sua rotina, voltou às vendas, às cobranças e logicamente à gafeira.

Mais uma sexta-feira havia chegado, e perto das vinte horas, como sempre, ele já estava impecável, lustrava os sapatos pela décima vez, dava a última olhada no espelho, conferia todos os detalhes, ajustava o chapeuzinho e saía.

Caminhando pela rua em passos mansos, cumprimentava e sorria para todos, muito gentil e educado esbanjava cortesias, tamanha era a leveza nos gestos que parecia levitar, na verdade, os movimentos lentos eram para evitar transpiração, sempre colocava papéis em baixo dos braços para absorver o suor, alisava o rosto e cheirava as mãos para ter certeza de que estava perfumado, tinha pavor de qualquer cheiro desagradável, seguia seu trajeto com calma e elegância. Entre sorrisos e cumprimentos olhava para o céu, admirava a lua cheia que naquela noite estava ainda mais brilhante, em seus pensamentos, aquele luar destacava ainda mais todos os detalhes de seu rosto, e realçava ainda mais sua beleza.

Quando Clóvis entrava no salão muitos se viravam para ver quem era o famoso Zé da gafeira, sua fama de conquistador se espalhava como pólvora. Sentindo-se um astro de Hollywood ele entrava sorrindo, com olhar faceiro e malicioso tirava o chapéu e cumprimentava gentilmente as moças.

Cheio de manias Clóvis tinha ritual até no salão, quando chegava dava uma volta completa no ambiente, analisava todos os detalhes para conferir se tudo estava limpo e organizado, então ia para o bar desfrutar da sua dose de whisky.

Por voltas das vinte uma hora começou a movimentação no salão, Clóvis olhava atento para ver quem chegava e quais moças estavam sozinhas.

Como já era frequentador assíduo conhecia todo o repertório musical do lugar, esperava com calma a música ideal para dar seu show particular. No momento certo ia para o meio do salão, com a mão no

peito e olhar penetrante ele começava com passos lentos uma dança solitária, a expressão facial sedutora e sorriso malicioso praticamente hipnotizava as mulheres. Clóvis sabia como chamar a atenção e encantar, fazia tudo de maneira tão peculiar que parecia ter um magnetismo irresistível, rodopiando pelo salão ele observava qual era a mulher mais bela, olhava atentamente, para ser escolhida, a dama deveria atender certos requisitos, não bastava ser bonita, tinha que ser elegante, mas com uma pitada de lascívia, caso contrário ele terminava a dança e partia para nova conquista.

Quando encontrava a eleita estendia a mão e tirava a dama para uma dança, segurava firme pela cintura, puxava para junto do corpo e comandava os passos salão adentro, essa era a maneira que ele usava para mostrar sua virilidade e poder. A tática de Clóvis nunca falhava, ele sempre conquistava quem queria.

Naquela noite acertou logo na primeira, durante todo o baile dançaram colados, com a cabeça cheia de fantasias, os corpos pegavam fogo, ele só pensava que aquela seria a bola da vez, certamente a levaria para cama, já estava no papo. Enquanto isso a moça imaginava que tinha tirado a sorte grande, pois aquele homem tão elegante, bem vestido com roupas e sapatos caros só poderia ser um rico empresário, com certeza deveria ter um carro esportivo aguardando por ele. Mal podia imaginar que Clóvis era um pé rapado, um mascate.

A realidade era que, a eleita de Clóvis era muito parecida com ele, trabalhava como vendedora em uma loja, e todo seu salário era revertido em roupas, sapatos, maquiagens, cremes e perfumes, tudo para ficar bela e conseguir um bom marido, de preferência muito rico.

Em certa altura do baile, o casal decidiu ir para outro local, saíram do salão de braços dados, Clóvis então lembrou que não haviam se apresentado, aquela era a oportunidade ideal para dar continuidade ao encantamento, com palavras bem escolhidas e voz suave ele falou:

— Minha bela dama, ainda não nos apresentamos, eu me chamo Clóvis, e qual é sua graça?

— Muito encantada senhor Clóvis, eu me chamo Maria Eugenia.

Seu nome verdadeiro era Maria da Glória, mas ela achava que Maria Eugenia impressionava mais. Clóvis que também não era de perder tempo logo começou a contar sua história, dizia ser descendente de uma família tradicional vinda da Europa.

Maria Eugenia demonstrava total atenção, mas na verdade estava ansiosa para ver o carro de Clóvis, apesar da enorme curiosidade, não se atrevia a perguntar, impressionada com os galanteios do rapaz, não queria falar nada que colocasse em risco aquele ótimo partido. Era impossível saber qual dos dois mentia mais para impressionar, era um verdadeiro teatro.

Continuaram a caminhar devagar pela ladeira, até que Maria Eugenia não aguentou mais e perguntou:

— Aonde está seu automóvel?

— Minha cara Maria Eugenia, veja que linda noite, que lua encantadora, tanta formosura só perde para sua beleza, cercado por tantos encantos eu prefiro caminhar, vamos passear, por favor me dê essa honra!

Maria Eugenia cada vez mais impressionada, logo pensou que o homem era tão elegante que até se preocupava com a saúde e optava por fazer exercícios e caminhada. Dando um sorriso que misturava inocência com malícia, ela respondeu:

— A honra será minha, meu caríssimo cavalheiro! Mas me diga, para onde vamos agora?

Clóvis parou por um instante, colocou-se rente e quase colado ao corpo de Maria Eugenia, segurou as mãos da moça, olhou no fundo dos seus olhos, e com ar de sincera confissão disse:

— Minha querida Maria Eugenia, sou um homem muito reservado e tradicional, não costumo levar desconhecidos para minha residência, estimo outra oportunidade para levá-la a minha casa e apresentá-la a minha família, mas antes quero conhecê-la melhor, espero que compreenda.

Maria Eugenia quase se desmanchou em compreensão:

— Mas é claro! Compreendo perfeitamente! Dou-lhe toda razão, certamente teremos muitas oportunidades no futuro.

— Se a senhorita aceitar, conheço um lugar aqui perto, muito aconchegante e discreto, poderemos tomar alguns drinks, além de conversar com mais tranquilidade e privacidade.

— Perfeito senhor Clóvis! Vamos!

Entre sorrisos maliciosos, frases dissimuladas, e muitas mentiras, o casal seguiu caminhando até chegar a um bar de luxo, que por sinal ficava dentro de um hotel, mais um lugar em que Clóvis era figura conhecida, todos do hotel acreditavam que aquele era um homem muito rico, afinal, tudo nele indicava isso.

Logo que entraram foram cumprimentados pelos funcionários, sentaram-se no bar e Clóvis pediu um drink:

— Boa noite John, o de sempre, por favor!

— Boa noite senhor Clóvis, providenciarei seu drink.

O nome do atendente era Frederico, mas Clóvis o chamava de John, pois soava mais elegante.

Após servir uma dose de gim para Clóvis, John olhou para Maria Eugenia e perguntou:

— E a senhorita o que deseja?

— Por favor John, me sirva um suco de laranja!

A escolha de Maria Eugenia não agradou a Clóvis, ele sabia que uma bebida mais forte deixaria a moça um pouco mais solta e à vontade. Tentando persuadi-la falou mansamente:

— Querida Maria Eugenia, não seria mais interessante se esse seu suco tivesse uma dose de pecado?

Maria Eugenia sorriu mostrando fingido constrangimento:

— E o que é pecado para o senhor?

— Uma bebida mais atraente! Ora, ora minha querida, vamos comemorar essa noite tão maravilhosa!

Ouvindo disfarçadamente a conversa, e já conhecendo Clóvis, prontamente John perguntou:

— A senhorita deseja algo mais? Posso acrescentar algo?

— Pode John, então vamos comemorar! Mas por favor, nada muito forte!

E John, sabendo das intenções de Clóvis e querendo garantir uma gorda gorjeta, preparou algo bem forte e deu para Maria Eugenia, depois se manteve atento ao copo da moça, garantindo que não ficasse vazio. Enquanto enchia o copo dela com bebidas fortes, acrescentava água à bebida de Clóvis, depois do terceiro drink passou a servir somente água no lugar do gim. Dessa maneira, enquanto Clóvis se mantinha sóbrio, Maria Eugenia mergulhava na embriaguez. Uma estratégia muito bem combinada entre John e Clóvis, que sempre surtia os resultados esperados.

Algumas horas depois Maria Eugenia estava completamente embriagada, e Clóvis que já estava com tudo esquematizado, gentilmente levantou a moça pela mão e sugeriu que ficassem por ali mesmo, uma vez que ela não estava em condições de caminhar. Essa tática era infalível, e, Maria Eugenia aceitou.

Como de costume Clóvis pegou as chaves do quarto, amparou a moça e foi para o elevador, chegando ao aposento, para impressionar ainda mais, abriu um champanhe que já estava preparado, e representando uma verdadeira cena cinematográfica levantou a taça, dizendo:

— Vamos brindar essa noite memorável!

Maria Eugenia, completamente embriagada, impulsivamente levantou a taça falando apaixonadamente:

— Um brinde ao amor!

Clóvis que não queria nem pensar em amor, arregalou os olhos, deu um sorriso disfarçado e completou:

— Um brinde a essa noite maravilhosa!

Antes que Maria Eugenia pensasse em responder o rapaz a envolveu em seus braços dando-lhe um beijo cheio de volúpia, completamente enredada nos encantamentos de Clóvis a moça se entregou sem a menor resistência, ambos envolvidos pelo desejo, passaram a noite mergulhados nos deleites da carne.

No outro dia logo cedo, Clóvis que não gostava de dar explicações, levantou-se na ponta dos pés, se vestiu rapidamente e saiu sem fazer barulho, foi até o saguão do hotel e chamou o recepcionista:

— Cavalheiro, bom dia, como vai? Esqueci minha carteira, por favor, anote minha conta que volto mais tarde para acertar tudo, minha acompanhante ainda está dormindo, caso ela queira pagar depois eu acerto o valor com ela.

Clóvis era um sujeito cheio de manias e defeitos, mas não fazia o tipo golpista, naquele dia não pagou a conta por que precisava receber de clientes que lhe deviam. Saiu do hotel, foi direto para casa, tomou um banho rápido e foi cobrar seus devedores.

Quando Maria Eugenia acordou viu que Clóvis havia sumido, levantou-se furiosa, vestiu-se rapidamente e desceu, completamente ultrajada com a atitude do rapaz falava sozinha enquanto aguardava o elevador:

— Esse salafrário me paga! Como pode me abandonar aqui nesse quarto?

Quando estava passando pelo saguão o recepcionista a abordou:

— Bom dia senhorita, o cavalheiro que lhe acompanhava esqueceu a carteira, disse que caso a senhorita deseje, pode acertar a conta que mais tarde ele irá lhe restituir o valor.

Maria Eugenia parou espantada, não podia acreditar que aquilo estava acontecendo, sem conseguir disfarçar a irritação perguntou para o recepcionista:

— Quanto ficou essa conta?

O recepcionista lhe passou o valor, que por sinal era extremamente alto, indignada, Maria Eugenia respondeu:

— Esse ordinário! Pagarei a minha parte, o restante ele que pague!

Maria Eugenia pagou a parte que lhe cabia e saiu batendo os pés. Ela imaginava que acordariam juntos, tomariam um belo café da manhã e Clóvis a pediria em namoro. Sentindo-se enganada, voltou para sua casa pobre, vestiu o uniforme do trabalho e foi para loja onde trabalhava.

Desiludida, Maria Eugenia passou o dia se perguntando o que poderia ter acontecido para Clóvis a abandonar daquele jeito. No final da tarde, depois de muitas interrogações começou a acreditar que aquele homem deveria ser um empresário muito ocupado, e certamente teve um

contratempo em alguma de suas empresas, sendo obrigado a sair às pressas sem tempo de avisá-la. Maria Eugenia era moça trabalhadora, honesta, mas se perdia nas ilusões de conseguir um namorado rico que a desposasse e desse uma vida confortável. O que fazia era tentar se enganar em relação a Clóvis.

Algumas semanas se passaram, Maria Eugenia se frustrou, pois nunca mais viu o rapaz, esse por sua vez continuava sua vida como se nada tivesse acontecido, e sempre com Jaqueline no pensamento.

CAPÍTULO II

Sombras na Ladeira

Em uma bela manhã ensolarada, Clóvis levantou-se empolgado, arrumou-se de forma impecável, e foi cobrar suas clientes, deixou a casa de Jaqueline por último, queria ter tempo para conversar e matar a saudade. Desde que conheceu a moça fazia visitas semanais, sempre com a desculpa de mostrar algum novo utensílio, era a única maneira de viver aquela paixão proibida.

No final da tarde bateu na casa de Jaqueline, dessa vez foi recebido pelo mordomo, que andava desconfiado das constantes visitas do vendedor. Achava suspeita a maneira como os dois se comportavam, o rapaz sempre chegava aos horários em que Jaqueline estava sozinha, em seguida a patroa dispensava os empregados, e no final da venda Clóvis saía suado e desalinhado.

Atendendo ao pedido do vendedor, o mordomo chamou Jaqueline, assim que o mordomo se afastou, Clóvis deu um beijo na moça e interrogou:

— Afinal de contas, você vai ou não vai me encontrar no baile? Sempre fico te esperando! Já combinamos várias vezes e você sempre me deixa na mão!

— Bem que eu queria, mas não consigo me livrar de Estefano! Ele vive adiando essa viagem, parece pressentir, toda vez que planejo ir até o baile ele fica em casa!

— Tudo bem, teremos outras oportunidades, quero te ensinar alguns passos de dança!

— Tenho vergonha! Nunca fiz nada de errado até hoje, sou uma mulher de respeito, foi só com você que perdi a cabeça! Toda vez que vem me trazer seus produtos não resisto e me entrego ao seu charme, seus beijos e carícias!

— Não tem nada demais em aprender alguns passos de dança, espere ele viajar, ficarei esperando, o convite está de pé! Como sabe, vim receber, você gostou da bateadeira? Ajudou a fazer bons bolos para seu marido?

— Na verdade não gostei, tenho empregadas que fazem bolos melhores!

— Não seja por isso madame, lhe farei outra visita, trarei novos produtos, e entre um produto e outro podemos sempre matar a saudade não é mesmo?

Clóvis mal terminou de falar e Jaqueline avançou para cima dando um beijo, agarrou o rapaz e sem o menor cuidado rolaram à vontade pelo tapete da sala.

Pouco tempo depois Clóvis despediu-se com um beijo, os corações palpitavam completamente envolvidos, cegos de paixão não percebiam que levantavam suspeitas.

O mordomo que ficou espionando assistiu toda cena ardente, naquele dia teve certeza, Jaqueline estava tendo um caso com o vendedor. Não era de se estranhar, os olhares denunciavam, pois pareciam dois pombinhos apaixonados se despedindo com suspiros e sorrisos maliciosos.

Clóvis sequer imaginava no problema em que estava se metendo, o marido de Jaqueline era um sujeito perigoso, década de 30 se espelhava em Al Capone, tinha espiões espalhados por toda cidade, e o mordomo era um deles.

À noite quando Estefano chegou em casa foi para o escritório, logo em seguida o mordomo pediu para conversar:

— Com licença, posso trocar uma palavra com o senhor?

— Pois diga Alfredo, algum problema na casa?

— Não senhor, apenas uma certa preocupação!... Tenho notado que sua esposa tem adquirido muitos produtos domésticos.

— E qual o problema nisso?

— Acredito que o senhor deveria averiguar, pois um certo vendedor tem feito visitas periódicas a sua esposa. Acho que ela está gastando muito dinheiro, pois ele vem todas as semanas oferecer produtos.

— O que você está sugerindo?

— Nada senhor, apenas acho estranho tantas visitas, pois são longas, e o homem sai daqui todo suado e desalinhado!

O mordomo viu uma oportunidade para ganhar dinheiro, e sua investida deu resultados, pois Estefano logo fez a oferta:

— Alfredo, gostaria de ganhar um bom dinheiro?

— Sim, é claro, meu senhor!

— Pois então quero que fique de olhos bem abertos com esse vendedor.

— Ficarei de olho senhor.

— Quero que me passe um relatório de todas as visitas dele! Vou lhe dar uma quantia agora, e dependendo das próximas informações combinaremos boas recompensas.

O mordomo saiu satisfeito, e sem levantar qualquer suspeita começou a investigar a vida de Clóvis, em pouco tempo descobriu a gafeira que o rapaz frequentava onde passou a fazer rondas quase diárias.

Na sexta-feira, o rapaz se arrumou e seguiu para mais uma noitada na gafeira. Como de praxe, assim que chegou deu uma volta para averiguação costumeira, sentou-se no bar, pediu sua bebida e ficou aguardando o local se encher de gente, quem sabe aquela noite conseguisse uma bela companhia.

Passaram-se algumas horas e o local lotou, casais dançavam, moças solteiras procuravam um bom partido, e Clóvis atento a tudo, no entanto, para sua surpresa viu que uma figura conhecida entrou o salão, era Maria Eugenia, ele sabia que ela viria tirar satisfações. Para não ser visto posicionou-se de costas e fez o possível para passar despercebido, olhou de canto e viu que a moça se acomodou em uma mesa, os olhos vasculhavam todo lugar, ela procurava algo, ou alguém, provavelmente ele.

Clóvis achou que o melhor a fazer era sair sorrateiramente, assim evitaria problemas com a moça, terminou sua bebida, e foi esgueirando-se em direção a saída, quando finalmente chegou à porta, viu que do lado de fora o mordomo estava escondido em um canto, parecia atento a todos que entravam e saíam. A presença de Alfredo lhe chamou a atenção, afinal, por que aquele mordomo estava rondando

justamente a gafeira que ele frequentava? Logo concluiu que o marido de Jaqueline estava desconfiando e mandou o mordomo segui-lo.

Clóvis voltou para o salão, sentia-se entre a cruz e a espada, de um lado Maria Eugenia do outro Alfredo, como faria para escapar daquela enrascada?

Voltou para um canto do bar, pediu uma dose de whisky, e ficou pensando em como sair daquela situação. Maria Eugenia já tinha lhe visto, e não tirava os olhos, era uma questão de tempo até que fosse tirar satisfações, entre um gole e outro, ia até a porta verificar se o mordomo continuava a espreita, e para seu desespero o homem parecia um cão de guarda.

Sentindo-se cercado, Clóvis começou a suar gelado, o coração acelerado, mãos trêmulas, o desespero começou a tomar conta, o que ele não imaginava era que as emoções a flor da pele chamariam a atenção de alguém que ele nem se lembrava, mas que também se preocupou com a situação em que ele havia se metido, era seu Guardiã, espírito protetor que o guiava e protegia desde o dia que nasceu.

Todo o desespero ao qual Clóvis se entregou criou a sua volta um campo vibracional negativo, impedindo que seu Guardiã conseguisse ajudá-lo, mesmo assim seu protetor tentou, fez todo o possível para inspirar Clóvis, e fazer com que ouvisse as seguintes palavras:

— Em frente, a esquerda tem uma saída de emergência!

Clóvis não conseguia ouvi-lo, mas por alguns instantes se acalmou um pouco, e seus pensamentos se esclareceram, então notou a placa de saída de emergência, que dava para os fundos do estabelecimento, levantou-se e percebeu que Maria Eugenia lhe seguia com o olhar, e no primeiro momento de distração da moça, ele aproveitou para correr até a saída de emergência e finalmente alcançou a rua. O que ele não imaginava era que Maria Eugenia estava mais atenta do que ele supunha, e assim que ele saiu a moça foi atrás.

O mordomo ficou esperando na porta da frente, e Clóvis saindo pelos fundos, desceu a ladeira em passos largos e apressados, enquanto caminhava os pensamentos não paravam:

— Essa foi por pouco! Em que enrascada fui me meter! Eu deveria me casar, ter uma vida normal e tranquila, construir uma família e abandonar essa vida! Talvez seja melhor procurar outra gafeira, nessa daqui já estou muito visado!

Enquanto caminhava e falava consigo mesmo, Maria Eugenia estava a uns trinta metros atrás seguindo seus passos. Depois de quase dois quilômetros chegou, antes de subir para seu apartamento cumprimentou dois conhecidos que estavam na porta, sem se dar conta de que estava sendo seguido pela moça, subiu, entrou, e se fechou em seu apartamento. Maria Eugenia, que era muito esperta se aproximou dos dois rapazes que estavam na porta e falou:

— Com licença senhores, meu namorado acabou de subir, quero fazer uma surpresa, o problema é que, só estive aqui uma vez, não consigo lembrar qual o número do apartamento, sou muito desatenta para esses detalhes, podem me ajudar?

A moça, toda arrumada e bonita, pedindo com graciosidade, conseguiu que os rapazes lhe falassem o número do apartamento, em seguida tirou os sapatos de salto alto, subiu devagar, não queria dar chances para que o rapaz fugisse mais uma vez, quando chegou bateu na porta.

Clóvis que acabara de entrar e estava tirando os sapatos, supôs que eram os rapazes que certamente lhe pediriam dinheiro para cachaça, impaciente foi atender, e para sua surpresa era Maria Eugenia, imediatamente ele tentou fechar a porta, mas a moça foi mais rápida e conseguiu entrar. Clóvis nem teve tempo de pensar, e já levou um tapa na cara, Maria Eugenia não perdeu tempo e foi falando:

— Seu safado! Mentiroso! Então quer dizer que é nesse muquifo que você se esconde?

Clóvis ficou pálido, pensava em como explicaria a situação. Quando tentou argumentar Maria Eugenia passou a dar-lhe vários tapas. Tentando se esquivar Clóvis pediu:

— Calma! Espere! Posso explicar tudo!

— Então fale seu safado!

— Sou vendedor, gosto de me arrumar, andar bem vestido, mas não sou rico, como pode ver não tenho nada! Acontece que quando te vi na gafeira me encantei com sua beleza, achei que uma mulher bonita como você não daria oportunidade para um pé rapado como eu, o que eu queria era uma noite de felicidade ao seu lado!

— Não me importo com sua vida, ou com essa sua história, o que você queria era me usar, e conseguiu! Como vamos resolver isso agora?

Clóvis estava desesperado e arrependido por ter tomado aquela atitude com Maria Eugenia, tentou mais uma vez argumentar:

— Eu te devo minhas desculpas, não sei como posso reparar o erro que cometi, não tenho nada para lhe oferecer, trabalho para sobreviver, não ganho muito, e vários de meus clientes me devem, vivo sempre esperando para receber, não tenho condições financeiras para assumir um compromisso sério com alguém, ainda mais uma moça fina e formosa como você! Mal consigo me sustentar, por isso invento nomes, cargos importantes, pois é só assim que consigo ficar com uma moça como você. Mas prometo! Essa foi a última vez, vou parar com isso, pois já estou arrumando problemas para minha vida.

— Você é casado?

— Não!

— Mas nem casado você é? Nem mulher, nem filhos, como é que vou me vingar de você? O que é que você tem além desse muquifo, algumas roupas finas e sapatos que brilham? Estou é perdendo meu tempo aqui, vou embora!

Maria Eugenia saiu às pressas, desceu as escadarias chorando, estava irada com tudo que descobriu.

Clóvis fechou a porta, tirou a camisa, deitou-se no sofá e começou a pensar:

— Por que é que não fico com Maria Eugenia? Está na hora de arrumar uma mulher decente, ter filhos, a boemia tem dois lados, um é a farra, que me traz prazeres e alegrias, mas não me leva a lugar nenhum, já ando arrumando problemas, pois sempre me meto com mulheres casadas ou interesseiras!

Envolvido em seus pensamentos lembrou-se de Maria Eugenia que foi embora chorando, sentiu-se culpado e decidiu ir atrás da moça, já era quase duas horas da manhã, perigoso demais para uma mulher andar sozinha na rua. Vestiu a camisa, e desceu correndo, quando chegou à porta perguntou aos dois rapazes para onde Maria Eugenia tinha ido, os dois indicaram a direção e Clóvis pôs-se a correr para alcançá-la, não demorou muito para que a avistasse, tentando ser ouvido, gritou:

— Maria Eugenia, espere! Para onde vai esse horário?

— O que você quer seu cafajeste?

— Esse horário não tem bonde e é praticamente impossível conseguir um táxi, é perigoso andar sozinha, venha comigo para meu apartamento, pode dormir na minha cama, ficarei no chão, é o mínimo eu posso fazer!

Clóvis segurou seu braço com a intenção de guiá-la, mas abruptamente Maria Eugenia puxou e disse:

— Afaste-se de mim seu malandro! Seu marginal!

— Posso ser malandro, mas marginal não sou! Só queria oferecer um lugar seguro para que passasse essa noite, é perigoso andar sozinha! Amanhã cedo você pega o bonde e vai embora!

Maria Eugenia fingiu não ouvir, deu as costas e foi embora, Clóvis ficou parado olhando a moça, que andou alguns metros e logo se deparou com dois suspeitos que vinham em sua direção, rapidamente deu meia volta e correu para perto de Clóvis.

— Está certo, vamos para aquele seu muquifo!

Clóvis sorriu, deu o braço para Maria Eugenia e voltaram para seu apartamento.

Logo que entraram o rapaz acendeu uma vela e lhe mostrou o banheiro. Assustada ela perguntou:

— Não tem luz? Você não paga suas contas?

Clóvis deu um sorriso envergonhado e não respondeu, sua reação por si só contava que a luz estava cortada por falta de pagamento.

Maria Eugenia então olhou o lugar com mais atenção, percebeu que era muito humilde e improvisado, a cama apoiada em tijolos, lençóis velhos faziam o papel de cortinas, o banheiro não tinha sequer um

espelho, a situação era realmente precária. Apesar de tamanha escassez de recursos o lugar era muito limpo e organizado.

Clóvis lhe deu uma toalha de banho, que para seu espanto tinha um furo no meio, sem falar nada ela pegou e se fechou no banheiro, enquanto isso Clóvis trocou os lençóis da cama em que Maria Eugenia dormiria, e no chão improvisou uma cama para ele dormir.

Enquanto organizava o quarto olhou para porta do banheiro completamente velha e cheia de frestas. Clóvis não perdeu tempo e foi espiar a moça que já estava sem roupas, era impossível não admirar sua beleza, corpo bem definido, pernas torneadas, cintura fina, seios fartos, Clóvis então pensou:

— Ela é mesmo muito bonita! É uma pena que seja de farra, mulheres assim só querem saber de homens com dinheiro!

Continuou espiando a moça por alguns minutos, ela terminou o banho começou a secar os longos cabelos, enrolou a toalha em volta do corpo e quando se preparava para sair, Clóvis correu para sua cama improvisada no chão, deitou-se e fingiu não ter visto nada. Ao sair Maria Eugenia perguntou:

— Escute seu cafajeste, você por acaso tem um pente para me emprestar? Meus cabelos estão embaraçados! Nem espelho você tem nesse seu banheiro!

— Minha dama, você perguntou para o homem certo! Vou pegar o pente agora mesmo!

Clóvis foi até seu paletó e pegou um pente de marfim, conhecido na época como Pente O Durão, entregou para Maria Eugenia, olhando o objeto ela balançou a cabeça negativamente falando:

— Até o pente é de cafajeste!

— Não sou cafajeste, mas sim um galanteador! Mulheres como você não conseguem ver a diferença!

Maria Eugenia olhou com uma cara feia, e logo Clóvis concertou dizendo:

— Está certo! Sou um cafajeste! Mas vou mudar! Serei um homem de família!

Maria Eugenia não falou nada, apenas olhou com desdém e voltou para o banheiro, revirou alguns pertences de Clóvis até que achou um pequeno espelho, começou a pentear os cabelos.

Quando estava quase terminando, olhou para o canto atrás da pia e percebeu que algo se mexia, abaixou um pouco e olhou com mais cautela, era um rato. Assustada deu um salto para trás e começou a gritar.

Clóvis levantou num sobressalto e correu para o banheiro, quando entrou viu Maria Eugenia acuada no canto do banheiro apontando para o rato, que em verdade estava mais assustado que ela, na confusão a moça deixou a toalha cair ficando totalmente nua, Clóvis não sabia se olhava o rato ou a mulher despida, sem perder tempo tirou a moça do banheiro e trancou a porta, em seguida a abraçou tentando confortá-la, Maria Eugenia sentiu o corpo do rapaz colado ao dela, e não demorou para perceber que aquele abraço estava cheio de malícia e segundas intenções, afinal, ela estava nua. Irritada ela empurrou Clóvis, e deu-lhe um tabefe:

— Seu safado! Me solte! Entre lá e de um jeito naquele rato!

Clóvis estufou o peito e entrou no banheiro, poucos segundos depois saiu gritando apavorado, Maria Eugenia não acreditava no que via:

— Não acredito nisso! Seu frangote! Pegue um pano, volte para aquele banheiro e espante esse rato! Seja macho!

Clóvis se fechou no banheiro e com muito custo conseguiu espantar o pequeno invasor que entrou pelo ralo e foi embora. Saiu do banheiro sorrindo, peito estufado e cheio de orgulho, com uma cara de quem acabava de realizar grande feito:

— Pronto minha dama, não se preocupe, já está segura, o invasor foi embora!

Maria Eugenia fingiu não ouvir, deitou-se e fechou os olhos para dormir, Clóvis entendeu que era melhor fazer o mesmo.

Acomodou-se no chão, fechou os olhos, mas o sono não vinha, passaram-se vários minutos e os dois continuavam rolando de um lado para o outro, Clóvis de olhos estalados, Maria Eugenia suspirando e bufando, inquieta com a situação ela perguntou:

— Malandro! Está dormindo?

— Eu não estou conseguindo, e você?

— Também não, por que você não consegue dormir? Tem insônia?

— Não tenho insônia, é você que me faz perder o sono, sinto vontade de me deitar do seu lado!

Enquanto falava Clóvis se esgueirou como um gato manhoso para o lado de Maria Eugenia, que por sua vez não resistiu à investida do rapaz e cedeu aos seus carinhos, e mais uma vez passaram a noite juntos.

No dia seguinte levantaram-se, vestiram-se em silêncio, quando estavam prontos Clóvis falou:

— Eu te levo em casa, mais uma vez peço desculpas por tudo, principalmente por ter me excedido na noite passada, espero que compreenda que foi algo feito no calor da emoção, sem compromisso.

— Eu concordo, também cedi por instinto, nada de compromisso!

Desceram, pegaram o bonde e seguiram para Tijuca, a maior parte do tempo em silêncio, até que chegaram ao ponto em que deveriam se despedir, Maria Eugenia olhou para Clóvis e lamentou:

— Poderia ser muito diferente, você não é tão ruim assim!

— Sou um homem safado sim, gosto de mulheres, mas não sou um crápula! O que preciso é conseguir um emprego melhor, me estabelecer.

Deu um beijo em Maria Eugenia e cada um seguiu para seu trabalho buscar o sustento para vida que escolheram.

Depois daquela noite Clóvis refletiu sobre a vida que levava, decidiu que não voltaria a casa de Jaqueline, mais tarde ficou sabendo que naquela noite de apuros, o mordomo ficou até as seis horas da manhã esperando do lado de fora da gafeira, certamente estava o seguindo.

Alguns meses se passaram, Clóvis enfrentava dificuldades financeiras, as dívidas se acumulavam, os clientes que lhe deviam sempre davam desculpas, ele já não sabia o que fazer, então lembrou de Jaqueline, pois essa ainda lhe devia a última mercadoria, era mulher de

posses e sempre pagava muito bem. Decidiu que era a única saída, voltaria à casa da moça, uma visita rápida e sem envolvimento, quem sabe o mordomo nem notasse.

Se arrumou todo, e foi ver Jaqueline, chegando na mansão bateu a porta, e quem o recebeu foi Cida, a empregada mais antiga da casa, uma senhora simpática que gostava muito de Jaqueline, sorrindo, Cida cumprimentou:

— Boa tarde senhor! Quanto tempo não o vejo!

— Boa tarde senhora, andei adoentado por um longo tempo, essa gripe que circula por aí, dizem que é gripe espanhola!

A empregada acreditou, imaginou que a gripe tivesse vindo de navio, curiosa com as novidades que o vendedor trazia, ela perguntou:

— O senhor trouxe produtos diferentes hoje?

— Sempre tenho novidades! Mas hoje vim apenas para receber pelas últimas mercadorias!

— Vou chamar a patroa, aguarde um momento, por favor.

Clóvis ficou na sala aguardando Jaqueline, percebeu que do lado de fora da mansão alguém o olhava de longe, era o mordomo que se aproximava enquanto o encarava fixamente. Clóvis começou a suar frio, vivia com medo, estava traumatizado, pois sempre estava envolvido em problemas com mulheres casadas, nisso Jaqueline apareceu na sala, e o rapaz perdeu o mordomo de vista. A moça não escondia a irritação, em tom grosseiro, perguntou:

— Então quer dizer que o senhor veio receber seu pagamento?

— Desculpe-me a ausência senhora, andei muito adoentado, tive gripe espanhola!

— Gripe espanhola? Como assim? Estamos em 1934, essa gripe foi há muitos anos!

Tentando se explicar, ele se aproximou de Jaqueline e falou baixinho:

— Jaqueline, já faz algum tempo que seu mordomo anda me seguindo!

Jaqueline empalideceu, olhou ao redor e percebeu que o mordomo estava entrando na casa, Clóvis tentava disfarçar, mostrava

alguns produtos, suava cada vez mais, e mais frio, Jaqueline notando, perguntou:

— Você está bem?

— Desculpe, tenho problemas com ansiedade!

Nesse instante o mordomo entrou na sala, trazendo uma bandeja com copos de água, e ofereceu a Clóvis:

— Muito obrigado, mas vou recusar a água, hoje só passei rapidamente para mostrar alguns produtos a sua esposa!

Clóvis sabia que ele não era o marido, mas pensou que se mentisse pudesse passar por inocente e se livrar daquela confusão.

— Não sou o esposo da senhora Jaqueline, me chamo Alfredo, sou o mordomo da casa.

— Me desculpe, é que sempre o vejo tão bem vestido, parece um homem de negócios, acreditei que era dono da casa, e esposo da senhora.

Jaqueline percebeu que algo errado estava acontecendo, então tratou de interromper a conversa dos dois:

— Alfredo, agradeço, mas pode voltar para seus afazeres, vou pagar as mercadorias para o senhor Clóvis, pois hoje ele está com pressa. Se possível gostaria que coordenasse o trabalho no jardim, peça para Cida lhe ajudar.

— Sim senhora, irei agora mesmo, tenha uma boa tarde senhor Clóvis.

Clóvis não conseguiu responder, e Jaqueline mal esperou o mordomo se afastar para falar:

— Que saudade tenho de você!

— Eu também tenho saudades, mas cansei dessa vida, já arrumei muita confusão!

Jaqueline que não estava interessada nas palavras de Clóvis começou a deslizar as mãos entre as pernas do rapaz. Apesar do medo, ele não aguentou, sucumbiu aos agrados e agarrou Jaqueline, esquecidos dos riscos, entrelaçaram-se na sala mesmo.

Depois de matarem toda a saudade Clóvis se vestiu rapidamente, estava desesperado, o arrependimento e medo vieram à tona, com voz trêmula e ofegante falou:

— Jaqueline! Você me faz perder a cabeça! Como vou sair daqui nesse estado? Todo despenteado, suado, e com aquele mordomo lá fora!

— Se acalme! Ele não viu nada, foi cuidar do jardim!

Jaqueline acreditava que não foram vistos, o que ela não sabia era que o mordomo estava sendo pago pelo seu marido, e assistiu a toda cena de paixão entre os dois. A moça colocou o dinheiro no bolso de Clóvis, arrumou os cabelos e acompanhou o vendedor até a porta, despedindo-se falou formalmente:

— Agradeço senhor Clóvis, assim que possível me traga os novos produtos!

Clóvis se despediu, e acenou para o mordomo que os observava de longe, tentou andar devagar para disfarçar, mas a vontade que tinha era de sair correndo, voltou direto para seu apartamento, onde se fechou e não saiu mais naquele dia.

CAPÍTULO III

Honra Lavada

À noite, na casa de Jaqueline, o marido chegou e foi direto para mesa de jantar, o mordomo queria esperar a hora certa para falar sobre o que tinha visto, era uma boa oportunidade para conseguir mais algum dinheiro, precisava ser astuto. Durante o jantar Cida, inocentemente perguntou a Jaqueline:

— A senhora comprou algo novo para a cozinha?

— Não Cida, hoje não, apenas paguei o vendedor.

Estefano olhou desconfiado e perguntou para Cida:

— O vendedor voltou?

— Sim, ele trouxe novos produtos para senhora ver!

— Então é com essas bobagens para casa que sua patroa gasta o dinheiro! Me diga Jaqueline. Você gosta dos produtos que esse rapaz traz?

— Sim, são muito interessantes, ajudam Cida na cozinha.

Jaqueline sem perder tempo perguntou como andavam os negócios do marido, e o assunto sobre Clóvis se encerrou.

Após o jantar Estefano seguiu para o escritório, mas antes chamou o mordomo, e logo interrogou:

— Alfredo, soube que aquele vendedor esteve aqui hoje!

— Sim senhor, é verdade!

— Quero que me passe o relatório completo do que tem visto.

O mordomo que queria conseguir a maior quantia possível começou a contar:

— Eu o segui por alguns dias, descobri que ele frequenta uma gafeira na Lapa, o rapaz é muito esperto, logo desconfiou que eu estava em seu encalço e conseguiu me despistar, depois disso desapareceu do mapa por um bom tempo. Hoje apareceu com uma conversa disfarçada.

— O que mais você descobriu?

— Tentei ficar na sala para ouvir um pouco da conversa, mas a patroa pediu que eu fosse ajudar a Cida cuidar do jardim.

— Como assim? Os dois ficaram sozinho? Não mandei que ficasse de olho?

— Sim, e eu fiquei de olho como o senhor mandou, acredito que não vai querer que eu lhe conte em detalhes sobre tudo que aconteceu entre os dois naquela sala!

— Alfredo, você está insinuando que minha esposa...

— Sim senhor Estefano! A patroa e esse vendedor não perdem tempo, basta alguns minutos sozinhos para que se agarrem!

O rosto de Estefano enrubesceu, os olhos pareciam faiscar, controlando-se para não gritar, pediu:

— Quero que me conte onde esse rapaz mora, que lugar ele frequenta, quero saber tudo que você descobriu!

Era nesse ponto que Alfredo queria chegar, pois agora tinha a faca e o queijo na mão, se o patrão queria saber o endereço da gafeira teria que pagar um bom preço. Ardilosamente Alfredo fez sua jogada:

— Bem, o senhor sabe como é! Passei noites acordado seguindo esse rapaz, andei por lugares perigosos, arrisquei minha vida nas madrugadas...

— Fale logo homem! Quanto você quer?

Alfredo pegou uma caneta sobre a mesa e rabiscou uma quantia em um pedaço de papel, em seguida entregou ao patrão

— Você enlouqueceu? Isso é muito dinheiro!

— Sei que é uma quantia alta, mas veja bem, esse rapaz anda por ladeiras perigosas...

— De forma nenhuma te pagarei essa quantia, te dou a metade!

— Sinto muito senhor, a metade não paga todo risco que passei! Preciso levar em conta a noite em que amanheci na porta daquela gafeira, todo o trabalho que tive nas minhas horas de folga quando investigava com os malandros da região sobre esse rapaz, deu trabalho, mas descobri muitas coisas interessantes!

O mordomo sabia como instigar a curiosidade e a fúria do patrão.

— Não me interessa, te pago a metade e nem um centavo a mais! Essa é minha última oferta! Alfredo, pense bem, não queira

encontrar o mesmo destino que aguarda esse vendedor! É melhor que aceite e conte tudo de uma vez!

Alfredo notou o tom ameaçador, conhecendo a fama do patrão sabia que o melhor seria aceitar, naquele momento compreendeu que estava brincando com o perigo, amedrontado resolveu falar:

— Com certeza! Pensando bem, a metade está ótimo! Vou contar tudo que descobri!

Alfredo começou a narração:

— Esse rapaz é um boêmio, muito galanteador, se veste sempre muito bem, se envolve somente com mulheres bonitas, muitas das quais são casadas, aproveita o trabalho de vendedor para visitá-las quando os maridos saem para o trabalho, na gafeira escolhe sempre as moças mais elegantes e belas, conta várias histórias falsas sobre sua família, nome e profissão. Investiguei na região, e ninguém sabe seu nome verdadeiro, é conhecido como Zé da Gafeira.

— E onde esse malandro mora?

— Não consegui descobrir onde ele vive, sei que é em um cortiço próximo a gafeira que ele frequenta, na noite em que me preparei para segui-lo até a casa ele deve ter notado minha presença e saiu pelos fundos, depois disso sumiu e voltou a aparecer hoje. E pelo que consegui ver, estava com muitas saudades da sua esposa!

— Vou matar esse desgraçado! E quanto a Jaqueline! É uma ordinária, não vale nada! Ela que me aguarde, vou devolvê-la para o lugar de onde veio! Ficaré mal vista pelo resto da vida! Acabarei com os dois! E quanto a você! Pegue seu dinheiro e suma da minha frente!

Estefano estava furioso, babava, e quanto mais falava mais perdia a cabeça, o ódio tomou conta do homem que pronunciava palavras terríveis! Alfredo não perdeu tempo, pegou seu dinheiro e sumiu, foi embora na mesma noite.

Jaqueline que estava no quarto, não imaginava o que se passava no escritório, acreditava que o marido estava dando ordens comuns ao mordomo. No início do envolvimento com Clóvis ela era cuidadosa, temia que o marido descobrisse, mas com o passar dos meses, e as várias visitas do vendedor, Jaqueline passou a relaxar, sentia-se segura e

acreditava que nunca seria descoberta, sequer imaginava que o marido já sabia de tudo.

Estefano ficou horas no escritório, sozinho concatenava como se vingaria de Clóvis e daria uma boa lição em Jaqueline, em suas reflexões se deu conta de que Alfredo não lhe deu o endereço da gafeira que Clóvis frequentava, foi até o quarto do mordomo, mas esse já tinha partido.

Voltou para seu escritório, sentou-se e pôs-se a pensar em como acharia o rapaz, pois nem o nome verdadeiro do malandro ele sabia, foi então que lembrou que o mordomo comentou que a gafeira ficava na Lapa, apesar de existirem vários estabelecimentos parecidos na Lapa, isso já era um começo, decidiu então que procuraria por Clóvis em todas as gafeiras, poderia demorar, mas certamente uma hora ele o acharia, e nesse dia o rapaz aprenderia a nunca mais mexer com a mulher dos outros. Quanto a Jaqueline, essa ele deixaria para depois, a prioridade era Clóvis.

Clóvis naquela noite parecia sentir que o perigo o rondava, decidiu que nunca mais voltaria à casa de Jaqueline, e passaria a frequentar outras gafeiras.

Os dias seguiram normalmente, Clóvis levava a vida como sempre, continuava arrumando problemas com as mulheres, passou a frequentar gafeiras diferentes, pois assim evitava encontrar as mesmas moças e ter problemas. O que ele não imaginava era que Estefano passou a frequentar todos os bares, boates, gafeiras da região.

Certa manhã Clóvis saiu para comprar algumas roupas novas, manter a aparência impecável era fundamental, pegou o bonde e foi para região da Tijuca, logo que desceu deparou-se com uma vitrine que lhe chamou a atenção, interessado entrou na loja, logo a vendedora se acercou para atendê-lo, e para surpresa dos dois a vendedora era Maria Eugenia:

— Clóvis! O que faz aqui? Como me encontrou?

Clóvis olhou assustado para moça, no entanto, o maior susto veio quando olhou para sua barriga, era impossível negar, Maria Eugenia estava grávida.

— Não sabia que você trabalha aqui, entrei para comprar algumas roupas, deve ser obra do destino! Você está grávida?

— Sim, estou grávida, nunca mais te procurei porque achei melhor não te falar nada sobre essa criança, resolvi tocar minha vida sozinha!

— Como assim não me falar nada sobre essa criança? Você quer dizer que esse filho é meu?

— Sim, é seu filho!

— Mas como pode ter certeza de que é meu filho?

— Ora seu patife! Pensa o que? Sou uma moça de família, só estive com você! Como pode ver somos muito parecidos, trabalho como vendedora para sobreviver, não sou uma pessoa de posses, sempre gastei todo meu salário com belas roupas e sapatos, na esperança de um dia encontrar um bom partido, mas agora, está tudo perdido. E você ainda duvida da minha honestidade!

— Me desculpe! Fui pego de surpresa! Se é meu filho com certeza vou ajudar, quero fazer meu papel de homem, mas só terei certeza que é meu filho quando ver a cara dessa criança!

— Ouça, não pretendia te procurar, mas como você apareceu aqui, talvez seja obra do destino mesmo, quem sabe possa me ajudar! Meus pais não sabem quem é o pai dessa criança, se você pudesse se apresentar, explicar que tem uma vida humilde, talvez isso ajude-os a aceitar a situação! Nossa casa virou um inferno depois que minha barriga apareceu, não sei se vou aguentar!

— Claro que lhe ajudo! Mas quero ser recebido com respeito, feito homem, não como um animal! Que tal marcarmos para os próximos dias?

— Pode ser, agradeço a ajuda!

— Faremos isso logo! Não tenha medo, não te abandonarei, darei toda assistência possível, todos os meses ajudarei com uma quantia para cobrir os gastos, não te digo que vamos nos casar, mas assumirei todas as dívidas.

— Não esperava que assumisse um compromisso sério comigo, sei como você é!

— Estou mudando Maria Eugenia! Mas tem coisas que demoram um pouco! Fique calma que resolveremos tudo da melhor forma! Voltarei logo para marcarmos o dia que irei conversar com seus pais.

Despediram-se, Clóvis voltou para seu apartamento, imaginava como poderia ser a vida com Maria Eugenia, um filho, quem sabe essa não era uma oportunidade para mudar de vida de uma vez por todas. Aos poucos estava abandonando a vida de boêmio, mas era difícil modificar velhos hábitos, ainda tinha recaídas. Com o tempo certamente conseguiria.

Depois de um longo dia de trabalho que não lhe rendeu bons frutos, Clóvis sentia-se cansado, queria se distrair um pouco, foi então que teve mais uma de suas recaídas, decidiu ir até a gafeira relaxar um pouco, para evitar problemas iria até um lugar que frequentava antigamente, distante do cortiço em que morava.

Chegou ao lugar, foi até o bar, sentou-se, pediu uma bebida e ficou aguardando que as moças começassem a chegar. Por volta das vinte e uma horas Clóvis olhava para o salão cheio, apreciava as belas moças e procurava qual a mais bonita, dançou a noite toda, mal podia supor que Estefano estava do lado de fora espiculando as pessoas sobre o Zé da Gafeira.

Entre um suborno e outro, logo Estefano ficou sabendo que o rapaz andou sumido por um tempo, mas naquela noite estava no salão dançando.

Ansioso para confirmar se a informação era verdadeira, Estefano pagou a entrada, logo avistou Clóvis, se encostou em um canto onde podia vigiar sem ser visto. Passou a noite observando, por volta das duas horas da manhã percebeu que o rapaz se preparava para ir embora, sem ser notado, levantou-se e seguiu Clóvis.

Enquanto o rapaz caminhava faceiro sequer imaginava que Estefano estava a poucos metros atrás, carregava um 38 na cintura, a mente atormentada pela traição e o coração sedento de vingança.

Estefano apressou os passos, cuidando para não fazer barulho se aproximou pelas costas de Clóvis, discretamente segurou em seu braço e sussurrou:

— Cale-se! Não abra a boca! Há meses procuro por você! Vamos sair daqui!

Clóvis sentiu o cano do revólver em suas costas, de início não reconheceu o homem, pensou ser um assalto, então fez o que ele pedia, Estefano o conduzia pelas ruas, caminhava rumo a um beco próximo. Clóvis cada vez mais apavorado falou:

— Nunca fiz mal a ninguém!

Estefano apertou ainda mais seu braço, entre dentes falou:

— Talvez não tenha feito mal contra homens, mas para mulheres sim!

Estefano estava cego de ódio, procurava pelo beco, onde poderia realizar sua vingança.

— Deixe-me refrescar sua memória, lembra-se de Jaqueline? Da casa que você tanto visitava? Pois bem meu caro, aquela é minha casa, e Jaqueline é minha esposa!

Aquela revelação impactou o malandro de tal maneira, que o coração bateu ainda mais rápido, sabia que sua vida estava por um fio, aquele homem certamente o mataria, Estefano não parava de falar:

— Jurei que primeiro daria um jeito em você, depois nela, sujeitos da sua espécie não deveriam existir!

Clóvis não falava nada, estava em pânico, começou a rezar para todos os santos, jurou que mudaria de vida, rezava, suplicava.

Em meio a toda a reza e aflição seu Guardião se aproximou, percebeu que a situação era grave, pensava em como ajudar seu protegido a sair daquela enrascada, logo o Guardião de Estefano e o mentor de Clóvis também se aproximaram, juntos se acercaram de Estefano e Clóvis, tentavam lhes inspirar bons pensamentos, mas as energias ao redor dos homens impedia qualquer comunicação, a situação atraiu vários espíritos perturbados, alguns eram obsessores de outras existências que acompanhavam Estefano. No plano astral podia-se ver uma grande algazarra.

Chegaram numa viela praticamente vazia, Estefano mandou que Clóvis parasse e se virasse para ele, o rapaz cumpriu a ordem. Estefano surdo às influências de seu Guardião e afinado com as sugestões de espíritos atrasados, mostrava-se cada vez mais envolvido em pensamentos de vingança, atormentado passou a insultar Clóvis.

O Guardião de Clóvis viu que a alguns metros dormia um mendigo, o homem repousava cercado por espíritos atormentados que lhes sugavam as energias, essa energia poderia ser usada para ajudar naquela situação, sem perder tempo o Guardião se aproximou do mendigo, espantou os espíritos que o envolviam, e usando dos fluidos emanados pelo homem, fez uma bola de energia e atirou contra uma lata velha que estava num canto da viela. O barulho causado pelo impacto da energia contra a lata assustou Estefano que se virou para olhar.

Quando Estefano se virou, Clóvis aproveitou para empurrá-lo, derrubando o homem no chão, sem perder tempo o rapaz correu o mais rápido que conseguiu. Estefano levantou-se e disparou em sua direção, a mira seria certa, mas o Guardião de Clóvis que já tinha manipulado outra bola de energia lançou a mesma em direção ao projétil, que teve seu trajeto desviado e pegou de raspão no braço do rapaz, enquanto isso o mentor de Clóvis e o Guardião de Estefano tentavam manter afastados a horda de espíritos que se aproximavam em retumbante gritaria.

Estefano tentou mais uma vez, deu outro tiro na direção de Clóvis, dessa vez o rapaz escorregou e caiu, antes que Estefano disparasse a terceira vez ele levantou-se correndo e conseguiu sair da viela. O mendigo que acordou com os tiros apenas cobriu a cabeça, de certa forma já era acostumado a violência noturna nas ruas.

Estefano se deu conta que os tiros poderiam ter chamado a atenção das pessoas, apressou-se em guardar a arma e foi embora jurando que encontraria Clóvis novamente.

Aos olhos de qualquer encarnado aquela viela parecia vazia, via-se apenas o mendigo em seu canto, mas por trás das cortinas invisíveis do astral era uma verdadeira algazarra de espíritos enlouquecidos e excitados com o quase homicídio.

Invisíveis aos olhos daqueles atormentados, dois Guardiões permaneciam no lugar, um da falange dos Sete Porteiras, que cuidava de Clóvis e o outro da falange dos Tranca Ruas, que cuidava de Estefano, os Guardiões conversavam para tentar resolver o problema. Seu Sete Porteiras em tom preocupado falou:

— Como faremos para ajudar esses dois?

— Pois é meu amigo, venho tentando cumprir minha missão com Estefano, mas ele se deixou envolver pelas influências de espíritos vingadores que buscam sua derrota, querem que ele cometa esse crime, pois assim aumentará ainda mais seus débitos. Já não consegue me ouvir, pois mentalmente se ligou com esses irmãos infelizes.

— Sei como é difícil e complicado, também tenho tentado, sem muito sucesso influenciar Clóvis, faço todo possível para que me ouça e siga por outros caminhos!

— Teu protegido tem um bom coração, mas é inconsciente, não percebe que essa vida de farras é o oposto do que se propôs a fazer quando reencarnou! Eu tento me aproximar de Estefano, mas as energias que o circundam são densas demais, não consigo atravessá-las, de tempos em tempos banimos todos os espíritos que o cercam, mas suas atitudes e pensamentos são chamarizes para esses miseráveis.

— Por hoje conseguimos evitar o pior, vou para junto de Clóvis, pode ser que agora me ouça, sugiro que faça o mesmo com Estefano!

— Com certeza, irei para casa de Estefano agora mesmo.

Os guardiões seguiram para perto de seus protegidos,

Clóvis que nunca havia corrido tanto já estava chegando em seu apartamento, entrou apressado, trancou a porta, fechou as janelas, tirou as roupas que estavam rasgadas, começou a fazer um curativo no braço, enquanto limpava o ferimento pensava:

— Como é que fui me meter nessa enrascada! Minha sorte foi que esse tiro pegou de raspão! Estou cansado, nunca corri tanto em minha vida!

O rapaz foi se deitar, não conseguia perceber, mas ao seu lado estava seu Guardião, Sete Porteiras plasmou uma poltrona e sentou-se refletindo, olhou para seu protegido e falou:

— O que faço com você? Se ao menos elevasse um pouco os pensamentos, então abriria seu campo de energia e conseguiria receber minhas sugestões! Às vezes é difícil cumprir os compromissos que assumimos! Prometi te proteger, mas com essas vibrações não consigo me aproximar e te ajudar!

Após o susto Clóvis ficou alguns dias trancado em seu apartamento, passava o dia na janela espiando para ver se Estefano não estava pelas redondezas. Para sua sorte ninguém soube dizer para o marido traído o endereço do famoso Zé da Gafieira.

Aos poucos voltou à rotina, precisava trabalhar para sobreviver, se empenhou mais ainda para mudar de vida, estava decidido a abandonar a boemia, queria ajudar Maria Eugenia e a criança que em breve chegaria. A perseguição de Estefano o obrigou a mudar de clientela, passou a fazer suas vendas em outros lugares, o que dificultou ainda mais sua vida financeira.

Algumas semanas se passaram, após mais um dia de trabalho, Clóvis chegou em seu apartamento, havia caminhado o dia inteiro tentando fazer suas vendas, a maioria recusava seus produtos, e os que gostavam não tinham dinheiro naquele momento, conseguir outra clientela seria mais difícil do que ele supunha. Estava cansado, desanimado, entristecido, sentado em seu sofá velho, refletia:

— Estou cansado de levar essa vida! Ou passo os dias batendo de porta em porta para ouvir recusas, ou fico trancado em meu apartamento. Preciso de um pouco de diversão, já é quase natal, as ruas estão cheias, hoje é sexta-feira, a noite está linda, vou sair um pouco!

Em seguida foi se arrumar, e pouco tempo depois saiu.

Decidiu que iria para uma gafieira onde esteve poucas vezes, assim que chegou entrou no lugar, e foi para o bar, pediu uma bebida, olhava as pessoas que aos poucos enchiam o salão, enquanto relaxava, pensava:

— Só quero relaxar! Quem sabe dançar, nada de problemas com mulheres! Quero apenas me divertir um pouco.

Clóvis bebeu mais alguns drinques, viu que uma moça muito bonita o olhava, resolveu tirá-la para dançar, depois de algumas músicas a moça insinuou:

— Podíamos sair um pouco, ir para um lugar mais calmo, o que acha?

— Olha moça, não me leve a mal, vim para me divertir um pouco, precisava relaxar, você é muito bonita, mas não quero arrumar problemas com mulheres.

— Não sou casada, também não tenho namorado, não vejo problema nenhum!

— Agradeço muito o convite, mas já está tarde, preciso ir embora, amanhã logo cedo tenho que trabalhar. Desejo uma boa noite, e mais uma vez agradeço a dança e a ótima companhia.

Clóvis, sentiu-se tentado com o convite, a moça era realmente muito bonita, mas estava decidido no propósito de seguir uma vida nova, pretendia visitar Maria Eugenia nos próximos dias e ajudar a moça a resolver o problema com os pais. Voltou para o bar, pediu uma última bebida, quando estava se levantando viu que Estefano entrava no salão.

O coração de Clóvis quase parou de bater, não sabia se corria ou se escondia, ficou paralisado, tentava pensar, mas o pavor impedia, então lembrou-se da vez que saiu pela saída de emergência, começou a procurar a placa de saída, avistou que estava a alguns metros do bar, se esgueirou entre as pessoas, e conseguiu acessar a porta. Quando alcançou a rua estava com as pernas tremendo, deu apenas alguns passos e notou que alguém vinha atrás, virou-se e viu que era Estefano.

Clóvis não esperou, saiu correndo, ouviu o primeiro tiro, que acertou em seu ombro, com o impacto e a dor caiu no chão, mas o medo fez com que se levantasse e continuasse correndo. Estefano que continuava mirando, deu outro tiro, que dessa vez passou longe do rapaz. Clóvis conseguiu virar a esquina que dava em uma avenida movimentada, para sua sorte Estefano não se atreveu a continuar atirando, visto que o local estava cheio de pessoas.

Clóvis se perguntava como Estefano o havia encontrado, ele raramente ia até aquela gafeira, o que ele não sabia era que Estefano

subornou os porteiros de quase todas as gafeiras da cidade, pagou olheiros em bares, salões, deu a todos uma boa quantia e as características do rapaz, deixou avisado, caso o malandro aparecesse que informassem imediatamente. Então bastou que Clóvis pisasse no salão para que avisassem Estefano, e esse logo seguiu no encalço do rapaz.

Clóvis caminhava sem rumo, entristecido e desanimado, o ombro doía muito, os joelhos machucados pela queda, sentia-se um prisioneiro, pois onde quer que fosse lá estava Estefano pronto para se vingar. Caminhou por horas, havia perdido muito sangue, já pálido e enfraquecido decidiu entrar em um boteco.

Sentou-se, pediu uma bebida e resolveu esperar, pois logo amanheceria, o ombro que não parava de sangrar chamou a atenção do dono do bar, esse olhando para Clóvis com atenção logo supôs que um rapaz tão bem alinhado deveria ter sido vítima de um assalto:

— O senhor foi assaltado? Precisa ser hospitalizado! De onde o senhor está vindo?

— Estou vindo da Lapa!

— O senhor não deveria andar pela Lapa, é um lugar cheio de boêmios, é perigoso!

— Agradeço por suas palavras, serei mais cuidadoso, não se preocupe, estou bem!

Com vários olheiros pela cidade, Estefano foi avisado do trajeto que Clóvis percorreu, e não demorou muito para que chegasse ao boteco que o rapaz estava.

Eram quase cinco horas da manhã quando o silêncio da madrugada foi interrompido por três tiros.

Estefano entrou de surpresa no boteco, tomado por um pressentimento avassalador Clóvis virou-se para ver quem entrava, e antes que falasse qualquer coisa foi alvejado por três tiros, o primeiro acertou diretamente no peito, o segundo na barriga, e o terceiro Estefano fez questão de mirar no meio das pernas, que era para deixar registrado o que aconteceria com quem mexesse com sua Jaqueline.

Naquela madrugada de dezembro, no ano de 1934, Estefano concretizou sua vingança, para ele sua honra estava lavada, só faltava se

acertar com Jaqueline. O homem sequer imaginava que a sua volta vários espíritos desequilibrados vibravam, gritavam e comemoravam sua derrota.

Para Clóvis, cujo corpo se encontrava caído naquele boteco, se iniciava uma nova caminhada.

SEGUNDA PARTE

Ditado por Zé Pilintra

CAPÍTULO I

Preso pela Vaidade

Eu desencarnei muito jovem, com apenas 34 anos e antes do tempo previsto.

Durante a fuga perdi a carteira com todos meus documentos, ninguém soube dizer de quem era o corpo encontrado no bar.

Concretizada a vingança Estefano deu as costas e sumiu, o dono do boteco correu chamando por socorro, no entanto, nada podia ser feito, só restava aguardar que recolhessem meu corpo estirado no chão, já desencarnado continuei preso ao corpo, não sentia nada, estava como em um coma profundo.

Por volta das sete horas da manhã, a polícia chegou para as averiguações de praxe, justificando a morte como sendo consequência de um assalto, em seguida acionaram o Instituto Médico Legal para onde fui levado.

Pouco tempo depois dois homens fortes colocaram meu cadáver em um saco preto e levaram para o IML, onde o médico legista faria a autópsia.

Permaneci inconsciente até ser colocado na mesa da sala de autópsias, a sensação gelada em minhas costas me fez despertar para algo que parecia um pesadelo. Como se retornasse de um sono profundo ou de um coma, me sentia desnortado e confuso, não conseguia entender que lugar era aquele, tentava me movimentar, mas estava paralisado.

O corpo físico estava morto, mas por meio do corpo espiritual eu conseguia ver e ouvir tudo que acontecia a minha volta, tentava, mas não conseguia falar ou me mexer, acreditava ter sobrevivido aos tiros, e que estava em um hospital aguardando atendimento.

Percebi que dois homens conversavam ao meu lado, prestando atenção em suas palavras não acreditei quando ouvi a conversa, enquanto me apalpava o médico legista perguntou ao assistente:

— Esse daqui não tem identificação?

— Não senhor, estava sem documentos.

— Vamos fazer o atestado de óbito, e aguardar 24 horas, pode ser que alguém da família procure por ele. Vamos começar logo essa autópsia!

As últimas palavras do médico me fizeram estremecer e ter a certeza de que estava tendo um terrível pesadelo. Eu não entendia o que estava acontecendo, se estava vendo e ouvindo tudo a minha volta, e tomado por dores terríveis dos tiros, então como poderia estar morto?

O médico iniciou a preparação para a autópsia, despiu meu corpo, separou os instrumentos, enquanto isso eu assistia a tudo, preso aos despojos carnis, apavorado eu me perguntava como poderiam abrir um homem ainda vivo?

Meu Guardião estava ao meu lado, mas envolvido por baixas vibrações eu não conseguia vê-lo, ou senti-lo, devido ao desencarne antes da hora e o desequilíbrio vibracional ele não conseguia fazer o desligamento do corpo, não pode fazer nada além de aguardar o momento propício para me socorrer.

Apavorado e confuso fui obrigado a assistir a preparação da minha própria autópsia, entre gritos de pavor eu suplicava para que parassem, mas os apelos eram em vão, eles não conseguiam me ouvir.

O legista iniciou os cortes, eu sentia cada incisão como se ainda estivesse vivo, a dor era inexplicável, por vezes eu desmaiava para acordar em seguida, o médico abriu o tórax, fez algumas observações, e depois de algum tempo deu o laudo. Dois tiros se alojaram no tórax, o primeiro projétil passou um centímetro da artéria coronária, o segundo perfurou e se acomodou em um dos pulmões, causando hemorragia, o terceiro dilacerou completamente os órgãos genitais.

Eu gritava, tentava me debater, suplicava desesperadamente, a dor era insuportável, a visão do meu próprio corpo aberto sobre aquela mesa era estarecedora, uma tortura que parecia nunca acabar.

Encerrado o procedimento, o médico iniciou a sutura, o tormento parecia não ter fim, para desacelerar o processo de decomposição injetaram em meu corpo uma solução a base de formol, o cheiro forte parecia me sufocar, perdi as contas de quantas vezes

desmaiei para acordar pouco tempo depois tomado por dores alucinantes.

Para diminuir os gastos, costumeiramente os funcionários adicionavam grandes quantidades de água ao formol que perdia boa parte da eficiência, dessa maneira, não demorou muito para que o corpo entrasse em processo de decomposição e começasse a liberar gases comum a putrefação. Iniciava-se um novo tormento para mim que sempre fiz questão de usar os melhores perfumes.

Estendido sobre uma mesa fria, coberto por um lençol fino, meu corpo foi levado para uma pequena sala refrigerada onde aguardaria o reconhecimento, ao meu lado outros corpos aguardavam, todos teriam o mesmo fim, poucas horas depois seguiriam para o enterro.

Deitado naquela mesa, a sala gelada, cercado por corpos entrei em estado de choque, comecei a reviver os momentos dos tiros, da autópsia, fiquei preso aos tormentos da dor, sentia todo o procedimento, desde a primeira incisão, os pontos feitos para fechar o corpo, e a aplicação do formol, as cenas sucessivas pareciam ecoar em minha mente, perpetuando a tortura.

Entre cadáveres sem nome, eu sabia que ninguém da minha família apareceria para reconhecer o corpo, mal nos falávamos, eles sequer imaginavam que eu estava morto, eu seria enterrado como indigente, naquele momento eu era apenas um corpo com um número, passei a ser chamado de 213.

Sempre fui um homem asseado, vaidoso, que gostava de andar perfumado, suportar um corpo em decomposição foi uma experiência que não desejo a ninguém. Apesar de todo aquele sofrimento, eu não conseguia compreender que estava desencarnado, ainda acreditava estar em um pesadelo, ou alucinando.

Chegado o momento do enterro não sabiam para onde enviar meu corpo, os locais destinados para os indigentes estavam lotados, sendo assim, continuei na antessala por mais 24 horas, o cheiro ficava cada vez mais insuportável, até que comecei a ter acessos de vômito, eu alternava entre períodos de inconsciência e tormentos, as imagens e dores dos tiros, da autópsia não davam tréguas, o cheiro forte piorava a

cada minuto, eu sentia que estava enlouquecendo, gritava com toda força, e ninguém ouvia.

Passadas 48 horas da morte, Laércio e Juarez, dois funcionários antigos entraram na pequena sala onde eu estava, sem perder tempo envolveram meu corpo com um saco preto, e colocaram em um caixote de madeira.

Indigentes não tinham funeral ou cortejos, nem mesmo um caixão decente, a verba que a prefeitura disponibilizava era suficiente para um caixote simples, cheio de frestas, com alças feitas de corda e tampa lacrada com pregos.

Após ter o corpo acomodado no caixote, fui removido para o transporte, os funcionários já cansados com os anos de trabalho e o salário baixo, não se preocupavam com o manejo dos corpos, sem a menor paciência, respeito ou cuidado jogaram o caixote no carro e seguiram.

A cada solavanco eu sentia a dor dos ferimentos, apertado no espaço estreito do caixão sentia-me sufocado, o carro a toda velocidade fazia com que meu corpo se batesse contra a caixa de madeira, o balanço abrupto fazia meu estômago enjoar, agravando os acessos de vômito e aumentando meu desespero, eu gritava em agonia, clamava por ajuda, tentava me levantar, mas não conseguia, estava completamente atrelado aos despojos carnis. Meu desespero que era grande, tornou-se descomunal quando ouvi Laércio falar:

— Esse coitado já passou do tempo, está podre! O cheiro está insuportável!

— Claro! Pois colocam muita água naquele perfume de morto! Com esse calor logo começam a apodrecer! Vamos mais rápido, assim chegamos logo!

Eu, que sempre fui elogiado por ser um homem cheiroso, agora era rechaçado pelo mau cheiro do corpo.

Minha mente perturbada não parava de girar em torno da ideia de um pesadelo que parecia interminável.

Chegando no cemitério entraram pelo portão dos fundos, o acesso para indigentes era separado, o descaso era muito grande, não

havia respeito, nem compaixão, esqueciam-se de que aqueles corpos sem famílias eram seres humanos.

Laércio e Juarez tiraram meu corpo do carro e levaram para a alameda em que estava a cova, Firmino, o coveiro do cemitério logo se aproximou perguntando:

— Mais um sem família?

— Sim, seu Firmino, o senhor traga um martelo e pregos que vamos lacrar essa tampa, o cheiro está terrível!

O coveiro se apressou para pegar as ferramentas, em seguida Juarez lançou a tampa sobre o caixão, fui tomado por completo pavor, conseguia ver o homem pelas frestas enquanto ele pregava alguns poucos pregos. Olhando para o coveiro ele decretou:

— Nosso trabalho está feito! Agora é só enterrar, essa parte é com o senhor! Laércio, são nove horas, está na hora do nosso intervalo! Vamos até o boteco tomar um trago, que é pra ver se tiramos esse cheiro forte do nariz!

Laércio concordando com o amigo, antes de ir perguntou para Firmino:

— Seu Firmino, o senhor quer ir junto? Vamos tomar uma cachacinha?

— Eu até quero, mas não é melhor enterrar o morto primeiro?

— Deixa aí mesmo, ele não vai fugir, voltamos logo e ajudamos o senhor!

— Se vão me ajudar, então vamos logo!

Os três seguiram para o boteco, enquanto isso, fiquei imobilizado naquele caixote apertado.

O tempo passava e os homens não voltavam, sentia que o sol cada vez mais alto começava a penetrar pelas frestas da tampa, eu já não tinha mais forças para gritar, mal conseguia respirar, o calor me sufocava, sentia o corpo borbulhar e cozinhar com o forte calor, era como se fosse explodir a qualquer momento. Os gases produzidos pela decomposição fizeram o corpo inchar, me causando a impressão de que estava prestes a estourar.

Tentando me controlar, fechei os olhos e me esforcei para mover as mãos e pernas, mas não conseguia, era como se estivesse engessado, sabia que logo voltariam para me enterrar, e apesar de todas as ocorrências eu ainda não conseguia compreender que estava desencarnado. Passei a acreditar que estava em algum estado de catatonia, e que iam me enterrar vivo. Aterrorizado e desesperado comecei a falar sozinho:

— Mas o que é que está acontecendo? Provavelmente devo ter levado um tiro na coluna! Estou paralisado, por isso não consigo me movimentar! Esses malucos vão me enterrar vivo! Esse cheiro insuportável deve ser dos ferimentos! Preciso tratar isso o quanto antes!

O trauma que sofri quando levei os tiros, as dores da autópsia, o corpo em estado de decomposição, o enterro que se aproximava me deixaram completamente desorientado, não conseguia raciocinar e entender que estava desencarnado, pensava em várias possibilidades, menos na hipótese de ter morrido.

Enquanto eu lutava contra o calor, e tentava sair do caixote, Juarez, Laércio e Firmino conversavam descontraidamente no boteco:

— Mais uma cachacinha seu Firmino?

— Só mais uma, seu Laércio! Se me pegam bebendo em horário de trabalho estou na rua! E vocês não bebem nada?

— Nós vamos ficar só no cafezinho, precisamos voltar para o trabalho.

— Mas me chamaram para tomar um trago e agora não querem? Beber sozinho não tem graça!

— É verdade, que mal fará um golinho não é mesmo? Juarez, peça uma cachacinha pra nós também!

Por volta das onze horas da manhã, os três, que já haviam tomado várias cachacinhas decidiram que era momento de voltar ao trabalho. Antes de saírem do boteco Juarez perguntou:

— Firmino, você dá conta de enterrar aquele coitado? Ou precisa de ajuda?

— Preciso de ajuda! Já tô velho e cansado, ainda mais depois dessa cachacinha que tomamos!

— Então vamos lá! Venha Laércio, vamos ajudar o velho e depois voltamos rapidinho!

Quando os três retornaram, eu estava exausto, já não tinha mais forças nem para tentar me movimentar, mas quando ouvi os homens e percebi que iriam me enterrar, retomei o fôlego e reiniciei a gritaria.

Firmino, Juarez e Laércio mal conseguiam ficar em pé, muito menos levantar o caixote, então decidiram que o único jeito seria empurrar. Enquanto Firmino puxava uma alça Juarez e Laércio empurravam, depois de muito esforço conseguiram deixar o caixão na beirada da cova, mas antes que se organizassem para descer, o caixote rolou para dentro do buraco, caindo de lado, a tampa mal pregada abriu-se e o corpo tombou para fora com o rosto na terra.

Assustados os três se entreolharam, Firmino, um tanto comovido falou:

— Deixe, eu desço e arrumo esse coitado, estou acostumado com esse trabalho! Não vou enterrar esse miserável assim! Olhem para ele, já é grande, e agora inchado desse jeito dobrou de tamanho! Tá até apertado dentro desse caixão! Podem ir que termino o trabalho aqui.

Quando Firmino falou que eu estava inchado, então compreendi que estava morto, não tinha outra explicação.

Aquela revelação me levou ao mais profundo desespero, não sabia o que fazer, em pânico comecei a chamar por Deus, tentava de todas as maneiras fazer com que Firmino me ouvisse, mas o velhinho, surdo aos sons da outra dimensão, continuava trabalhando.

Juarez e Laércio voltaram para o trabalho, fiquei sozinho com Firmino que puxava de um lado e do outro tentando arrumar meu corpo no caixão, sequer podia imaginar que eu gritava desesperadamente.

Percebendo que eu estava bem vestido, ele parou por alguns momentos e perguntou:

— Quem é você? Um jovem tão bem arrumado, sabe, você até parece um daqueles boêmios da Lapa!

Por alguns instantes tive a esperança de que ele estivesse me ouvindo, mas não, ele estava falando sozinho, terminou de arrumar o caixote, saiu da cova rasa e começou a lançar a terra que entrava pelas

frestas da tampa caindo sobre meu rosto, sentia a terra cair sobre meus olhos, nariz e boca, meu desespero ultrapassava todos os limites, por mais que gritasse não era ouvido.

Terminado o enterro o coveiro voltou aos afazeres comuns, e para mim não restava mais nada além da completa escuridão e o desespero assolador de quem se sentia enterrado vivo.

O silêncio dominou o ambiente, percebi que não me restava outra opção além de me aquietar, troquei os gritos de pavor por um pranto doloroso, eu sentia as lágrimas descerem pelo rosto cheio de terra. Após horas de choro incessante me acalmei e adormeci.

Quando acordei não sabia quanto tempo havia passado, demorei para lembrar que estava enterrado, recobrando a consciência tentei mais uma vez me movimentar, mas continuava paralisado, fiz um esforço para me acalmar e raciocinar, precisava compreender o que estava acontecendo, cheio de dúvidas, eu me perguntava:

— Mas o que está acontecendo aqui? Se estou morto por que me sinto vivo? Parece que estou doente! Será que é somente o corpo que morre e alguma outra parte continua viva?

Perdido no tempo e nas reflexões, senti que algo se movimentava sobre meu corpo.

E não demorou para perceber que minha agonia poderia se tornar ainda maior, senti que algo caminhava por meu rosto, deslizando entre os cabelos e orelhas, se esgueirava para dentro das narinas, ouvidos e boca, eram vermes que atraídos pelo corpo em putrefação, logo começaram a consumir minha carne.

Sentindo o corpo devorado por vermes, novamente me entreguei ao desespero. Em uma tentativa desesperadora, tentei me movimentar para retirar os vermes, mas era impossível mover um dedo sequer. Me concentrei e tentei reunir todas minhas forças para me debater contra as paredes do caixão, mas foi inútil, em um misto de tristeza, dor e revolta, gritei com toda força:

— Inferno! O capeta esqueceu de vir me buscar! Socorro! Estou sendo devorado por vermes!

O apelo mais uma vez foi em vão, eu chorava e suplicava por ajuda, era um tormento que parecia ser eterno, depois de algum tempo em companhia dos vermes, eu estava completamente enlouquecido, sussurrava e conversava sozinho:

— Não adianta! Estou morto e preso aqui, o capeta esqueceu de me levar! Com certeza eu não iria para o céu mesmo! Estou morto, meu corpo está podre, mas algo pensa dentro de mim! O que está acontecendo?

O apego ao corpo que eu tanto admirava, era o que me mantinha preso aos despojos carnis, para conseguir me libertar precisaria aceitar que aquele corpo foi um empréstimo temporário, não me pertencia, mas não conseguia alcançar esse entendimento.

Tentei mais uma vez me mexer, dessa vez consegui movimentar os pés e as mãos, senti um pingo de esperança que me deu forças para continuar, me esforcei para agitar o resto do corpo, no entanto, ainda não conseguia, continuei tentando por um tempo que não conseguia calcular, mas sabia que já estava há semanas naquela situação.

Os vermes pareciam se multiplicar infinitamente, eu sentia os invasores dentro e fora do meu corpo, nada poderia ser pior do que aquele tormento, mas para minha surpresa, algo ainda estava por acontecer.

Lutando para me movimentar, ouvi um barulho muito alto, um estrondo que fez a terra tremer, parei assustado, fiquei atento e novamente o barulho seguido pelo tremor, percebi que eram trovões, e para seu desespero começava a chover, em pouco tempo a cova rasa e o caixote começaram a se encher de água lamacenta.

Senti que meu corpo estava sendo envolvido pela lama, logo estaria totalmente coberto, a sensação era de que morreria outra vez, dessa vez afogado por lama e vermes.

O pânico e desespero foram tão grandes que dei impulso e atravessei o caixão, a terra, e sem saber como me vi parado no meio do cemitério.

A chuva forte que caía sobre meu corpo parecia congelar meus ossos, estranhando aquela temperatura me perguntei:

— Frio? Que estranho! Nunca senti frio nessa terra! E desde quando no Rio faz esse frio?

Olhando ao redor procurava um lugar para me proteger, avistei um pequeno mausoléu, sem perder tempo corri para me abrigar.

Assim que entrei me deparei com um senhor sentado de costas.

Surpreendido com minha presença ele se virou para me olhar, não consegui disfarçar o susto, o homem bem vestido com paletó preto, gravata vermelha, e completamente cadavérico, era apenas pele em cima dos ossos, sentado sozinho ele olhava uma lápide, tentando disfarçar meu espanto falei em tom de brincadeira:

— Que susto o senhor me deu!

O homem com face pálida me olhou e respondeu:

— Pois não se assuste, você está morto também!

— Que estou morto, isso já sei, é que eu nunca vi um fantasma!

— Você também é um fantasma!

— Ainda não acredito que estou morto!

— Se olhe! Você levou um monte de tiros! É ladrão?

— Não sou ladrão! Nunca roubei nada de ninguém!...Só alguns corações!

— E por acaso isso não é pior? Roubar corações é ainda mais grave, pois você rouba algo muito precioso e não trata com o devido respeito!

— Roubar é modo de dizer, na verdade eu apenas dava algumas cantadas nas moças!

— Isso é o mesmo que roubar! Nunca pensou que elas acreditavam em suas palavras? Enganar é o mesmo que roubar, pois o senhor levava embora bons sentimentos, esperança, confiança, a boa-fé que essas moças davam para você!

— Quem é o senhor para me dar conselhos? Se não foi nem para o céu e nem para o inferno, continua aqui, então também deve estar pagando alguma coisa!

— O que eu fui ou fiz na terra não é da sua conta! Nunca feri ou roubei os sentimentos de nenhuma mulher! Fui um homem honesto,

nunca trai minha esposa, sempre a tratei como uma rainha, tanto que até hoje ela vem todas as semanas me visitar, traz flores!

— Há quanto tempo o senhor está aqui?

— Morri no ano em que o Brasil passou de Império para República.

Quando ele me contou a época em que morreu, mal consegui acreditar, comecei a fazer os cálculos, o Brasil passou a ser República em 1889, estávamos em 1934, fazia 45 anos que o homem havia morrido, para a esposa ainda estar viva deveria ser muito mais jovem que ele, e estar com aproximadamente 100 anos. Curioso e espantado comecei a observar com mais atenção, concluí que o homem deveria ser um visconde, ou barão, pois se expressava muito bem. Intrigado, resolvi espicular um pouco mais:

— Como o senhor se chama? Já percebeu o estado em que se encontra?

— Pode me chamar de Dom Henrique! E o que tem meu estado?

— O senhor parece um morto vivo!

— Morto vivo? Estou melhor que você! Enxergue-se meu rapaz! Você está podre!

— Estou assim porque me deixaram apodrecendo no sol! — O senhor teve um enterro digno, eu não tive a mesma sorte. Não sei se já percebeu, mas também tem mau cheiro! Devem ter passado colônia de morto no senhor também!

— Não meu caríssimo! Quando eu morri minha amada esposa me colocou uma das melhores colônias, uma das que eu sempre usava, colônia francesa!

— Sinto muito Dom Henrique! Mas pelo visto não adiantou muito!

Dom Henrique me olhou enfurecido, percebi que fez um esforço para me responder:

— Meu rapaz, não quero problemas, só busco paz para ficar aqui aguardando minha esposa. Percebo que você ainda não conhece a realidade desse lugar, e sinceramente me compadeço da sua situação, se

quiser pode ficar aqui, mas tem uma condição, todas as quartas minha esposa vem me trazer flores, nesse dia quero privacidade, terá que sair!

— Que amor mais lindo é esse que o senhor mantém! Escute Dom Henrique, o senhor poderia me explicar um pouco mais sobre o lado de cá?

— O que quer saber?

— Nunca veio nenhum anjo ou capeta querendo levar o senhor?

— Os anjos sempre vêm, tentam me levar, mas eu não vou! Ficarei aqui aguardando minha amada aguardando até o dia que ela morrer, então iremos juntos! Desde o dia que morri ela nunca deixou de me visitar, sente minha falta e eu a falta dela.

Achei muito estranho toda aquela história, olhei para e fora do mausoléu e notei que a chuva havia parado:

— Dom Henrique, a chuva parou, acho que vou conhecer o lugar! Posso voltar mais tarde?

— Pode, sempre estou aqui sentado, reflito enquanto espero minha amada! A porta fica aberta.

— Agradeço muito, até mais tarde Dom Henrique!

Saí caminhando pelo cemitério, ao me aproximar do portão avistei um grupo de homens, caminhei em passos lentos, quando estava um pouco mais perto consegui perceber que se vestiam com trajes antigos, casacas, coletes com pontas longas, calças de tecido fino, cartolas, cabelos alinhados e barba muito bem-feita.

Não demorou para que percebessem minha aproximação, um dos homens veio em minha direção, retirou a cartola, e demonstrando cortesia me cumprimentou educadamente:

— Boa noite, como vai o senhor? Parece um tanto quanto perdido! Precisa de ajuda?

— Olha amigo, estou um pouco perdido sim! Se você me ajudar eu te ajudo! Sempre ajudo aqueles que me ajudam!

— Amigo, creio que você não esteja em condição de ajudar! — É surpreendente ver que conseguiu sair do corpo sozinho! Pelo visto compreendeu que o corpo morreu, mas você continua vivo!

— Ainda não entendi muito bem! São vocês que mandam por aqui?

— Somos responsáveis por manter a ordem no lugar, trabalhamos aqui, somos guardiões. Você compreende que morreu?

— Você acabou de dizer que estou vivo! Como posso entender desse jeito?

O homem me olhou mostrando certa contrariedade. Aproximando-se um pouco mais, falou com seriedade:

— Estou perguntando se você já compreendeu que está desencarnado! Ou ainda pensa que está encarnado?

— Desencarnado? Encarnado? O que é isso?

Ele balançou a cabeça negativamente, respirou fundo e respondeu:

— Deixe isso para lá, terá muito tempo para compreender! Como saiu do corpo?

— Começou a chover muito, o caixão estava sendo invadido por lama, então saí correndo!

— Você deve ser um daqueles que adorava o próprio corpo! Com certeza aprontou muito quando encarnado, é impressionante que tenha saído sozinho!

— Aprontei um pouco! Mas mudando de assunto, queria dar umas voltas para conhecer o lugar!

O homem colocou o braço sobre meu ombro, e como um velho amigo me puxou para perto e perguntou:

— Escute aqui meu amigo! Você não vai fazer arruaças não é mesmo?

Surpreso com a pergunta me esquivei e pedi explicação:

— Arruaça? Como assim? Existe isso por aqui? Pode me explicar, por favor?

— Não quero que fique revirando túmulos em busca de fluidos, vampirizando encarnados! Isso é o que chamamos de arruaça!

Espantado com a explicação me senti ofendido, nunca nem imaginei revirar túmulos, na verdade não entendi muito do que ele falou,

não sabia o que era vampirizar, pensei que ele estava me insultando ou debochando e, irritado, retruquei:

— Vampirizar? Nem sei o que é isso! O senhor está brincando com minha cara? Queria apenas dar algumas voltas!

— Escute rapaz, não quis ofender! Se quer conhecer a região então pode ir, te daremos 24 horas!

— Eu não tenho como ver as horas, meu relógio parou no momento da minha morte!

— Olhe a lua, quando ela estiver na mesma altura é hora de voltar! E não pense que ficará livre para aprontar o que quiser!

— Está bem! Estarei aqui!

O homem ficou parado me olhando enquanto eu saía do cemitério, a cara séria mostrava que não estava para brincadeira, a maneira como falou me pareceu evidente que me levariam para outro lugar. Curioso abandonei o cemitério e saí caminhando para conhecer o lugar, e quem sabe fazer uma visitinha a algumas amigas, estava curioso com tudo, pretendia aguardar a próxima quarta-feira para ver a viúva do Dom Henrique, a história do homem lhe deixou intrigado.

Caminhando pelas ruas logo notei que naquele lugar as coisas se desenrolavam de maneira muito diferente. A cada passo me surpreendia com alguma cena assustadora, presenciava situações nunca imaginadas.

As ruas eram lotadas de encarnados e desencarnados, muitos espíritos perambulavam perdidos, eram mendigos, prostitutas, ladrões, pessoas que desencarnavam e permaneciam na crosta a espera de encarnados para sugar suas energias e satisfazer seus vícios, assistindo essas cenas entendi o que eram os tais vampiros que o Guardião mencionou no cemitério.

Para explorar a região, precisaria ser discreto, o melhor a fazer era apenas observar sem chamar a atenção, encontrei um canto onde me apoiei e fiquei observando.

Ficava impressionado com o que via, muitos espíritos em situação de inferioridade moral, sabiam como manipular energias, atacavam encarnados que andavam pela rua, entravam nos estabelecimentos comerciais, nos prédios, sempre mostrando seus

poderes com exaltado orgulho, esses eram visados por outros espíritos ainda mais inferiores que buscavam bons escravos.

Muitos se mantinham à espreita, fazendo o papel de sentinelas, sempre atentos a aproximação dos guardiões. E bastava que os policiais do astral se afastassem para que os escravizadores se aproveitassem para aliciar os que estavam em condição de entender as propostas de trabalho contra encarnados, ou para capturar os desequilibrados.

Dessa maneira, esses espíritos ardilosos e experientes formam agrupamentos ou falanges compostas por desencarnados que buscavam vingança, desequilibrados, moralmente falidos, completamente esquecidos das palavras de Jesus. Eram espíritos que não mediam esforços para prejudicar e comprometer a vida dos encarnados, que muitas vezes sucumbiam a suas investidas.

Depois de passar algum tempo observando, reiniciei a caminhada pela cidade, andava sem rumo em meio à confusão de espíritos baderneiros. Até que me veio uma ideia, e subitamente comecei a planejar a próxima aventura naquele plano desconhecido:

— Acho que vou até a casa de Estefano, fazer uma visitinha! Poderia brincar um pouco antes que os guardiões me peguem!

Não queria me vingar de Estefano, mas dar um susto, brincar e me divertir com a condição, rindo da possibilidade comecei a imaginar:

— Não vou fazer mal para aquele coitado! Afinal, também sou culpado, fui me meter com a esposa dele, mas seria engraçado brincar um pouco! Como faço para chegar até a casa dele? É longe, não tenho muito tempo, não vejo bondes!

Olhando atentamente ao redor, percebi que alguns desencarnados se enfiavam nos carros acompanhando motoristas ou passageiros, mas esses eram vampirizadores que se uniam de tal forma ao encarnado que pareciam carrapatos grudados em suas costas, só de olhar me senti mal:

— Não vou fazer isso! É horrível demais! Preciso pensar em outra coisa! Já sei, vou voltar para o cemitério e perguntar para os cartolas como faço para chegar até a casa de Estefano, ou quem sabe visitar Maria Eugenia.

Apressadamente voltei para o cemitério, mas não os encontrei, enquanto esperava decidi dar uma volta pelo entre os túmulos, entre uma ladeira e outra me deparei com a cova que estava meu corpo, senti algo estranho e perturbador, dei as costas e continuei, notei que muitos espíritos andavam sem rumo, pareciam mortos vivos de filmes, outros choravam sobre o próprio túmulo, muitos tentavam puxar o corpo.

Olhei para o céu e notei que a lua estava alta, distraído com a visão me assustei quando ouvi alguém falar:

— Seu Zé da Gafeira! É assim que lhe chamavam não é mesmo senhor Clóvis!

Me virei para ver quem falava, logo reconheci, era o mesmo guardião que me deu o prazo para voltar. Intrigado com o comentário, perguntei:

— Como sabe meu nome?

— Nós já sabemos tudo sobre o senhor! Inclusive que aprontou bastante!

— Quem são vocês para falar da minha conduta! Sujeitos estranhos, com essas cartolas, essas roupas fora de moda, do século passado!

— E por acaso você sabe com quem está falando?

— Não sei, o senhor nunca se apresentou! A única coisa que fez foi me dar um prazo para voltar! Eu sei que vai me levar para algum lugar!

O Guardiã se aproximou e cordialmente me estendeu a mão:

— Eu me chamo senhor Sete Porteiras! Muito prazer meu amigo! Olhe, queremos ajudar, ninguém aqui vai te levar a força, existe um lugar reservado para pessoas como você, lá poderá se depurar, depois será recolhido, e seguirá para um lugar onde começara uma nova vida, é o melhor que podemos fazer agora!

— Esse lugar é no céu ou no inferno?

— O que sua consciência fala?

— Que o lugar não deve ser dos melhores! Mas ouça senhor Sete Cancelas...

O guardião que até então sorria, no mesmo momento franziu a testa, e com uma expressão sisuda se aproximou, olhou no fundo dos meus olhos e falou:

— Escute malandro! Não me chamo Sete Cancelas, mas sim, Sete Porteiras! Faça o seguinte, me chame apenas de Sete! Continue, fale o que você quer!

— Antes de ir para esse lugar eu queria fazer uma visitinha para um amigo.

— Que amigo é esse?

— O homem que me matou, queria dar um susto nele! O senhor sabe, agora ninguém pode me ver, poderia brincar um pouco!

— Faremos o seguinte, primeiro você conhece o lugar do qual te falei, se depois ainda quiser ir até a casa de Estefano, deixarei que vá! Você só está aqui porque não era hora de morrer!

— Eu já não deveria ter ido para o céu ou para o inferno?

— Mais ou menos isso, o que acontece é que você ainda se encontra em um estado muito materializado e precisa se depurar. Andou aprontando, se meteu em confusão e desencarnou antes do que deveria, agora terá que ir para um lugar com uma faixa vibratória parecida com a sua, onde encontrará semelhantes, assim criará consciência das coisas que fez quando encarnado. Ficando aqui você corre o risco de cair nas mãos de escravizadores, esses são como o diabo, poderá passar muito tempo em lugares piores. Está na hora de decidir, quer descer para uma zona mais baixa e se depurar ou quer ficar aqui e contrair ainda mais dívidas?

Eu não queria piorar a situação, mas também não queria seguir para o lugar que o guardião falava, pretendia me aventurar um pouco mais:

— Senhor Sete, será que pode me dar mais um tempinho?

— Posso te dar apenas mais um dia! Mas se você buscar vingança, aprontar, ou fizer qualquer coisa que prejudique seu próximo a conversa vai ser diferente! Vou permitir porque você tem condições de dialogar e compreende muito bem o que estou falando! Mas não apronte!

Enquanto o guardião explicava os termos, meu pensamentos divagavam, eu imaginava o que faria durante o tempo extra que Sete Porteiras me concedia, logo comecei a pensar na possibilidade de ver algumas mulheres tomando banho, mergulhado em ideias e imagens pervertidas, fui brutalmente surpreendido com o tom irritado do guardião:

— Então é isso que você quer fazer? Seu malandro safado! Pretende invadir a privacidade das pessoas? Espiar as mulheres enquanto tomam banho? Acredita que isso seja certo?

Dei um salto para trás, me senti invadido e indignado, aquele homem conseguiu ver meus pensamentos, ansioso por explicações, perguntei:

— Como o senhor sabe que estou querendo ir ver algumas amigas? Consegue ver o que estou pensando?

— Sim! Consigo ver o que está pensando e muito mais!

— Isso é invasão de privacidade!

— É mesmo? E invadir a casa das pessoas para ver suas intimidades é o que?

— O senhor tem razão, será que ainda posso ficar um dia a mais?

— Pode, mas ouça bem! Qualquer coisa errada que fizer aumentará sua conta! E prometo que eu mesmo te pego!

— Não vou fazer nada de errado! Só quero tomar uma cervejinha, fumar um cigarro, pensar um pouco!

Sete Porteiras arregalou os olhos, parecia não acreditar no que ouvia, me olhando incrédulo, falou em tom quase ameaçador:

— Aqui não tem cervejinha, ou cigarro! Por acaso está pensando em vampirizar algum encarnado? Para conseguir cervejinha, cigarrinho é só vampirizando! Olha aqui seu Zé da gafeira, parece que não está entendendo bem, por enquanto estou sendo paciente, mas não abuse!

A situação não estava fácil, tudo que eu desejava não era permitido, e Sete Porteiras parecia prestes a perder a paciência.

Outro guardião que assistia a cena, se aproximou, apertou minha mão, e explicou:

— Escute filho, nosso amigo está te estendendo a mão pela segunda vez! Quando sair desse cemitério estará correndo grande risco de ser pego por escravizadores, se isso acontecer não poderemos fazer nada, pense bem e aceite a proposta!

— Será que posso ficar aqui no cemitério e esperar até quarta?

Sete Porteiros passou a mão na testa, tirou a cartola, coçou a cabeça, tentando conter a impaciência, perguntou:

— Por que você quer ficar até quarta-feira? O que tem na quarta?

— Sabe aquele senhor que fica sentado dentro do mausoléu? Quero ver a esposa dele chegar com as flores! Ele me contou a história, fiquei curioso, como pode a esposa ainda estar viva? Deve ser muito velha!

Sete Porteiros novamente respirou fundo, deu um sorriso forçado, e se esforçando para me ajudar, explicou:

— Mas você é muito curioso! Não tem que se meter na vida dos outros! A vida dele é dele! Nós já tentamos ajudar várias vezes, ele não quer ajuda!

— Mas comigo vocês não têm a mesma paciência! Querem me levar de qualquer jeito!

— E você pensa que já não levamos ele várias vezes?

— Se levaram então como ele está até agora esperando?

Dessa vez quem respondeu foi o companheiro de Sete Porteiros, que também já estava quase perdendo a paciência com minhas perguntas:

— Levamos, mas ele volta, não podemos prendê-lo para sempre, ele tem o direito de exercer o livre arbítrio dele! Se quer saber, Dom Henrique terá uma grande decepção, quando a esposa desencarnar ele será obrigado a aceitar a verdade.

Extremamente curioso, perguntei:

— Que verdade?

— Ela traz as flores por culpa, quando casaram era uma menina, ele um senhor de idade, ela o traiu várias vezes, quando o marido desencarnou ela se encheu de culpa, por isso todas as semanas traz

flores. Estamos dando tempo para que ele entenda, todos têm suas provas!

— Mas ninguém contou para ele? Algum outro parente, amigo desencarnado?

— Ele era um homem muito bom para a esposa, matava e morria pela mulher, fazia todas suas vontades, mas com as outras pessoas ele não foi tão generoso, sendo assim, ninguém se importou em contar-lhe a verdade.

Sete Porteiros aguardou o final da explicação, e em seguida perguntou:

— Você já sabe da história! E agora? Decide ir ou ficar?

— Está bem! Se ficando aqui vou piorar minha situação, então vou com vocês!

Sorrindo Sete Porteiros respondeu:

— Fez a escolha certa! Então cavalheiro, queira me acompanhar! Espero que venha de boa vontade, ou terei que o acorrentá-lo!

Os comentários de Sete porteiros me deixavam indignado, sentindo-me desrespeitado, perguntei:

— Mas que tipo de espírito é você que acorrenta as pessoas?

Sete Porteiros se aproximou em passos lentos, quando estava com o rosto quase colado ao meu, olhou fixamente nos meus olhos e resmungou entre dentes:

— Por enquanto sou alguém que quer muito te ajudar! Malandro, ouça, ninguém aqui quer seu mal, você precisa refletir, olhar para dentro e perceber tudo que fez, e quando se arrepender, pedir perdão de coração a Jesus irei te buscar. Agora me acompanhe!

— Está certo seu Porteira!

Mais uma vez eu errava o nome do guardião, ele balançou a cabeça, passou a mão no rosto, respirou fundo e falou:

— É Sete Porteiros! Já lhe disse! É Se-te Por-tei-ras! Olhe rapaz, já te falei, me chame de Sete, só Sete!

— Está bem, está bem! Me desculpe senhor Sete! Mas credo! Como o senhor é ranzinza!

Sete Porteiras olhou novamente com a cara sisuda e fez sinal para que o seguisse.

Eu achava aquele guardião muito sério, mal-humorado e sem o menor senso de humor, não conseguia perceber que por trás daquela pose de guardião severo existia um coração enobrecido pela luz. Percebendo que o homem não estava para brincadeira decidi me submeter, ficar em silêncio e segui-lo para o tal vale.

CAPÍTULO II

O Grande Barril

Sem entender como, rapidamente saímos do cemitério e fomos direto para um vale conhecido como O grande barril, região umbralina para onde eram levados desencarnados com vícios em bebidas, sexo, e todos os tipos de drogas.

Quando cheguei não consegui esconder o medo e espanto, o aspecto era assombroso, lembrava um gigantesco cortiço com várias casinhas cercadas por botecos, pelas estreitas vielas podia-se ver várias pessoas caídas em poças de vômito, fezes e urina, outras se apoiavam nas paredes como se estivessem embriagadas.

Sete Porteiras me mostrou um pouco do lugar, em companhia do guardião não éramos notados, subimos uma das vielas e paramos em frente de um grande bar, a arquitetura era de um enorme barril de madeira, sem janelas, podia-se ver apenas uma porta que mostrava a penumbra do ambiente, na entrada muita lama, várias pessoas caídas, pareciam entorpecidas, inconscientes, o cenário era assustador.

Percebendo minha perplexidade, Sete Porteiras explicou:

— Não se assuste, todo esse vale foi criado por vocês! Encarnados e desencarnados que desejam ter um lugar onde possam alimentar seus desejos e vícios! É como esse seu terno, você o materializou, o apego que tinha pelo objeto fez com que sua mente o criasse!

Eu não encontrava coragem para falar nada, continuei ouvindo a explicação:

— Quer um conselho? Fique longe desse bar! Não aceite nada do que te oferecerem aqui! A cachaça é venenosa, se beber vai ficar como esses que está vendo no chão! Você queria ver mulheres nuas? Pois aqui poderá ver muitas, só não sei se vai querer tocá-las! Creio que o aspecto não te agrada! Arrume um lugar quieto, onde possa refletir sobre sua conduta na terra, e não arrume confusão!

Em seguida fomos para uma parte mais alta do vale, onde tínhamos uma visão panorâmica do lugar.

Na tentativa de fazer uma piada, chamei o local de pico de Everest, tentava descontraír para esconder a confusão mental e o medo que me assolava. Olhando ao redor e vendo tanta decadência e escuridão, abaixei a cabeça e senti uma profunda tristeza invadir meu coração, olhei para Sete Porteiras e perguntei:

— Antes de ir embora me diga o que você é! É um capeta? Não vejo o rabo! É um anjo? Mas para anjo o senhor é muito mal-humorado! O que o senhor é afinal?

— Sou um Guardião, um Exu, um servo de Cristo! Agora não é o momento para explicações. Meu rapaz, você não tem sequer um pingão de luz para merecer explicações! Só te trouxe para esse lugar porque de alguma maneira você conseguiu se libertar do corpo e se manteve consciente! Caso contrário passaria anos preso ao corpo no caixão! Escute, não veja esse lugar como ruim, é apenas uma oportunidade de expurgo!

— Senhor Sete, esse lugar é pior do que todos os cortiços e favelas que eu já conheci! Na verdade, não é pior! É cem mil vezes pior!

— Quer sair correndo? Pois então se arrependa e peça perdão, e faça isso logo, pois sinto a vibração de uma horda de bagunceiros se aproximando, logo chegam por aqui!

Olhei para Sete Porteiras e supliquei:

— Por favor, senhor Sete! Não pode me levar para um lugar mais seguro?

— Esse é o lugar condizente com sua vibração, não é você que gosta de se entregar às noitadas, mergulhado na bebedeira, cercado por mulheres? Você pode ir daqui para o céu ou para o inferno, a escolha será sua! Vou te dar mais um conselho, não desça para o vale, se mantenha longe daquele bar que se parece com um grande barril, fique por aqui mesmo e escolha um canto para refletir, abraçe Jesus! Você sabe ao menos rezar um Pai Nosso?

— Sei sim, eu ia nas missas com algumas moças com quem eu saía!

— Sim, eu sei! Acompanhava as moças na missa, se fazia de bom rapaz para conseguir o que queria, depois que conseguia desaparecia! Não é mesmo malandro?

Ele estava certo, me senti mal com aquele comentário, abaixando a cabeça respondi:

— Sim, eu acompanhava algumas moças, mas eu rezava!

— Ia na missa e orava para enganar elas, não é mesmo? Seu malandro! Pois reze, você acabou de chegar, logo começará a sentir a vibração pesada desse lugar, isso o perturbará, quanto antes se conscientizar dos erros cometidos, se arrepender de coração, antes poderá ir embora!

Olhei mais uma vez para aquele vale, era um verdadeiro retrato da tristeza e decadência humana, quando olhei para o lado, o guardião havia desaparecido. Me senti completamente solitário naquele lugar.

Depois de passar um tempo sentado naquele pico, comecei a olhar com mais atenção, estudava o ambiente, parecia um repórter investigando todos os pontos.

O Everest era um barranco no ponto mais alto, lamacento, úmido, escuro, no chão algumas vegetações diferentes das que eu conhecia, logo abaixo iniciava-se um grande vale, cercado por cadeias de montanhas. Confuso eu conversava sozinho:

— Isso é muito diferente do que eu imaginava quando estava vivo! O inferno não deveria ser quente? Nesse lugar faz um frio desgraçado!

Eu pensava em várias coisas, menos nos conselhos do guardião, para mim aquilo pareceu um sermão igual dos padres durante a missa, os mesmos conselhos que todos ouviam, mas não praticavam.

Quando encarnado eu ia nas missas, e como muitas pessoas, ouvia o sermão e depois seguia para o boteco mais próximo esquecendo completamente todas as palavras do padre, para justificar minha atitude eu me apoiava na desculpa de que alguns padres, antes de iniciarem a missa, também bebiam um gole ou outro de vinho para criar coragem de dar conselhos que eles não praticavam.

Guiado pela curiosidade comecei a descer o morro, medroso seguia em passos lentos, quanto mais descia pior ficava a situação do lugar, cada vez mais gelado e lamacento.

Caminhando pelas ladeiras imundas, cercadas por casebres estranhos e amontoados eu via vários corpos caídos com o rosto na lama, eram alcoólatras, sexólatras, prostitutas, todos na mesma condição de quando estavam encarnados.

Muitos sofriam com as doenças que ocasionaram o desencarne, gemiam e agonizavam com dores, eram corpos amontoados e encolhidos pelos cantos, a maioria coberta por vômito e fezes decorrentes do estado doentio em que encontravam.

O lugar exalava um cheiro nauseabundo, o pior que já tinha sentido, nem meu corpo apodrecendo no caixão exalava tamanho odor.

Por vezes eu parava, olhava em volta tentando encontrar uma saída, mas o lugar parecia uma prisão, via-se somente montanhas e escuridão.

Sentindo um frio que parecia congelar os ossos, tentei fechar o terno, foi quando percebi meu estado, estava imundo, fedendo, vertia sangue dos ferimentos, e mesmo assim não adquiria consciência, comecei a me preocupar com a aparência, parado em um canto tentei me arrumar para ficar um pouco mais apresentável, enquanto tentava arrumar a roupa e o cabelo falava sozinho:

— Estou todo sujo, fedendo! Preciso tomar um banho, trocar de roupas, nunca gostei de ficar desarrumado! Preciso estar bem-apanhado para me entrosar com essas pessoas, pois só assim terei mais informações sobre esse lugar. Mas para onde vou? Estou com fome, as dores dos tiros estão me incomodando muito, quanto mais caminho maior é meu mal-estar!

Apesar do ambiente desfavorável, da fome e da dor, minha curiosidade para ver o que encontraria era maior, dessa maneira decidi que continuaria explorando o lugar.

Com cautela continuei a descida, notava que quanto mais me aproximava do vale, maior eram os perigos, o lugar estava cheio de espíritos antigos, que sabiam manipular energias, e assim criavam armas e

dominavam outros mais fracos que eram castigados, via-se muitas mulheres seminuas, atreladas ao hábito da prostituição se ofereciam como mercadorias, homens com membros deformados por conta dos abusos relacionados ao sexo desregrado, pessoas perturbadas que gritavam palavrões de todos os tipos.

Muitos atormentados por lembranças que se repetiam sem parar, presos no momento do desencarne, outros culpavam-se pelos atos cometidos enquanto encarnados, aqueles que estavam um pouco mais conscientes se juntavam a falanges que sabiam como deixar o lugar e na terra se misturavam entre encarnados presos em vícios, se submetiam a escravidão para poderem suprir seus desejos, o lugar era repleto de figuras deformadas, grupos de baderneiros, bêbados, drogados, sexôlatras, estupradores, espíritos inconscientes que se encontravam no mesmo lugar por afinidade.

Em meio àquela confusão eu me esgueirava sem chamar a atenção, o ambiente perturbador me causava estranheza, mas era como se uma parte minha se sentisse a vontade, cego pela ignorância eu ainda não conseguia perceber toda decadência naquele lugar, me perguntava por que Sete porteiras achava tudo tão ruim:

— Esse lugar é esquisito mesmo, mas não é tão ruim como achei no começo! Não entendo por que o tal guardião não quis que eu descesse, não vejo nada demais! Muitas dessas pessoas estão apenas se divertindo! E naquele grande barril? O que será que tem lá? Olhando daqui parece uma boate!

Estava cada vez mais curioso para conhecer o grande bar, mas o medo ainda me impedia, resolvi continuar explorando o vale.

Durante a andança me lembrei das tardes que saía para gafeira, senti falta do meu chapéu, mergulhado nas lembranças me surpreendi quando levei a mão na cabeça e percebi que estava com meu acessório preferido, eu não tinha a menor ideia de como tinha feito aquilo, mas comemorei:

— Meu chapéu! Agora estou completo! Queria tomar uma cervejinha! Aposto que naquele grande barril tem o que comer e beber, deve até estar cheio de mulheres! Mais tarde vou dar uma olhadinha!

E continuei caminhando sem me dar conta de quanto tempo eu já estava naquele vale, às vezes parava e reclamava por falta das coisas que tinha na terra, observava as pessoas esquisitas que nunca imaginei ver, pensava em comida, bebidas, mulheres, em tudo, menos na minha conduta quando estava encarnado.

Durante minha exploração notei que de tempos em tempos apareciam caravanas com pessoas envolvidas por muita luz, elas colocavam alguns sofredores em macas e depois iam embora. Às vezes aparecia um espírito iluminado que chegava sozinho, descia como uma estrela cadente e subia novamente, sempre com alguém nos braços.

Depois de andar muito pelo lugar a aventura exploratória não fazia mais sentido, comecei a ser tomado por um cansaço inexplicável, a dor dos tiros se tornava insuportável, o frio parecia cada vez pior, com fome, sede e exausto decidi procurar um cantinho onde pudesse me encostar e dormir.

Todos os lugares que eu olhava estavam lotados de pessoas, após procurar muito, consegui um espaço, me sentei no chão, me envolvi com o paletó tentando me proteger do frio, fechei os olhos para tentar dormir, e logo notei que seria impossível, as lembranças da vida de encarnado pareciam submergir e não me saíam da cabeça, sentia saudades da vida na terra, dos amigos, das namoradas, e como se não bastasse a mente inquieta, a todo instante algum bêbado vinha me perturbar, os baderneiros passavam gritando, proferindo insultos, me chamando de cachaceiro, bêbado, faziam inúmeras acusações, todas as vezes que eu fechava os olhos era atormentado, não existia paz para reflexão naquele lugar.

Levantei-me e saí a procura de outro lugar, mas era impossível, aos poucos comecei a entender que nada daquilo tinha graça, era um vale de sofrimento, continuei caminhando sem rumo, e sem forças.

A mente cada vez mais perturbada pelas lembranças, os buracos das balas sangravam sem parar, as dores se tornavam alucinantes, sem forças para caminhar eu caía na lama, me levantava para cair novamente.

Eu havia me tornado mais um corpo mergulhado na lama imunda daquele vale, a atmosfera de sofrimento pesava sobre minha cabeça, os gritos, gemidos, palavrões, pareciam me enlouquecer.

Depois de muito tempo naquela situação, me lembrei do conselho do guardião, fechei os olhos e tentei rezar, não conseguia lembrar das orações, então comecei um diálogo:

— Jesus, hoje fui um bom menino, não fiz nada de errado, e nem fiz mal a ninguém, será que posso ir embora desse lugar?

Eu orava e orava, mas nada acontecia, comecei a me revoltar, não compreendia por que minhas orações eram ignoradas, apesar de todo tempo e sofrimento eu ainda não conseguia enxergar meus próprios erros, e dessa maneira não me arrependia. Minhas preces, sem o arrependimento eram apenas palavras vazias, sem amor, fé e consciência, não partiam do coração.

O ambiente desses vales, sempre impregnado de vibrações baixas e pesadas, torna-se como uma prisão mental repleta de imagens assustadoras, uma vez que o espírito entra em estado de tormento, torna-se cada vez mais difícil conseguir elevar os pensamentos, a confusão mental, a baderna, os gemidos, as lembranças, dores, fome, sede, medo, angústia criam uma atmosfera de profunda depressão que dificultam qualquer oração.

O tempo passava e eu estava cada vez mais envolvido pelas vibrações pesadas do lugar, a depressão começou a me dominar.

Caído na lama, e envolvido por uma profunda tristeza eu me lembrava dos amigos, do pequeno apartamento onde morava, das moças com quem saía, das noitadas, me consumia na angústia de não ter mais aqueles prazeres, inconformado comecei a gritar:

— Por que tive que morrer? Por que me mataram? Quero voltar para minha vida, quero sair daqui!

Eu não percebia, mas estava em meu próprio inferno, preso em meus pensamentos era mais um espírito atormentado. As perguntas se repetiam sem dar tréguas, ficava cada vez mais deprimido, não conseguia orar, refletir, ou pedir ajuda, não conseguia nem imaginar quanto tempo estava naquele lugar.

Certo dia mais uma caravana chegou, eu já conhecia o procedimentos dos espíritos de luz, sabia que eles estendiam a mão para aqueles que suplicavam, decidi me aproximar para pedir ajuda, com dificuldade consegui chegar perto de um dos trabalhadores, o homem me olhou fraternalmente, a simples aproximação daquele irmão fez com que eu me sentisse um pouco mais forte e revigorado, ele me estendeu a mão, e eu, completamente atordoado e confuso fiz uma reverência típica dos malandros, tirei o chapéu e cheio de exibicionismo curvei o corpo, dando aquele velho sorriso malicioso. O homem no mesmo momento abaixou a cabeça, deu as costas e voltou-se para outros necessitados.

Senti-me ultrajado, completamente irritado comecei a gritar:

— O que fiz de errado? Não conhecem a saudação dos malandros? Afinal, quando é que eu vou embora? Já estou cansado de orar! Ninguém me tira daqui! Estão surdos?

Os trabalhadores ignoravam meus insultos, estavam acostumados com os trabalhos nas zonas umbralinas, era comum os ainda inconscientes não entenderem e se revoltarem quando não eram levados.

Indignado com a atitude dos samaritanos continuei reclamando:

— É assim? Pois então vão embora! Sumam daqui, pois agora vou à forra!

A caravana recolheu aqueles que haviam se arrependido, e eu fiquei, me sentia injustiçado e abandonado, naquele momento me entreguei à revolta e perdi o interesse, não queria mais ser resgatado, estava decidido a me entregar as ofertas do grande barril, com isso me envolvi mais ainda nas energias do lugar, crente de que orar não adiantava, saí em disparada para o grande barril.

Quando me aproximei do lugar, vi que estava lotado, notei um grupo que se aproximava para entrar, aproveitei a oportunidade e entrei junto.

O ambiente era parecido com uma boate, várias pessoas bebendo, fumando, alguns usavam drogas, mulheres dançavam seminuas, nos cantos os corpos se amontoados em orgias, naquele lugar tudo era permitido.

Olhei alguns metros à frente e vi uma das mulheres dançando sensualmente, o corpo bem definido imediatamente me chamou a atenção, e não perdi tempo, me aproximei de mansinho, quando cheguei perto e fui tocar em seu ombro ela se virou e me olhou sorrindo, o susto foi tão grande que dei dois passos para trás, o rosto cadavérico parecia completamente apodrecido, repugnante.

Dei as costas e fui para outro canto, em pensamentos falava comigo:

— Mas é óbvio! Se eu estou assim, não paro de sangrar, sujo, fedendo pareço podre! Não é de se assustar que essas mulheres estejam iguais ou pior! Mas pelo visto tem quem goste!

Olhando ao redor percebi que vários homens se atiravam sobre as mulheres, pareciam não se importar com o aspecto bizarro que elas mostravam.

Fui até o balcão, queria matar a saudade daquelas bebidas que eu tanto apreciava quando encarnado, me sentei e percebi que um homem me olhava fixamente, o rosto me parecia conhecido, tentei lembrar de onde conhecia aquele homem, mas não conseguia.

O olhar ameaçador começou a me incomodar, lembrei dos conselhos do guardião e antes de pegar minha bebida decidi ir embora, me levantei e discretamente, quando me virei para sair, fui surpreendido por uma multidão a minha volta, eram vários rostos conhecidos, eu estava cercado, algumas eram mulheres com quem me relacionei em vida, elas me olhavam com raiva.

A multidão parada a me fixar me levou para um estado de pânico, meus pensamentos começaram a disparar imagens do passado, das aventuras, das mentiras, tremendo e apavorado comecei a falar:

— Eu lembro dessas mulheres! Meu Deus! Agora eu lembro! Fiz muito mal a elas! Por que não param de me olhar?

Enquanto eu travava uma briga mental, o homem que me encarava no início, gritou:

— Ei! Agora lembrei! Você é o Clóvis!

— Não! Você está enganado, não sou esse tal de Clóvis!

— É sim! É você mesmo! Você me deve! Fez minha namorada se apaixonar e me abandonar!

— Espere! Eu lembro de vocês, são pessoas para quem fiquei devendo alguma coisa antes de morrer! Eu não sabia que ia morrer! Mas vocês estão velhos? Já estão mortos também? Afinal, há quanto tempo estou aqui?

— Não tente me enrolar! Agora eu te pego!

A multidão não queria explicações, várias mulheres que olhavam de longe começaram a se levantar, vindo em minha direção, em pouco tempo se formou um imenso grupo ao meu redor, todos reclamando alguma coisa, acusavam, insultavam, me enredavam, eu não sabia o que fazer.

Quando estava quase entrando em pânico, lembrei:

— Estou morto! O que essas pessoas podem fazer? Me matar de novo? Não podem!

Por um breve momento me senti aliviado, contudo, não demorou para que fosse tomado por terrível pavor, uma das mulheres segurou em meu pulso e cravou as unhas que pareciam garras afiadas, eu senti como se minha carne estivesse sendo rasgada, naquele momento entendi, não tinham como me matar, mas poderiam me causar dor.

O homem que queria vingança gritou:

— Venham, peguem suas armas, é hoje que vamos dar uma lição nesse malandro!

As pessoas se viraram para olhar o homem e eu em completo pavor comecei a gritar e empurrar a multidão de mulheres, entre quedas violentas, tapas, socos e pontapés, consegui alcançar a porta, consegui sair do grande barril.

Quando olhei para dentro do bar, percebi que a multidão se organizava para me seguir, sem perder tempo comecei a correr, olhei para trás e percebi que a multidão não pretendia me deixar escapar, todos saíram em seu encalço.

Naquele momento eu senti tudo que um encarnado sente em situações de pavor, o coração disparava, suava frio, tremia, o cansaço de

quem já não aguenta mais correr, a falta de ar, e para piorar o sangramento e a dor dos tiros aumentavam e me faziam esmorecer.

Entre quedas na lama eu me levantava e corria, e cada vez que olhava para trás a multidão parecia maior, armados com porretes, punhais, facões eles gritavam meu nome e exigiam vingança.

Entre o pavor e a dor foi que tomei consciência da grande quantidade de pessoas que prejudiquei, cada uma delas tinha um motivo para me odiar.

Quando estava longe do grande barril e quase sem forças para continuar a corrida, avistei uma caverna, me esgueirei entre alguns casebres e consegui despistar a multidão, aos poucos e tremendo consegui alcançar a caverna, me escondi em um canto e consegui ver a multidão que não parava de me caçar.

Procurei a parte mais funda onde me encolhi completamente amedrontado, era apenas uma questão de tempo para me encontrarem, em pratos eu tentava pensar em uma maneira de escapar:

— Preciso sair daqui antes que me achem! Tenho que voltar para o Everest, mas como vou sair daqui sem que esse povo me pegue?

Sentindo nas mãos a lama que cobria toda a caverna, tive a ideia de me cobrir de barro e me misturar na multidão, assim conseguiria passar sem ser notado. Comecei a espalhar a lama pegajosa e nojenta por todo o corpo, o cheiro era insuportável.

Quando estava coberto pela lama me aproximei da saída, o pavor era tão grande que achei que teria um infarto, um frio congelante me percorria a coluna, me senti um rato encurralado, não encontrava ímpeto para prosseguir.

Tentando encontrar coragem voltei para o fundo da caverna e comecei a orar, contudo, a oração ainda não era redentora, não vinha acompanhada do sentimento de arrependimento pelo mal causado a todas aquelas pessoas, o que eu queria era livrar minha pele, rezei algumas palavras e voltei para saída dar uma olhada, para meu pavor a multidão estava ainda maior, voltei para o canto, sentei no chão e comecei a chorar compulsivamente, implorava, comecei a sentir um profundo arrependimento por todas as atitudes impensadas, lembrava

das mulheres que enganei, das vezes que as vi chorar, dos maridos que desrespeitei, e quanto mais lembrava, maior era a dor e tristeza, como eu queria poder voltar e fazer diferente! Sem perceber comecei a suplicar por perdão:

— Meu Deus! Quanto mal pratiquei! Quanto mal fiz a essas pessoas! Me perdoe meu Deus! Me perdoe! Como eu queria poder desfazer tudo, mas não posso!

Quanto mais eu rezava, mais lembranças me vinham à mente e maior se tornava meu arrependimento, me conscientizava do mal praticado e chorava, com isso me redimia, a dor dos tiros agora parecia pequena perto daquela que sentia em minha alma.

— Meu Deus, como me arrependo do mal que fiz, me dê forças! Me ajude! Eu imploro que me perdoe!

Enquanto eu me entregava ao arrependimento redentor, o povo do lado de fora da caverna gritava meu nome.

Em meio à algazarra dos incontáveis perseguidores, senti uma presença, temendo ter sido encontrado, levantei a cabeça, olhei à frente e não vi nada, quando olhei para minha esquerda percebi que um homem de capa longa me olhava, me encolhi apavorado e perguntei:

— Quem é você? De onde você veio?

— Sou um amigo, dessa vez você pediu ajuda com sinceridade! Suas palavras foram ditas com amor e carinho, acompanhadas pelo arrependimento, o que fez com que nascesse a luz do perdão! E por isso eu vim!

O homem agachou-se ao meu lado, o rosto de pele morena trazia serenidade, olhos grandes e bondosos, com um grande sorriso ele me perguntou:

— Você está com medo daquelas pessoas? Pois não deveria!

— Como não vou ter medo? Estão armados e querem minha pele!

— Esqueceu-se que fez mal a todas elas? Como te conheço a centenas de anos, tenho certeza de que você não vai querer enfrentá-las, pois pelo que estou vendo já são mais de quinhentas!

Não entendia como aquele homem podia me conhecer a tanto tempo, eu nunca o tinha visto antes. Devido a tensão do momento, achei melhor não fazer perguntas, o importante era que ele queria me ajudar, o homem continuou:

— Clóvis, tem espíritos muito antigos no meio dessa multidão! Posso ver alguns da Judeia, outros da época do feudalismo, pessoas que você prejudicou em outras existências! Alguns nem estavam nessa dimensão, mas como esse tipo de algazarra ecoa por todos os cantos, logo te encontraram e vieram para acertar as contas. — Se você quiser eu abro uma porta para você sair, então poderá continuar sua exploração pelo lugar, mas se preferir pode pegar minha mão e iremos conversar em um lugar mais tranquilo!

Eu estava desconfiado daquele homem, temia que tudo não passasse de uma armadilha:

— Amigo, eu não te conheço! Você pode ser qualquer um daqueles que quer me pegar!

Ele me olhou, e estendeu a mão dizendo:

— Confie em mim como se eu fosse um enviado de Jesus! Vou te tirar daqui, sou seu amigo! Ouça Clóvis, toda vez que alguém reencarna, por amor e perdão divino esquece-se do que deixou desse lado, por isso não se lembra de mim.

Eu nem sabia o que era reencarnação ou vidas passadas, envolvido por medo, confuso e sem entendimento, não compreendia o que aquele homem falava, muito menos supunha que era meu guardião.

Até aquele momento eu não tinha nada mais que um pouco de luz que adquiri por meio do arrependimento, mas algo em meu coração falava que já conhecia aquele homem, que podia confiar.

O homem que continuava com a mão estendida, deu um grande sorriso e me perguntou:

— Vamos sair daqui? Confie em mim! Te tiro dessa situação!

Segurei em sua mão, e sem noção fiz um comentário digno da minha personalidade:

— Eu vou! Com um sorriso desses quem é que vai dizer não!

Antes de terminar a frase estávamos no ponto mais alto do vale.

Curioso para saber quem era aquele homem misterioso, e sem medir as palavras, falei:

— Amigo, existe algo em você que me é familiar! Acho que já nos encontramos em algum bar para beber! Me conta aí, em qual boteco nos cruzamos?

Ele balançou a cabeça lentamente, parecia não acreditar que naquela situação periclitante eu ainda pensasse nos botecos:

— Não! Não estive em nenhum boteco bebendo com você! A história é muito longa!

Mostrando acentuada seriedade e muita paciência, ele continuou:

— Você foi deixado aqui para refletir sobre seus erros e acertos! Olhe para seu estado! Reconheça seus erros e peça perdão para você mesmo, para Deus e para todos aqueles que fez mal!

— E eles vão me perdoar?

— Com o tempo terão oportunidades de acertar as contas com você, é para isso que existe reencarnação, se não perdoarem ficarão em seus umbrais, podem permanecer centenas de anos nessa situação, mas um dia seus caminhos vão se cruzar, é a Lei de Ação e Reação, necessária para depuração do espírito.

Eu não tinha a menor noção do que eram as leis que ele falava, com a cabeça perturbada não entendia nada do que o homem explicava, achava que era um louco, ouvia sem comentar nada.

Percebendo que eu não estava entendendo nada ele mudou a abordagem, em demonstração de humildade e amor tentou me deixar mais a vontade, para isso apelou para as gírias e trejeitos que eu usava com os amigos.

A cena foi singular, aquele homem sério e sisudo se comunicando com o linguajar dos malandros da Lapa, fazendo um verdadeiro malabarismo linguístico, ele continuou a explicação:

— Bicho! Estou vendo que já se conscientizou de algumas coisas que fez! Você passou a vida tirando onda, prejudicando outras pessoas! Bota fé no que tô falando! Seu estágio nesse vale permitiu que compreendesse que cada vez que prejudica um irmão, contrai débitos

com ele, e esses precisam ser quitados, por isso te perseguiram, morô mano?

Fiquei olhando seriamente, no fundo me segurava para não rir, era muito esquisito aquele homem usando gírias, mas continuei calado ouvindo as explicações:

— Se liga malandro! No estado de perturbação que esses manos se encontram não conseguem orar, ou se conectar com Deus! Será muito difícil levá-los, ficarão muito tempo nessa zica. Bicho, para esses caras o orgulho, o ódio, a vaidade, o sentimento de vingança vem em primeiro lugar, são espíritos que se deixam dominar pelo ego, é por isso que se formam essas comunidades no umbral, saca?

Por mais que ele tentasse usar as gírias que eu conhecia muito bem, ainda não entendia nada do que tentava explicar, estava muito confuso, olhando fixamente para ele perguntei:

— Pode me falar quem é você?

Ele percebeu que o malabarismo linguístico não surtiu muito efeito. Com a dedicação de um verdadeiro irmão, ele respondeu à minha pergunta, dessa vez abandonou as gírias que não ajudaram muito:

— Clóvis, por enquanto basta compreender que sou um grande amigo, em sua vida na terra te acompanhei. Muitas vezes fui obrigado a me manter longe, quando você se entregava a atitudes inadequadas e ignorava meus conselhos, era obrigado a me afastar para não me tornar cúmplice, não podia compartilhar de seus erros! Sempre tentei te proteger e ajudar em todas as situações, por vezes era necessário que você passasse por provas, eu não podia te tirar dessas provas, pois serviam para sua evolução, mas me mantinha do seu lado, te apoiava, incentivava, transmitia força e fé. Enquanto encarnado você era um “Bom Vivant”, sendo assim, nunca deu importância ao que te faria evoluir, não seguia religião, só se interessava por farras, bagunça e mulheres! Meu amigo, você se envolveu em tantas confusões que acabou sendo morto! Quantas vezes te alertei! Te falei! Não faça isso! Não faça isso! Mas você não me ouvia, não seguia sua intuição! Eu era sua intuição!

Aquelas palavras tocaram no fundo do meu coração, não consegui conter as lágrimas, aquele homem sabia muito sobre minha vida, realmente estava ao meu lado, a sinceridade com que falava denunciava um amor de irmão, nunca pensei que tivesse um amigo tão devotado ao meu lado. E com nobre franqueza ele continuou:

— Meu irmão, não fui seu anjo ou obsessivo, assumi o compromisso de te conduzir por caminhos corretos, queria que todos os erros que cometeu em outras vidas se convertessem em bem, mas como todos os encarnados passam por provas, com você não foi diferente, nas provas que você precisava ser forte, acabava sucumbindo. O resultado foi que desencarnou antecipadamente, não teve tempo de fazer o bem que precisava e acabou vindo para esse lugar. Clóvis, o guardião que te trouxe te alertou para que não fosse até o grande barril, que encontrasse um lugar e refletisse, mas você ignorou, saiu à procura de bebida, mulher e farrá! Viu o que encontrou?

Senti-me completamente envergonhado, mesmo sabendo que não tinha argumentos tentei explicar:

— Fiquei curioso para ver o que tinha no grande barril, nunca imaginei que encontraria aquela multidão que viria atrás de mim!

— Clóvis, eu estava perto de você o tempo todo, mas suas vibrações baixas não permitiam que me visse e nem que te levasse para um lugar melhor. Você pode ir embora, receber tratamento e começar uma nova vida, mas para isso, terá que mudar radicalmente! A vida de boemia acaba aqui! Para começar, esqueça quem te matou e tudo que viveu na terra, deixe tudo isso para trás!

— Corro o risco de voltar para esse lugar?

— Isso dependerá de você, da sua capacidade de se melhorar, poderá retornar ou ir para um lugar melhor.

Enquanto conversávamos, dois guardiões se aproximaram, me sentia confuso não consegui lembrar que eram os mesmos que conheci no cemitério, e, um deles era Sete Porteiras, o mesmo que me deixou naquele lugar, me esforcei para lembrar de onde os conhecia, mas não conseguia, então interrompi a conversa e perguntei:

— Conheço o senhor de algum lugar?

Sete Porteiras me olhou com extrema seriedade e respondeu:

— Você me conhece? Vamos tentar adivinhar de onde? Seria do cemitério?

Aquela resposta me deixou assustado, aquele guardião esboçava uma seriedade que beirava o mau humor, olhando para meu guardião, ele falou:

— Então esse é teu protegido? Removi ele para esse lugar, sabe como é, ou trazia ele para esse vale, ou acabaria sendo capturado por escravizadores! O que pretende fazer? Acredita que ele esteja preparado para seguir um novo caminho?

— Cavalheiro, agradeço a ajuda! Conheço muito bem esse malandro, é irresponsável, mas tem um bom coração, vamos esperar que se recupere. Sete Porteiras, acredito que poderá me ajudar colocando-o em sua falange, com o tempo ele vai recobrar a memória, lembrará dos propósitos da última vida na terra, até lá precisará ser útil, o trabalho edifica o homem!

Sete Porteiras, perguntou surpreso:

— Quer que eu coloque seu pupilo em minha falange? Ele? Na minha falange?

— Creio que poderá encaminhá-lo e no momento apropriado ingressá-lo em sua equipe de trabalho!

Sete Porteiras me olhou de cima a baixo, tirou a cartola, coçou a cabeça, sua atitude demonstrava que jamais recusaria o pedido de um companheiro, me olhando com dúvidas, balançou a cabeça positivamente, concordou.

Deu alguns passos em minha direção, envolveu o rosto com um semblante ainda mais sério, chegou bem perto e afirmou:

— Meu jovem, você vai andar na linha! Fará o que vou dizer! Primeiro irá para um hospital onde poderá se recuperar, depois conversaremos sobre seu trabalho! Vai trabalhar comigo, mas exijo disciplina!

Com tamanha austeridade me pareceu claro que eu não tinha o menor direito de opinar, fiquei indignado com o futuro que me aguardava, ainda sem entendimento, respondi:

— Vou ter que trabalhar? Mas já trabalhei a vida toda! Não acredito nisso! Achei que passaria algum tempo aproveitando um longo descanso!

Sete Porteiras respirou fundo, passou a mão no queixo, e, buscando paciência extra falou entre dentes:

— Pelo visto você ainda não entendeu! Vejo que ainda tem muito que aprender! É melhor que fique mais um tempo por aqui! Adeus!

O homem deu as costas e começou a caminhar, estava indo embora. Apavorado com a possibilidade de continuar naquele vale, imediatamente respondi:

— Estou pronto para o trabalho! Sempre adorei a lida incessante! Férias para que não é mesmo?

Vendo que Sete Porteiras não estava para brincadeiras, achei melhor me calar, os guardiões trocaram mais algumas palavras, se despediram e fui levado para um posto de atendimento situado na mesma região.

CAPÍTULO III

Um Malandro na Luz

Eu nunca tinha visto um lugar como aquele, lembrava um castelo medieval, protegido por muralhas, torres com guardas, portas grossas, muito bem protegido, pois vivia sob constantes ataques de rebeldes.

Logo que cheguei fui encaminhado para uma ala de recuperação, o posto fazia papel de hospital para os desencarnados endividados que chegavam necessitados de amparo e cuidados.

Todos os trabalhadores eram espíritos em fase de evolução, realizavam suas tarefas buscando progresso e ajudando outros irmãos, para isso recebiam bônus horas que podiam ser usados em seus momentos de folga. Muitos nunca faziam uso dos bônus que recebiam, pois, sua alegria era o trabalho que faziam.

Passei um longo período desacordado em recuperação, recebia passes e tratamentos especializados para me refazer dos ferimentos.

Depois de algum tempo, já recuperado fui liberado para conhecer o lugar e os trabalhadores, enquanto estive em recuperação fiz amizade com Paulo, esse foi quem me serviu de guia e explicou como aconteciam os trabalhos no posto.

— Clóvis, como pode ver, essa é uma colônia muito pequena, na verdade um posto de atendimento.

— Como construíram essas muralhas?

— As muralhas dão proteção ao posto, a parte externa é feita da mesma substância grosseira encontrada nessa região, para se manterem precisam ter a mesma vibração, no entanto, a parte interior é feita de substância sutil, que proporciona aos internos e trabalhadores energias salutareas para que possam se recuperar e viver bem. O trabalho aqui acontece como em uma empresa, os trabalhadores que têm merecimento podem subir de posto e realizar trabalhos em esferas um pouco mais elevadas, pois ainda estamos próximo ao lugar que você foi resgatado.

— Então ainda estamos no umbral? E quem constrói esses postos de atendimento?

— Sim, aqui é uma das regiões do umbral! Os postos são construídos por espíritos especializados, que sabem manipular energias, plasmam a matéria do lugar, dão forma a essa matéria que é usada na construção. Você quer sair do umbral?

— Paulo, o que preciso fazer para sair daqui?

— Precisa trabalhar, ajudar outros irmãos que se encontram na mesma situação que você estava! É preciso convencê-los a abandonar as coisas que tinham na terra, esquecer a vida terrena! Não podemos trazer baderneiros, pois esses comprometeriam a recuperação de outros, precisamos trazer aqueles que estão dispostos a iniciar uma nova vida e ajudar o próximo. No início serão servidos e cuidados, mas chegará o momento em que servirão os que necessitam de ajuda. É necessário que estejam dispostos a se reeducar!

— E quando começam a trabalhar?

— Depois de um tempo em recuperação são recrutados para vários tipos de trabalho, há os que iniciam na limpeza do lugar, outros auxiliam recebendo os recém-chegados, a aqueles que trabalham na proteção do posto.

— Proteção do posto? Protegem de quem?

— Meu irmão, não esqueça que estamos em uma região do umbral, os postos de atendimento sofrem constantes ataques, existem espíritos marginalizados, revoltados que não querem postos de atendimento em locais que eles dizem fazer parte do seu domínio, tentam nos derrubar de todas as maneiras. Os Exus trabalham na proteção desses postos.

— E eu vou trabalhar com o que?

— Inicialmente vai trabalhar na limpeza, conforme for seu desenvolvimento poderá passar para outro setor de trabalho. Creio que já se sente bem para o trabalho, não é mesmo?

— Sim, me sinto muito bem! Posso começar quando quiser!

— Pois então pode iniciar seu trabalho! Mas antes...

Paulo fez uma pausa, abaixou a cabeça como quem procura as melhores palavras, e em seguida continuou:

— Antes você visitará uma sala, onde assistirá um “filminho” é como um cinema, poderá ver todos os erros e acertos praticados durante sua vida na terra. Depois conversaremos novamente para saber se você está de acordo com o trabalho que lhe será ofertado, em breve alguém te levará até a colônia onde poderá rever sua última existência na terra. Por enquanto terá que ficar aqui, ainda não tem condições para trabalhar em esferas mais elevadas, se aceitar a oferta terá aulas sobre reabilitação e sobre seu novo trabalho.

Paulo sabia que muitos espíritos ao serem defrontados pelos próprios erros, por vezes entravam em estado de culpa e revolta, sendo assim preferiu agir com cautela dando apenas as informações necessárias.

Eu percebi que aquele “filminho” certamente não traria muitas alegrias, receoso perguntei:

— E se eu não aceitar o trabalho? E se não quiser ver o filme?

— Você não é obrigado a nada, mas aqui todos precisam colaborar, caso não queira aceitar nenhuma das ofertas de trabalho será convidado a voltar para o vale do grande barril, ou algum outro lugar semelhante. O filme, esse meu amigo, não tem como escapar, faz parte do retorno, todos passamos por isso.

Logo percebi que as coisas eram muito diferentes da terra, seguindo a indicação de Paulo comecei o trabalho, algum tempo depois fui levado até uma colônia superior onde assisti vários episódios marcantes de minha vida de boêmio, em companhia de guardiões e mentores, me deparei com um passado nada exemplar, a experiência não foi agradável, pelo contrário, foi triste ver as diversas oportunidades perdidas.

Nada do que vi foi surpreendente, já tinha consciência dos erros cometidos, não adiantava lamentar, culpar ou revoltar, isso com certeza tornaria as coisas ainda mais difíceis para mim, sendo assim, aceitei, voltei ao trabalho, em seguida iniciei um curso preparatório que me habilitou para os trabalhos na limpeza.

No início sofri muito até me habituar as novas regras, os resgatados que chegavam se encontravam em situações lastimáveis, traziam as mesmas doenças, traumas, e problemas de quando estavam encarnados, muitos tinham constantes crises de vômito, desarranjo intestinal, o lugar necessitava de limpeza constante, minha tarefa era manter tudo limpo, aplicar passes, e ajudar os recém chegados.

Durante minha permanência no posto de atendimento, aprendi muito sobre a situação daqueles sofredores. Compreendi que o fim do corpo físico não exime o espírito de continuar em sofrimento, que todos mantinham um corpo astral, e esse carregava as doenças do corpo físico, por isso muitos não acreditavam estar mortos, pois continuavam a sentir as mesmas dores, sensações de mal-estar, fome, sede, frio de quando estavam encarnados, o período de recuperação era mais longo para aqueles que chegavam em completo estado de perturbação.

Quando se sentiam bem, e recuperado eram convidados a se juntar a seara do bem, iniciavam o período de erraticidade onde trabalhavam, estudavam, e se preparavam para próxima reencarnação.

Muitos receavam o retorno a terra, pois sabiam que precisariam passar por provas, no entanto, se tivessem merecimento e realizando um bom trabalho poderiam aguardar no plano espiritual. Já os mais desequilibrados precisavam reencarnar o quanto antes, acometidos por graves distúrbios, não conseguiam se manter estáveis, oscilavam entre constantes crises de fúria, tristeza, pavor, esses acessos faziam com que suas vibrações caíssem rapidamente, colocando-os em risco, pois poderiam ser atraídos para regiões umbralinas de sofrimento.

Ninguém era obrigado a reencarnar, todos recebiam explicações sobre seu estado e as necessidades de nova reencarnação, eram conscientizados dos riscos e dificuldades futuras caso adiassem o retorno, a maioria acabava aceitando e marchava corajosamente para nova vida de provas e expiações.

Depois de um longo período trabalhando no posto de socorro, recebi a visita de Sete Porteiros, esse sem perder tempo foi direto ao assunto:

— Como vai rapaz? Pelo que vejo já tomou consciência de muitas coisas, a essa altura já deve ter assistido o “filminho” da sua última vida! Vamos conversar? Antes de tudo, quero que entenda que tem livre arbítrio, vou te apontar algumas opções, e poderá fazer as escolhas que quiser! Você sabe que no vale as coisas não são fáceis, mas se deseja, pode voltar para lá, aconselho que não volte! Trabalho ruim não existe, isso é desculpa para quem tem preguiça, se quiser poderá trabalhar comigo. Ainda tem mais uma opção, se preferir poderá seguir para uma colônia educacional onde terá mais aprendizados, se reeducará para tentar uma nova vida na terra, reencarnará e terá mais uma chance de praticar o bem para compensar o mal que já está feito. Se escolher essa opção então dessa vez faça melhor que em sua última vida!

Por alguns momentos pensei na possibilidade de retornar a terra, sentia falta da vida que tinha, mas não estava certo de que aquela fosse a melhor escolha:

— Se eu reencarnar poderei retornar a tudo que tinha antes?

— Você tem o direito de tentar fazer uma vida melhor, e tudo será preparado para que volte vencedor, nunca faltam oportunidades para ser uma boa pessoa! Meu rapaz, está na hora de ser um homem bom e útil para sociedade! Passará por provas que serão decorrentes dos erros cometidos em sua última existência e em outras vidas, é assim para todos, a Lei de Causa e Efeito.

— Posso voltar, comer alguns quitutes, tomar uma cervejinha, mas não poderei cometer os mesmos erros, a vida de farra e de boemia acabou! Terei que fazer diferente, eu sei que cedo ou tarde precisarei reencarnar, mas tem que ser agora?

— Todos tem que reencarnar um dia, seja Caboclo, Preto Velho, Exu, podem trabalhar no plano espiritual por muito tempo, alguns estão a centenas de anos na erraticidade, mas chegará o momento em que terão que passar pela reencarnação, seja nesse ou em outro orbe, isso faz parte da trajetória evolutiva. Quer um conselho? Fique conosco por um tempo, existe uma colônia humilde, lá poderá estudar e refletir sobre o assunto, e quando quiser irei conversar com você.

— Acredito que seja melhor esperar, trabalhar desse lado por enquanto. Aceito a oferta!

— Então te levarei para essa colônia, mas não pense que lá você ficará ao lado de Jesus, ou que encontrará Deus com barba! Você estudará, aprenderá muitas coisas, e vai ter que trabalhar!

Assim se iniciou uma nova jornada em minha nova vida.

Sete Porteiras me levou até a colônia escola, onde aprenderia o necessário para começar o trabalho com os Exus.

Quando chegamos à nova colônia notei que tudo era muito parecido com a terra, no entanto, muito diferente do que eu acreditava quando encarnado, não via ninguém com asas ou auréolas, havia pessoas circulando pelo lugar, iam e vinham de seus estudos, e trabalhos, via-se casinhas, escolas, áreas de lazer. Algumas pessoas se destacavam, usavam mantos claros, Sete Porteiras notando minha perplexidade logo me auxiliou:

— Aqueles com mantos brancos são espíritos muito elevados, são instrutores, professores, catequizam nas escolinhas, filho, aqui você não vai ver anjos, santos, é uma cidade como tantas na terra.

Logo paramos em frente a uma construção que se parecia muito com uma paróquia, fiquei ainda mais intrigado e perguntei:

— O céu é católico?

— Não! Aqui não existe religião, o que existe é uma fé universal, a mesma para todos!

— Mas aquilo não é uma igreja?

— É, mas por acaso você está vendo alguma cruz? Abra os olhos meu rapaz!

Fiquei admirado, o lugar bem pintado e cuidado refletia singela beleza, por fora parecia humilde e pequeno, no entanto, o lado de dentro apresentava-se com uma grande arquitetura com vários departamentos. Eu não entendia como aquele lugar poderia parecer pequeno por fora e tão grande dentro. Segui Sete Porteiras sem fazer perguntas, caminhamos alguns metros até chegar a um escritório. O guardião cumprimentou a trabalhadora do lugar:

— Salve Cristo! Como vai a senhora? Trago esse rapaz para se inscrever nos cursos.

Não consegui me conter, aquela saudação tão diferente de tudo que eu tinha ouvido, o lugar igual uma igreja, interrompi Sete Porteiras e perguntei para a mulher:

— Senhora, isso é uma igreja católica?

O guardião virou-se para mim, os olhos grandes mostravam a contrariedade, em tom repreensivo falou:

— Já te expliquei! Aqui não tem católicos!

A senhora sorriu e respondeu:

— Aqui, muitos dos que chegam são católicos, existe um local onde você poderá orar, mas não verá imagens de santos, ou anjos, pois esses são espíritos elevados que se encontram nas altas esferas.

— Aqui é como uma escola mesmo?

— É o Instituto de Ensino da colônia Santa Maria.

Para mim tudo aquilo era muito curioso, estava entusiasmado e não parava com as perguntas:

— Poderei me inscrever no curso?

— Sim, o curso é como uma catequese, você começará pelo nível básico, junto com outras pessoas que também precisam adquirir conhecimentos iniciais, depois poderá passar para outro nível.

Sete Porteiras interrompeu minhas perguntas, ele sabia que no momento certo eu receberia todas as explicações. Feita a inscrição o guardião enfatizou:

— A prioridade será seu estudo, começará pelo básico, em seguida terá lições mais avançadas que serão importantes em seu trabalho. Aprenderá a voitar, se locomover entre a barreira do espaço e tempo, manipular energias e outras coisas mais. Agora vou te levar até o lugar onde você viverá enquanto permanecer nessa colônia.

Pouco tempo depois chegamos a uma pequena casa, o espaço continha um quarto com cama, guarda roupas, e um banheiro. Sentei-me na cama, senti o conforto e comentei:

— Poxa vida! Essa cama é melhor que aquela que eu tinha na terra!

— Esse lugar é de um amigo que voltou para terra, pode morar aqui, tem o necessário para que fique confortável.

— Senhor Sete Porteiras, por que o senhor me pegou para o trabalho? Não me diga que lhe devo?

— Não é uma questão de dívidas, meu trabalho é de ajudar almas perdidas. Quando estava em minha ronda de trabalho vimos você, estávamos de olho desde o momento que te enterraram, sempre existem coveiros prontos para se lançar sobre aqueles que estão presos ao corpo. Nossa tarefa é impedir que isso aconteça, não podemos interferir e fazer o desligamento, pois essa tarefa é do mentor, do seu guardião ou algum guia que chega para ajudar. Mas mantemos a ordem e proteção no lugar.

— Coveiros que se lançam sobre as pessoas? O que é isso?

— Vou simplificar para que entenda! Você sabe o que são almas penadas?

— Sim! Isso eu sei!

— São almas penadas que se acercam para sugar energia vital emanadas de recém desencarnados. Como em seu caso não apareceu ninguém para fazer o desligamento ficamos atentos, até vermos que você saiu do corpo por conta própria.

Eu ouvia a explicação e me perguntava sobre o estado do corpo naquela cova. O guardião que conseguia ver meus pensamentos deu risada e disse:

— Meu amigo, você nem sabe quanto tempo faz que desencarnou! Naquela cova sobraram apenas ossinhos, faz muito tempo! Sem contar nas enchentes que aconteceram naquele lugar, esqueça aquele corpo! É apenas matéria! Não sei se já percebeu, mas seu corpo está curado!

Eu não tinha mais os buracos das balas, os ferimentos haviam desaparecido, curioso, continuei a ouvir os esclarecimentos de Sete Porteiras, que começou a explicar o que era desligamento, o trabalho dos guias e dos Exus.

— Por que meu mentor, guardião ou outra pessoa não apareceu para fazer o desligamento?

— Porque suas vibrações eram muito baixas, só não foi direto para zonas mais densas porque acreditava estar vivo! A maioria quando percebe que desencarnou entra em desespero, o que faz com que as vibrações despenquem, e assim são tragadas, indo parar no umbral, um dia você vai ver como acontece.

— Então por que me levaram para o umbral?

— Porque suas vibrações eram semelhantes às daquele lugar, no plano físico logo procuraria os prazeres de antes, se tornaria obsessivo e seria ainda mais difícil te ajudar. Te levar para planos mais elevados era impossível, pois você necessitava criar consciência dos erros cometidos, então o melhor era que te levássemos para o vale onde foi deixado, quando estão lá não conseguem ver, mas existem guardiões que mantêm a ordem no lugar, nada acontece sem um motivo, nem mesmo aqueles escravizadores ficam por lá sem uma razão. A Lei Divina é para todos!

— Todos vão para o umbral?

— A maioria, muitos perambulam perdidos pela terra, se foram boas pessoas logo são recolhidos e levados para outros planos. Vítimas de acidentes, assassinatos, mortes repentinas, como foi em seu caso, esses geralmente são recolhidos em seguida. As pessoas têm um tempo mais ou menos pré-determinado na terra, quando morrem repentinamente não é porque Deus quis assim, como a maioria fala! Sempre tem um motivo. No seu caso, em particular, você mesmo atraíu um desencarne precoce, o pior foi ter sua encarnação interrompida, pois ainda precisava passar por provas e expiações que fariam você se elevar e enobrecer. Como lhe foi tirada essa oportunidade, então decidi lhe oferecer trabalho.

— Que tipo de trabalho vou fazer?

— No início nos ajudará com os coveiros, fará parte de nossa falange, depois poderá ser enviado para outra área de trabalho, tudo dependerá do seu desenvolvimento e de sua vontade.

— Se é um trabalho tem remuneração, vou ganhar quanto por esse trabalho?

Sete Porteiros deu uma grande gargalhada e respondeu:

— Mas é claro que tem remuneração! Ganhará muito! Ficarás rico!

— Vou ganhar quanto?

— Você vai ganhar sabedoria e elevação moral! Por meio da prática do amor ao próximo ganhará muito! Vai trabalhar para ser um homem melhor, aqui você fará o que não fez em vida! E chega de perguntas! Você já está matriculado no curso, tem seu canto para descansar, tomar banho, aquela porta é do banheiro.

— Está bem, nem queria o dinheiro, vou usar com o que aqui nesse lugar! Aqui não tem nada para gastar! Senhor Sete, se estou morto não preciso usar o banheiro!

— Precisa sim e vai usar! Acredite e confie em mim, com o tempo não será mais necessário, aprenderá a se ver como espírito, mas ainda tem muito que aprender. Ou por acaso não está com fome?

— Estou sim! Se viesse um prato de feijoada eu comeria tudo!

— Feijoada não vai ter, mas logo te trarão um prato de sopa! É normal que ainda sinta falta das coisas que estava acostumado na terra, com o tempo se acostumará, não farão mais parte da sua nova vida. Agora vou embora! Até mais malandro!

— Senhor Sete! Espere! Não posso ficar com a mesma roupa o tempo todo! Se ainda preciso usar o banheiro então também transpiro não é mesmo?

— Sim, por enquanto será como era na terra, logo aprenderá que é espírito e não precisa manter os hábitos que tinha quando encarnado. É como as crianças que no início lembram muito das coisas do plano espiritual, com o tempo vão esquecendo e se habitam a vida em um corpo físico.

Eu abri as portas dos armários na esperança de encontrar alguma roupa, mas estava tudo vazio. Sete Porteiros percebendo minha aflição, falou:

— Meu filho, não tem nada nesses armários! Mais tarde você receberá visitas, seus amigos, seu mentor e guardião virão te ver, te ajudarão com isso, não se preocupe! Agora descanse, já está matriculado em seu curso, tem lugar para ficar e trabalho, então se tranquilize, aproveite esse momento para se refazer.

Sete Porteiras fez um sinal, se despediu e foi embora.

Deitei-me na cama para descansar, percebi que não sentia frio ou calor, tempos mais tarde aprendi que a temperatura do lugar era controlada, tudo para ajudar na adaptação dos recém-chegados. Fechei os olhos e adormeci, um sono diferente daquele que tinha na terra, sem sonhos, era como desligar um botão e apagar. Pouco tempo depois senti que alguém me acordava, era meu guardião:

— Como vai Clóvis? Vejo que está muito bem! Vamos conversar?

Conversamos sobre os laços que trazíamos de vidas anteriores, aos poucos comecei a me lembrar de nossa antiga amizade e compreendi os motivos que levaram aquele homem tão sério a ser meu guardião. Ele me explicou muitas coisas, e eu ouvia a tudo com atenção:

— Durante toda sua vida eu me dediquei para te ajudar a seguir no caminho do bem, como seu guardião eu não fracassei, estive ao seu lado em todas as etapas da sua caminhada, nos momentos de alegria me alegrei com você, nas horas de dificuldade te dei todos os bons conselhos que podia. Fiz o possível para que não caísse em emboscadas, tentei te afastar dos perigos, mas suas escolhas te levaram ao fracasso e a um desencarne prematuro. Esse desencarne prematuro é o problema agora, pois terá que trabalhar até completar o tempo que deveria passar na terra.

— Por que isso é um problema?

— Porque o tempo no plano espiritual é diferente, terá que trabalhar dez anos aqui para saldar um ano da terra, ou seja, terá que trabalhar muito! Minha missão com você terminou, pois já está desencarnado, mas não te deixarei, continuaremos juntos por meio dos pensamentos, quando estiver aflito, ou sentir necessidade de conversar

basta me chamar que estarei com você. Entenda que o que é da terra pertence a terra, agora é outra vida, como você sempre se manteve afastado da família então não receberá o sofrimento causado pela sua morte. Poderá seguir seu caminho, estudar, trabalhar, e sempre que precisar de um amigo sabe que basta me chamar.

— Antes de desencarnar fiquei sabendo que uma moça esperava um filho meu, minha intenção era ajudá-la, mas não tive tempo, será que posso fazer alguma coisa?

— Clóvis, a Maria Eugenia sofreu um aborto, a pressão dos pais, a tristeza, tudo contribuiu para que a gravidez findasse. Esqueça isso, ela está bem, acredite em mim, ela está encaminhada e feliz.

— E a criança?

— Foi resgatada imediatamente e levada para uma colônia onde aguarda nova oportunidade. Como já te falei, esqueça isso e se preocupe com o seu trabalho, ele ajudará muito em sua evolução.

Após a conversa, o guardião se despediu.

Com o passar do tempo reencontrei velhos amigos, recebi novas roupas, muito diferentes daquelas que eu gostava, eram batas brancas com o emblema da colônia, pareciam uniformes, mas era o que todos usavam. Aos poucos me habituei à nova vida, os estudos tomavam boa parte do meu tempo, nos momentos de folga caminhava pela colônia para conhecer um pouco mais do lugar.

Sempre me impressionava com a semelhança, achava tudo muito parecido com a terra, em minhas explorações notava que algumas pessoas ainda mantinham os mesmos pensamentos e hábitos de quando encarnados, entre alguns ainda persistia o vício da fofoca, ou ociosidade, o trabalho não era obrigatório, mas ajudava na evolução dos que já estavam aptos às tarefas, no entanto, uns e outros preferiam ocupar-se com descansos prolongados, passeios pela colônia, distrair-se, esquivando-se de qualquer compromisso com o próximo, esses logo eram enviados para a reencarnação.

Eu já estava preparado para iniciar o trabalho com os Exus, dessa maneira fui convidado a participar de uma reunião realizada na

colônia. Sete Porteiras coordenava a tarefa de mapeamento no umbral e explicou como seria meu primeiro trabalho com a falange.

— Vamos traçar pontos estratégicos nas faixas baixas do umbral, o local é perigoso existem muitos espíritos antigos, peritos em manipulação de energias, escravizadores, e falanges chefiadas por espíritos trevosos que atuam junto aos desencarnados e encarnados.

— Por que temos que fazer esse mapeamento?

— Porque essas faixas do umbral são plasmadas pela mente de encarnados e desencarnados, portanto, muda constantemente, em várias regiões esses espíritos se reúnem por afinidades, formam cidades, esses locais tornam-se pontos de apoio entre os grupos que se reúnem para organizar ataques e investidas contra os postos de atendimento e encarnados da terra. De tempos em tempos essas formações são destruídas, mas aos poucos se reagrupam e formam novas estruturas, por isso precisamos mapear o lugar constantemente para encontrar onde estão as novas formações.

— Mas se são destruídas como se reorganizam tão rápido?

— Existem espíritos que atuam como escravizadores, são especialistas em capturar espíritos mais fracos que passam a ser servos. Muitos daqueles que nós removemos para o umbral são capturados e levados como escravos, ou unem-se a grupos por afinidades e passam a prestar serviços aos chefes. Como, por exemplo, o Grande barril, aquele lugar é conhecido por reunir vampirizadores, prostitutas, viciados, esses formam grupos com chefes e escravos. Como a demanda de desencarnados é grande sempre se forma novos agrupamentos.

— Esses grupos atuam como? E em que locais na terra?

— Na crosta utilizam como ponto magnético as casas dos encarnados, por vezes pequenos cemitérios que não tem cruzeiro. Os cruzeiros são pontos de forças, como portais entre os planos, não existindo esse ponto, não existem grupos de guardiões para proteger o lugar, que acabam por ser dominados, se tornando pontos de apoio para espíritos inferiores.

— Esses lugares depois de dominados permanecem sob o comando dessas falanges trevosas?

— Geralmente são retomados, para isso é necessário que se monte uma estratégia, situações onde vários espíritos trabalham em conjunto, sempre com muita cautela para evitar um embate de consequências graves, precisa-se dismantelar o grupo aos poucos. Normalmente um ou dois espíritos especializados se infiltram na tentativa de converter aqueles que já estão cansados da escravidão, por vezes fazemos negociações até que o lugar seja retomado pelas falanges do bem que constroem postos de auxílio que ajudam na transição de irmãos desencarnados para outros planos, esses locais passam a ser guardados por Guardiões e comandados por um irmão do plano mais elevado. Agora vamos para o trabalho!

— Senhor Sete, essa bata é a única roupa que tenho, é o que me deram aqui, é adequada para o trabalho?

— Essa roupa é adequada para essa colônia, em nossos trabalhos usamos outras roupas, use a roupa que você quiser!

— Mas que tipo de roupa?

— Ora, ora meu filho! Você não vai para uma festa ou para missa! Vai trabalhar no umbral! Por cima da roupa usará uma capa com capuz, que será seu manto de proteção. Escolha o que quiser para vestir!

— Escolher como? Se só tem batas e mais batas! Todas iguais com o emblema da colônia!

— Então crie outras roupas!

— Criar? Como vou criar roupas?

— Você ainda não aprendeu a criar suas roupas? Será possível que ainda não é capaz de fazer isso? Diga o que quer vestir que criarei para você! Pode ser um terno?

Aquela era a oportunidade que eu esperava, finalmente chegava o momento de usar as belas roupas de antigamente, e sem perder tempo expliquei detalhadamente o que eu queria:

— Por favor, quero um terno branco, gravata borboleta preta, sapatos bicolores, mas de bico fino, meu número é 42.

Sete Porteiras, parado de braços cruzados, me olhava como quem duvidava do que ouvia, em tom irônico perguntou:

— Por acaso está achando que vai para gafeira?

— Não! Mas preciso me sentir a vontade para fazer um bom trabalho! Como faço para pagar o serviço?

Respirando fundo e buscando aquela calma extra ele falou pausadamente:

— Você não tem que pagar pelo serviço! Mas quando é que vai aprender! Meu Deus do céu!

Sete Porteiras plasmou as roupas de acordo com o que eu pedi, o que meu amigo não imaginava é que eu pediria uma coisinha a mais:

— Será que posso pedir mais uma coisa? Por caridade, também quero um par de meias femininas e um pente duro.

Sete Porteiras franziu a testa, não conseguiu esconder a surpresa, parecia não acreditar, intrigado com o pedido ele me interrogou:

— Um par de meias femininas? Mas que pedido é esse? Você não me diga que usa meias de mulher! Qual a finalidade disso? Por que quer meias femininas?

Eu achava que usar uma meia para alisar os cabelos era a coisa mais natural do mundo, mas pela reação do guardião, logo percebi que não era um hábito muito comum entre os homens, principalmente os da época dele, dando de ombros, disfarcei o constrangimento e respondi:

— Isso é uma particularidade minha! E não vejo nada de errado!

Sete Porteiras que já não tinha de onde tirar paciência extra, me deu as costas e saiu, mas antes enfatizou:

— A roupa e os sapatos eu te dei com o maior prazer! Meias femininas e pente não! Coisa mais esquisita!

Pouco tempo depois me apresentei vestido para o trabalho, Sete Porteiras me deu uma capa preta, e seguimos para o trabalho.

O primeiro lugar que fomos era conhecido como vale dos arrependidos, uma zona formada por vários umbrais, a situação era pior do que eu imaginava, por todo os lados se via espíritos sofredores, em

situação de extrema agonia e desequilíbrio mental, muitos caídos na lama, escravizados pelas próprias lembranças, em profundo sofrimento.

O lugar era formado por espíritos que reviviam constantemente seus erros, presos em uma agrégora de culpa e arrependimento criavam seu próprio inferno e ali se mantinham na tentativa de se libertar. A região era muito grande, não havia construções, o que se via eram incontáveis espíritos presos em pensamentos repetitivos, se autopunindo e revivendo diversas situações lamentáveis.

O próximo vale a ser visitado era o grande barril. Antes de entrarmos no vale lembrei Sete Porteiras de que o lugar estava lotado de espíritos que queriam minha pele. O guardião percebeu que eu estava com medo de confrontar antigos perseguidores, tentando me tranquilizar, ele afirmou:

— Não tem o que temer! Tenha calma, entraremos no lugar sem sermos vistos! Lembra-se que por conta das baixas vibrações eles não podem nos ver? Será bom que você vá junto, pois poderá ver como estão seus perseguidores e saber se alguns já foram resgatados.

As palavras de Sete Porteiras me acalmaram, chegando no vale, percebi que muitos de meus perseguidores não estavam mais no grande barril, mas ainda restava aproximadamente quatrocentos espíritos que aguardavam uma oportunidade para acertar contas comigo. Sem sermos vistos mapeamos o lugar e logo seguimos para outra região, e assim o trabalho prosseguia sem parar.

A prática me deu a oportunidade de dominar a arte da volição, manipulação de energias, deslocamento, tornei-me um servo de Cristo, sempre disposto a ajudar no que pudesse, realizava meu trabalho com disposição e alegria, aprendi que o trabalho realmente me enriquecia.

Depois de aproximadamente cinco anos trabalhando no mapeamento do umbral fui convidado a trabalhar no cemitério onde meu corpo físico foi enterrado. A oferta era uma espécie de promoção, pois o trabalho não era tão penoso quanto nas regiões umbralinas, meu esforço e dedicação me deram merecimento.

O cemitério, ou calunga, comandado pelos guardiões, era protegido na frente e atrás. O trabalho permitiu que eu visse como acontecia a chegada dos recém-desencarnados.

Alguns espíritos vinham ainda ligados ao corpo, trazidos pelo cortejo fúnebre, acompanhados por guias, mentores ou guardiões que faziam o desligamento. Nesses casos os responsáveis pelo recém-desencarnado pediam autorização ao guardião chefe da calunga, lhe davam as informações do desencarnado, o guardião as anotava, fazendo uma espécie de histórico, em seguida dava o apoio e proteção necessários para que o trabalho de desligamento fosse completado sem perturbações, para em seguida ser feita a passagem do espírito para planos adequados a sua evolução.

Casos assim eram raros, pois dependiam da conduta que o encarnado teve em vida, era necessário que houvesse merecimento, para que assim a espiritualidade maior pudesse dar o amparo e encaminhamento apropriado.

A maior parte dos recém-desencarnados vinham acompanhados por seus obsessores, espíritos afins, que ao contrário da espiritualidade superior não tinha zelo, compaixão, ou qualquer tipo de consideração. Nessas situações os guardiões da calunga não podiam interferir, a condição era meritória. No entanto a cena sempre causava piedade, pois ainda presos ao corpo o desligamento era feito de forma abrupta, tornando o ato semelhante a um filme de terror, onde os obsessores agiam como verdadeiros vampiros, sugando o restante de energia vital que ainda existia no corpo, para em seguida usar garras e unhas para realizar o desligamento, parecendo-se com monstros em cima de uma vítima. O espírito preso ao corpo em estado de trauma era sacudido e levantado como um boneco, mostrando a face traumatizada e agonizante, olhos arregalados, esboçando o pavor de quem está preso em um pesadelo infernal. Assim era arrastado para regiões profundas, onde seria torturado, escravizado, atendendo as necessidades daqueles com quem se afinou durante a vida.

Outros recém-desencarnados ficavam presos em seus corpos, eram enterrados, sentiam a deterioração do corpo como quem ainda está vivo, permaneciam nessa situação até que alguém intercedesse e os tirasse da cova. Para em seguida encaminhá-los para lugares próprios a recuperação.

Os acontecimentos na calunga me permitiam viver na prática os ensinamentos teóricos que recebi na colônia.

Nesse período eu já dominava as técnicas de manipulação de energia e sabia criar minhas próprias roupas e objetos, continuei me vestindo com ternos brancos e chapéu, e não demorou para que todos me chamassem de Malandro.

CAPÍTULO IV

Enfrentando o Passado

Por volta de 1968, auge da ditadura militar o número de mortes crescia gradativamente devido ao cenário político do Brasil, a falta de democracia, censura, perseguição política e repressão aos que se mostravam contra o militarismo gerava um clima de extrema violência.

Na mesma década surgiu o movimento hippie, que pregava um novo modo de viver, sonhar e morrer, o aumento no consumo de entorpecentes, assassinatos, e violência tornava o quadro ainda mais caótico, e o trabalho no plano espiritual se intensificava.

No plano espiritual, eu aproveitava o momento de descanso para estudar, deitado em minha cama fui surpreendido quando ouvi alguém bater na porta, me levantei e atendi, já pressentia que era Sete Porteiras vindo me chamar para o trabalho.

Abri a porta, todavia, me esqueci de que por baixo do chapéu eu estava usando uma meia calça na cabeça, ainda mantinha o velho hábito dos tempos de encarnado, quando gostava de manter os cabelos alinhados.

Sete Porteiras entrou me cumprimentando e falou:

— Está tudo certo aí? Vamos trabalhar Malandro? Por que você está usando chapéu dentro de casa?

Foi então que lembrei da meia na cabeça, sabendo que Sete Porteiras não perderia a oportunidade de fazer uma de suas piadas, fiz o possível para disfarçar:

— O chapéu é um adorno! Não pode?

— Lógico que pode, mas não entendo por que usa dentro de casa!

— Eu gosto!

— Anda Malandro! O que está esperando? Tire essa coisa da cabeça! Coloque sua capa e capuz e vamos logo!

— Está bem! Eu tiro!

Quando tirei o chapéu Sete Porteiras não conseguiu esconder o espanto, arregalou os olhos, se aproximou franzindo a testa olhou atentamente, e segurando o riso perguntou:

— Isso na sua cabeça é uma meia calça?

— Simmmm! Simmmm! É uma meia calça!

Ele não conseguiu se conter e soltou uma estrondosa gargalhada, entre risos perguntou:

— Ah, ah, ah, ah! Minha Nossa Senhora! Mas porque você está com essa meia de mulher na cabeça?

— Lembra que te pedi uma vez? Você não quis me dar! Pois agora posso criar a minha! É para ficar com os cabelos lisos!

Sete Porteiras colocou o dedo, apalpou, puxou até ter certeza de que era realmente uma meia, se sentou na cama e tentava parar de rir. Aquela situação me constrangia, eu sabia que ele nunca mais esqueceria e certamente continuaria rindo por toda a erraticidade. Esforçando-se para conter as gargalhadas ele falou:

— Eu não posso acreditar! Você está mesmo usando uma meia de mulher na cabeça! Ah, ah, ah, ah! Meeeu Deus! Que coisa mais esquisita! E até pomada para cabelo e pente você criou? Filho, você sabe que aqui não precisa dessas coisas para se manter arrumado!

— Eu sei! Eu sei! Mas eu gosto! Me faz sentir bem! Qual o problema nisso?

— Isso é cômico e inacreditável! Você não para de surpreender!

— Será que agora poderia parar de rir?

— Está certo! Está certo Malandro! Se você gosta, e não faz mal a ninguém, então que fique! Vamos trabalhar, pois a demanda está aumentando e temos muito o quê fazer! Quer um conselho? Deixe sua meia em casa, quando o pessoal ficar sabendo disso vão rir até não aguentar! Ah, ah, ah, ah!

— E o senhor vai contar para todos! Aposto!

— Eu? Lógico que não! Só se for por uma causa justa! Ah, ah, ah, ah!

Tirei a meia da cabeça, olhei para Sete e ele continuava se segurando para não rir, tentei não me importar, mas sabia que cedo ou tarde ele contaria para alguém.

Seguimos para a calunga, Sete Porteiros tinha muito conhecimento e apreço por assuntos relacionados à política, coisa que não me interessava muito, apenas ouvia com atenção as elucidações do guardião, como não tinha conhecimento sobre o assunto achava melhor não dar opiniões, e ele discursava sobre o cenário político:

— Os militares estão nas ruas e o povo está cada vez mais revoltado! Essa repressão só traz revolta ao povo!

— Verdade! O senhor tem toda razão!

— Existem muitas pessoas que são contra! Você percebe? Está vendo? De que adianta tanta proibição, toda essa falta de democracia só traz violência e confusão social!

— Verdade!

— Toda essa confusão social traz o que? Traz morte! E como consequência disso, mais trabalho para nós!

— Concordo!

— Você vai ver meu amigo! Cedo ou tarde o povo vai dar fim nisso! Afinal, é o povo que manda!

— Verdade! O senhor está certo!

— Não dou vinte anos para os militares arriarem, quando o país sair dessa crise vai se recuperar, poderão escolher os políticos que vão colocar no poder! Essa será a chance que terão para fazer o Brasil crescer!

— Verdade!

— Vamos aguardar! Mas esse dia há de chegar, e os brasileiros terão liberdade de opinião! Oremos para que saibam escolher quem vão colocar no poder, que as ervas daninhas não tomem conta do país!

— Verdade! Vamos aguardar esse dia!

— Você só sabe concordar? Só fala: Verdade, verdade! Você tem muito que aprender mesmo!

Fazíamos a ronda na região do cemitério, procurávamos irmãos que pudessem ser resgatados, avistando um grupo de hippies, o guardião aproveitou para explanar mais um pouco sobre o quadro político do país:

— Veja essas pessoas! São prova de que uma sociedade oprimida e coagida acaba arrumando outros meios de extravasar sua insatisfação!

— Concordo, muitas dessas pessoas estão morrendo por conta de excessos com álcool, drogas. Lutam de forma inconsciente, direcionam sua energia para escolhas que só lhe trazem prejuízos.

Eu olhava para o grupo de hippies, vestidos com suas roupas coloridas, calças boca de sino, jaquetas, miçangas, colares e medalhões simbolizando paz, amor e liberdade.

Comecei a perceber que minha roupa estava ultrapassada, estava na hora de me atualizar de acordo com a nova moda.

No final do trabalho voltei para casa, refleti sobre os acontecimentos daquele dia, e lembrei-me do grupo de hippies e as suas roupas, decidi que estava na hora de inovar, mudaria meu estilo. Comecei a criar minhas roupas, eu ficava maravilhado com a possibilidade de criar o que eu quisesse, muito diferente da terra onde eu precisava trabalhar como um louco para comprar minhas roupas.

No dia seguinte Sete Porteiras novamente bateu a porta, eu já sabia que meu amigo ia fazer aquela cara de espanto, estava ansioso, já que ele se surpreendia tanto então queria dar um bom motivo para que a surpresa fosse inesquecível. Abri a porta e ele entrou perguntando:

— Está pronto Malandro?

— Estou pronto! Mas hoje não poderei usar capa preta e capuz! Não combinará com meu novo estilo!

Sete Porteiras parou aturdido, me olhava de boca aberta tentando acreditar no que seus olhos viam.

Fiquei olhando para aquela cara de espanto, e dessa vez foi eu quem não conseguia segurar a gargalhada. Sete Porteiras me olhava de cima a baixo, e pausadamente perguntou:

— Mas que diabos é isso?

— É meu novo estilo!

Eu estava usando uma camisa larga e colorida, calças boca de sino, mocassim também colorido, vários acessórios, correntes, pulseiras, chapéu, e óculos escuros redondos.

— Malandro, você está parecendo uma autêntica árvore de natal! Por São Benedito! Que coisa é essa? Como é que vai resgatar as pessoas assim? Vestido dessa maneira você acha que vão confiar em você?

Dei um sorriso, uma piscadinha e afirmei:

— Tenho tudo planejado! Vestido assim posso ganhar a confiança dos “bicho-grilo”, será mais fácil resgatá-los!

A estratégia pareceu não agradar muito o guardião, que surpreso e impaciente falou:

— Tenha dó! Se vista de forma decente! Está parecendo uma árvore de natal! Eu acreditei que tivesse dado bom exemplo! Estou sempre vestido de terno e cartola, tento me manter alinhado, como um homem de respeito! E você se veste assim?

— Não adianta vir com sermões! Estou decidido, esse será meu novo estilo, não renunciarei a minha estratégia! Pense bem Seu Sete! Vou ajudar mais! Admita, é um bom plano!

— Está bem! Pelo visto você não vai mudar de ideia! Mas vista sua capa! Não acredito no que vejo! Você sabe que está ridículo?

— Não estou ridículo! Estou na moda! O senhor é que gosta de vestir roupas ultrapassadas e fora de moda!

— Está bem! Agora vamos embora, precisamos trabalhar!

Vesti a capa sobre o meu novo figurino colorido e seguimos para calunga, no final do trabalho Sete Porteiras me chamou:

— Malandro, a coisa está cada vez mais feia! Tem uma equipe que está trabalhando no socorro de viciados, é comandada por um cara muito legal que tem muitas coisas parecidas com você! Acredito que se trabalhar com ele poderá aprender muito, ajudará em sua evolução!

— Seu Sete, o senhor está me demitindo?

— Não estou te demitindo! Quero ajudá-lo! Faz dez anos que você trabalha em minha falange, é uma chance de aprender novas coisas.

— O senhor está me dispensando por causa da roupa nova? Eu estava brincando, se quiser eu troco agora mesmo!

— Malandro, você se tornou um grande amigo, sei que estava brincando, já conheço seu jeito brincalhão, não fez nada de errado! — Você não é obrigado a ir! O que quero dizer é que seu compromisso comigo acabou, sempre seremos amigos, mas você está preparado para outros trabalhos, será bom para sua evolução, vai adquirir mais conhecimento!

Fiquei muito entristecido, estava acostumado e gostava do trabalho com os guardiões, no entanto, Sete Porteiras estava certo, eu já havia aprendido bastante, precisava continuar minha caminhada evolutiva.

— Sete, o senhor sabe que sempre serei grato por tudo, desde que me levou para aquele vale até hoje aprendi muito ao seu lado! Mas você está certo, preciso aprender novos trabalhos. — Como faço para conversar com esse seu amigo?

— Amanhã vou apresentá-lo para você!

— Posso saber por que o senhor decidiu isso agora?

— Pode saber sim, tem um irmão que será meu protegido na próxima reencarnação, por enquanto fará trabalho de mapeamento comigo.

— Seu protegido?

— Sim, quando ele reencarnar serei seu Guardiã, temos assuntos em comum, um dia poderá conhecê-lo. Malandro, até hoje fui seu instrutor por aqui, agora preciso me dedicar a esse irmão que necessita mais que você, não estou trocando sua amizade, sempre seremos amigos e certamente ainda trabalharemos muito juntos. Mas agora preciso focar minha atenção nessa nova missão.

— Está certo, então vou embora, ficarei aguardando o camarada com quem vou trabalhar de agora em diante! Obrigado por tudo meu amigo!

Sete Porteiras me deu um abraço, nos despedimos e voltei para minha casa, apesar da tristeza que sentia por não fazer mais parte da

falange de Exus, algo em mim se alegrava com a possibilidade de novos conhecimentos.

No outro dia fui para aula, quando voltei, ao entrar fui surpreendido por um homem que estava sentado em uma poltrona ao lado da minha cama.

O homem me olhou sorrindo, os dentes brancos se destacavam no rosto negro, olhos grandes que transmitiam alegria, usava terno e sapatos brancos, camiseta listrada de vermelho e branco, lembrava um sambista. Com enorme sorriso no rosto, e cheio de simpatia me perguntou:

— Você que é o Malandro?

— É o que dizem! Na calunga me chamam de Malandro!

— Sabe meu rapaz, temos algumas coisas em comum! Seu Sete Porteiras me falou sobre você, acredito que poderá ajudar muito em nosso trabalho. Posso explicar como procedemos?

Sentei-me de frente para o amigo, mostrei todo meu interesse e atenção, e ele começou a explicação:

— Primeira coisa que precisa entender! Aqui, Malandro não é sinônimo de maldade, nosso trabalho exige esperteza sim, não do tipo que se usa para tirar proveito, mas sim inteligência, raciocínio rápido, a capacidade de tomar a decisão certa, no momento certo. Somos uma falange de Malandros, a maioria homens que na última encarnação eram boêmios. Desse lado aprendemos com nossos erros e passamos a ajudar aqueles que hoje vivem em situação semelhante, nos unimos à falange do Zé Pilintra, já ouviu falar?

— Ouvi algumas coisas, poderia me falar mais, por favor?

— Zé Pilintra quando encarnado foi uma pessoa como qualquer outra, gostava das coisas da terra, bebia sua cerveja com os amigos, gostava de mulheres, era briguento, não levava desaforos para casa, mas seu coração era bom, era leal aos amigos, ajudava a todos, era o tipo idealista, sempre disposto a lutar pelos sofredores, após o desencarne atraiu seguidores que deram origem a falange. Nosso trabalho abrange muitos aspectos, resgatamos desencarnados que sucumbiram por conta

dos vícios, ajudamos encarnados com problemas semelhantes, trabalhamos nas terreiras. Está me entendendo?

— Sim, pode continuar, por favor!

— Assim como os Pretos velhos, que apesar de serem espíritos muito sábios e evoluídos, para ganharem proximidade e confiança dos encarnados adotam o arquétipo do velho escravo, nós adotamos o arquétipo do malandro. No entanto, meu amigo, ao contrário do que a maioria pensa, nem todos na última encarnação foram boêmios, alguns adotam essa figura para trabalhar com mais eficiência e assim multiplicar a ajuda destinada aos necessitados. Meu rapaz, agora olhe em meus olhos, qual era seu nome na terra?

— Era Clóvis. Mas pode me chamar de Malandro, sou um humilde trabalhador de Jesus Cristo.

— Eu também trabalho para Jesus Cristo! E para Deus! Seja o Deus de Moisés, Abraão, o Deus de todos! O trabalho é de caridade, ajudamos aqueles que precisam sair do inferno astral em que se enfiaram. Em nome do Nazareno executamos a tarefa com amor e carinho. Se aceitar fará parte de uma falange de trabalhadores que estão sob minha orientação.

— E qual é o nome do senhor?

— Pode me chamar de Zé, muitos me chamam de Zé Pilintra das Almas Perdidas, estou aqui para te convidar a ajudar nossos irmãos! E o que você me diz? Aceita o trabalho?

— Você parece ser um grande camarada! Se é irmão que trabalha nas causas de Jesus, então estamos juntos! Vou confessar uma coisa para o senhor, gosto muito do seu Sete Porteiras, e não quero dizer que ele é chato, mas ele fica muito em cima de mim, é todo o tempo exigindo disciplina! Gosta de me pressionar!

Ele deu uma risada e comentou:

— Os Exus são nossos aliados diretos em muitos trabalhos, tenho certeza que ainda trabalhará com Sete Porteiras, e acredito que ele sempre exigirá disciplina, é isso que ele faz com aqueles que quer ver evoluir. Se quiser poderá se vestir como fazia na terra, a escolha é sua, minha única recomendação é que não vá sozinho até o grande barril, ou

estará perdido! — Vou marcar uma reunião e venho te buscar para que em seguida, inicie o novo trabalho.

Zé da Almas se despediu e no dia seguinte veio me buscar para uma reunião onde me apresentariam os trabalhos da falange.

Assim que chegamos notei que a colônia se parecia com um grande centro de recuperação, contava com um hospital para pessoas viciadas que eram resgatadas de zonas baixas, e passavam por tratamentos de reabilitação.

Em uma sala de reunião os chefes de falange decidiam quais distritos, grupos e casos seriam tratados. Percebi que o trabalho não ficava apenas no umbral ou nas calungas, incluíam terreiras de candomblé, catimbó, umbanda, centros espíritas, locais onde ajudavam no tratamento de irmãos com problemas de vícios, a maior parte alcoolismo.

Sempre trabalhavam de acordo com as normas da casa, em algumas não se apresentavam como Zé Pilintra, adotavam nomes que fossem aceitos pelos trabalhadores encarnados, era comum Caboclos, Pretos Velhos e até mesmo Exus se apresentarem com nomes comuns para evitar o espanto ou desconfiança dos encarnados. Para espiritualidade a identidade é indiferente, a prioridade é a caridade.

Os grupos se dividiam em áreas de atuação, alguns eram enviados para trabalhar com a recuperação e doutrinação de obsessores que se mantinham ligados ao encarnado, sempre tentando suprir os vícios que trouxeram após o desencarne. Nesses casos nosso trabalho era convencer o obsessor a ir embora, abandonar os vícios e começar nova caminhada, para em seguida auxiliar o encarnado na recuperação.

O arquétipo do Malandro geralmente obtinha sucesso, pois conquistava a simpatia e confiança desses espíritos que sentiam certa afinidade.

Eram muitos os casos de encarnados dominados pelos vícios que precisavam de amparo, estudava-se cada situação, avaliava-se o merecimento por parte do encarnado, de quem fez o pedido de ajuda, os motivos que levaram a pessoa a se entregar ao vício, e o tipo e

quantidade de obsessores, dependendo da gravidade eram convocadas as falanges de Exus.

Com o passar do tempo eu aprendi como acontecia a interação entre viciados encarnados e desencarnados, na maioria das vezes eram situações parecidas, o encarnado abusava no consumo da droga, consumia cada vez mais e com mais assiduidade, aos poucos atraía para perto de si obsessores com o mesmo vício, esses incentivavam o encarnado na continuidade do hábito.

Ao consumir a bebida alcoólica, o encarnado liberava pelo chakra umbilical uma substância impregnada de vapores alcoólicos que imediatamente era sugada pelo desencarnado que sentia a embriagues e satisfação. Quando o encarnado tentava se libertar do vício os obsessores causavam todos os tipos de perturbações para que continuasse, e dessa maneira se mantinha um ciclo vicioso que só era destruído com a intercessão da espiritualidade, ou desencarne, por vezes precoce, do encarnado.

Os trabalhos mais complicados eram aqueles que envolviam demandas, encarnados cercados por obsessores enviados por meio de trabalhos de magia negra, situações lastimáveis onde pessoas com a intenção de prejudicar seu próximo procuravam locais que não se preocupavam com a prática do bem e da caridade e atendiam qualquer pedido em troca de barganhas ou dinheiro.

Esses locais eram sempre comandados por espíritos trevosos que se apresentavam como Exus, enganavam as pessoas em troca de barganhas, e sem a menor piedade enviavam seus trabalhadores e escravos para junto da vítima, que se estivesse afastada da luz passava a ser obsedada por vários espíritos que em vida eram viciados.

Para acabar com esse tipo de investida, a falange dos Zé Pilintra contava com o apoio dos Exus, trabalhadores capacitados para lidar com espíritos trevosos. Esses irmãos, muitas vezes eram obrigados a travar verdadeiras batalhas para conseguir encerrar os trabalhos na casa e livrar o encarnado da obsessão.

Depois de alguns anos trabalhando nesses casos, era momento de atuar em novas áreas.

No trabalho com os jovens que desencarnavam por overdose¹ existia um fator extra, o entorpecimento continuava após o desencarne, permaneciam envolvidos pela energia alucinatória da droga, que gerava embaraço mental, o desligamento era feito, e após acordar o espírito acreditava ainda estar sobre o efeito da droga. Nossa tarefa era fazê-los compreender seu real estado e evitar que entrassem em estado de tormento, pois o medo, tristeza, revolta, negação e desequilíbrio fazia com que fossem imediatamente atraídos para as zonas de baixa vibração, sem que ninguém pudesse impedir.

Os trabalhadores faziam o possível para ajudá-los na transição e transferi-los para um local onde recebessem tratamento e ajuda, não queríamos vê-los tragados para zonas umbralinas onde padeceriam por tempo indeterminado.

Depois de me familiarizar com a nova empreitada, fui designado para ajudar no desligamento de dois jovens. Zé das Almas passou as instruções:

— Malandro, hoje sua tarefa é com um casal de namorados, Rogério e Cacilda, os dois desencarnaram por overdose, a moça com dezesseis anos e o rapaz com dezoito. Você vai ajudar no desligamento, vamos ver o que acontecerá em seguida, o desencarne dos dois se caracteriza como suicídio involuntário, sendo assim, quando acordarem

¹Ainda era grande a quantidade de jovens que desencarnavam por overdose. Em sua maioria pessoas boas, mas incosequentes e inconscientes do que estavam fazendo. Quando desencarnavam por overdose o corpo espiritual se mantinha em um tipo de entorpecimento e ficava preso à matéria, a tarefa era libertar o corpo espiritual, conscientizar o recém-desencarnado, e ajudá-lo a não entrar em pânico para que não fossem magneticamente atraídos para zonas umbralinas compatíveis com as vibrações baixas ocasionadas pelo medo e pavor da morte.

poderão ser atraídos diretamente para o vale dos suicidas, vai depender do estado de suas consciências e como aceitarão a situação.

Eu e mais dois amigos iniciamos o desligamento durante o velório do casal, o processo era minucioso, aos poucos soltávamos os laços que uniam corpo sutil e material, o cordão de prata se desfazia naturalmente, mas mantinha alguns laços de energia que precisavam ser rompidos. Fazíamos o procedimento quando Rogério começou a acordar. Enquanto meus amigos finalizavam o processo, iniciei uma conversa com o rapaz:

— Como você está? Sente-se bem?

Rogério olhou em volta, sorriu e fechou os olhos, estava crente de que tudo não passava do efeito das drogas.

Minha intenção era preparar Rogério para nova condição, no entanto, entorpecido, não entendia o que estava acontecendo.

Finalizado o processo de desligamento, tentei mais uma vez conversar com o rapaz, a tarefa exigia paciência e cautela, e Rogério continuava de olhos fechados aproveitando a suposta “viagem” alucinatória.

Quando abriu os olhos e percebeu que estávamos vestidos como malandros, a recusa foi imediata, não quis mais ouvir o que eu falava, com a voz embaraçada começou a nos insultar:

— Saiam daqui seus cachaceiros! Voltem para seus botecos!

Zé das Almas, que assistia o desenrolar da situação, me chamou:

— Malandro, tenha calma, isso é normal! Jovens são mais relutantes, se ele não aceitar deixe que vá embora, ficará perambulando e perdido por um tempo até que seja recolhido por outros irmãos, ou acabará compreendendo que está desencarnado, entrará em pânico e será atraído para lugar compatível com sua vibração.

— Zé das Almas, posso tentar do meu jeito?

— O que você vai fazer?

— Como não está dando certo desse jeito, então vou tentar do meu!

Zé das Almas consentiu e me afastou para um lugar reservado, plasmei uma roupa colorida, acessórios, e me apresentei como um hippie. Zé das Almas me olhou, achando graça sorriu e comentou:

— Muito boa essa sua ideia! Assim acha que vai conseguir?
Então tente!

Eu conhecia bem os ideais, o modo de vida e de falar do movimento hippie. Fui até o jovem, me aproximei como se fosse um velho conhecido e cumprimentei:

— E aí cumpadi!

Rogério olhou surpreso, não percebeu que eu era o mesmo homem que a pouco estava vestido de Malandro tentando ajudá-lo. Acreditou ser um companheiro de ideais, e respondeu solicitamente:

— E aí meu irmão!

Percebi que a estratégia daria certo, e continuei:

— Tô sacando que você está numa boa!

— É verdade! Estou numa boa!

— Quantas bolinhas você usou meu irmão?

— Queimamos umas ervas! Bolinhas, perdi as contas, sei que foram muitas!

Apontei para o salão onde estavam sendo velados os corpos e perguntei:

— Você tá sabendo o que ta rolando nessa parada?

— Sei não meu irmão! Tá tudo estranho! Onde estou?

— Não sei se você mora a parada, mas não deveria estar aqui!
Tá ligado no lance meu irmão?

— Que lance?

— Dê uma olhada nesse caixão do seu lado, logo você vai entender!

Rogério olhou para o lado, se aproximou do caixão, chegou mais perto tentando identificar quem estava sendo velado. E para minha surpresa, ele começou a rir:

— Ê! olha aí! O cara se parece comigo!

A tarefa seria mais difícil do que eu imaginava, Rogério não compreendia que o corpo no caixão era o dele.

Respirei fundo, me enchi de paciência e boa vontade, e tentei mais uma vez ajudá-lo a entender:

— Meu irmão! Olhe bem para o cara no caixote!

— Ê! Estamos num velório! Cadê a Cacilda?

— É meu irmão, isso aqui é um velório! A Cacilda está no outro caixote, do seu lado!

— Você está de brincadeira meu irmão?

— Não, olhe direito, é um caixote de defunto! Está entendendo a parada?

— Estou tentando, é que ainda estou numa boa!

— Cara! Você não está numa boa! A situação não é boa! Estamos em um velório, sua namorada está de olhos fechados e dentro de um caixão! Essa situação não é de uma pessoa que está viva!

— Ela está dormindo meu irmão!

— Jaz dormindo pela eternidade! Saca?

Rogério balançou a cabeça lentamente, parecia não entender nada, com voz lenta e arrastada, respondeu:

— Tô sacando! É muito louco!

Completamente atordoado, Rogério olhou para baixo, nesse momento percebeu que não conseguia ver as pernas, foi então que compreendeu, no mesmo momento entrou em pânico e começou a gritar. Eu e meus companheiros acorremos para perto tentando aplicar passes e acalmar o rapaz, mas antes que pudessem ajudá-lo, abriu-se um vórtice que o atraiu para zonas de baixa vibração. Olhei para meus amigos e lamentei:

— Poxa vida! Não deu tempo para ajudá-lo! Espero que com Cacilda seja mais fácil!

Cacilda já estava acordada, acabavam de fazer os últimos procedimentos do desligamento.

Aproximei-me da moça e perguntei:

— E aí? Tudo numa boa? Está chapada ainda?

— Acho que está tudo bem, me sinto um pouco zozna. Onde estou? Quem é você?

— Eu me chamo Clóvis. Cacilda, se quiser pode dormir, feche os olhos e descanse!

A moça adormeceu, verifiquei sua ficha e vi que em vida não cometeu graves erros, aplicamos mais alguns passes para mantê-la adormecida, em seguida foi removida para uma colônia e encaminhada para câmaras de recuperação.

Terminado o trabalho, segui para um ponto de encontro no plano espiritual superior. O lugar parecia-se com um bar, onde se reuniam falanges de Exus e de Zé Pilintra, os trabalhadores da linha de esquerda.

O local servia para confraternização dos trabalhadores, era onde conversavam sobre os problemas entre os encarnados, se distraíam e podiam se desfazer das impressões tristes vividas durante o trabalho nas zonas escuras.

Entre risadas, brincadeiras e discussões sobre assuntos sérios, era permitido que manipulassem suas bebidas preferidas, era uma maneira de relembrar momentos felizes de quando eram encarnados e também repor as energias gastas durante os trabalhos, as bebidas não continham álcool, eram manipuladas com energias salutares do próprio lugar, o sabor lembrava vagamente as bebidas da terra, mas em essência eram muito diferentes.

Assim que entrei no ambiente avistei Zé das Almas me chamando, me aproximei, e sem perder tempo ele começou a me falar:

— Camarada, tem um cara que desencarnou recentemente, com aproximadamente setenta e três anos, foi direto para um daqueles lugares barra pesada, em uma das faixas mais densas, o local está lotado de espíritos trevosos com muito poder, e estão de olho no cara, querem capturá-lo, pois será de grande utilidade para as falanges do mal. Quando encarnado esse cara fez tudo que não devia, ficou milionário fazendo contrabando, principalmente de drogas, eliminou muitos que julgava atrapalharem seus negócios.

— Por acaso eu conheço esse cara?

— Sim Clóvis, por isso chamei você! Queremos tirar esse cara do lugar onde está agora e levá-lo para uma região onde não possa ser capturado por esses espíritos que farão dele uma verdadeira arma! E temos que fazer isso com urgência, queremos que você vá junto, pois está na hora de enfrentar os medos e perturbações que ainda guarda!

— Na situação que estou não tenho medo de nada!

— Pois bem Malandro, é o que vamos ver! — Existem coisas que você simplesmente deixou de lado, nunca mais tocou no assunto, o cara que vamos buscar é o mesmo que matou você! É Estefano!

Quando ouvi o nome de Estefano, senti um frio percorrer a coluna, estava pensando que se tratava de algum daqueles espíritos que queriam minha pele, não podia imaginar que era Estefano. Naquele momento percebi que algo em mim não estava resolvido, parte minha se negava a ajudar o homem que me matou, tentando me esquivar do trabalho, perguntei:

— Justamente esse cara? Não tem outra pessoa para ir ao meu lugar?

— Te chamamos porque essa é uma oportunidade para vencer esse sentimento que ainda carrega! É um degrau a mais que você vai galgar! Lutará contra o ressentimento e fará o resgate sem sentimentos de raiva, será bom para seu aprendizado. E tem mais! Nesse trabalho você verá um lado dos guardiões que nunca viu antes. Quando trabalhou com Sete Porteiros na calunga o trabalho não exigia certas atitudes, que provavelmente terão que ser postas em prática nesse lugar que irão, vai entender como os Exus trabalham com os medos e crenças dos recém-desencarnados, essa lição cairá como um terno para você!

— Está bem! O que não fazemos para evoluir? Não quero ainda mais rancor, já me basta os quatrocentos ou quinhentos que estão no grande barril com raiva de mim.

— Não tem mais tantos, muitos já reencarnaram! Quando chegar seu momento de reencarnar será bom, pois voltar sem perseguidores é muito melhor! Vamos aproveitar essa sua nova vida e

tentar ajudar todos aqueles com quem criou laços na sua última encarnação, assim ganhará luz.

Durante os anos no plano espiritual, aprendi que não existe o fim da vida e que tudo é um ciclo, sempre que alguém reencarna ou desencarna tem alguém aguardando para pôr em prática sua vingança, no entanto, a sabedoria Divina concede a cada um a proteção de um casal de guardiões que certamente estarão protegendo se a pessoa tiver merecimento. Se Estefano estava naquele lugar, certamente estava distante de qualquer merecimento.

O que eu queria naquele momento era fazer o melhor para evitar mais perseguidores em minha próxima reencarnação, para isso faria o que fosse possível.

Enquanto conversava com Zé das Almas, notei que entre um grupo de guardiões estava Sete Porteiras acompanhado por um adolescente. Feliz em rever o meu amigo, fui até o grupo:

— Que a força e a proteção de nosso Senhor Jesus Cristo esteja com vocês!

Sete Porteiras me abraçou e perguntou:

— Você por aqui malandro? Quer um conhaque?

— Não obrigado, só bebo cerveja!

Sete Porteiras deu uma gargalhada, em seguida manipulou alguns fluidos, e me entregou uma bebida que lembrava o sabor da cerveja, dando mais uma gargalhada, perguntou:

— Garoto, você ainda está aborrecido porque te dispensei? Você me entendeu?

— Não! Não fiquei aborrecido! Somos amigos, pode sempre contar comigo!

— Que bom, pois sempre precisamos de um Malandro para ajudar outro Malandro nessa vida!

— Sete, quem é esse garoto?

— Esse é o Foguinho, um Exu Mirim!

— Foguinho? Mas que nome é esse?

— Ele quer ser Exu quando crescer, mas por enquanto terá que ficar assim! Ah, ah, ah, ah!

Sete Porteiras gargalhava enquanto me explicava a situação do garoto, logo entendi que aquele não era um garoto comum, era esperto, inteligente, e muito astuto. Notando que falávamos dele se aproximou, me estendeu a mão pequena e falou:

— Toca aí cachaceiro!

Fiquei surpreso com a atitude, estendi a mão para cumprimentar o garoto e respondi:

— Não sou mais cachaceiro! Fui em outra vida, mas isso ficou para trás!

— Foi seu Sete que disse que você é cachaceiro! E também contou que você usava uma meia de mulher na cabeça!

Olhei para Sete Porteiras, minha vontade era de apertar o pescoço do meu amigo, mas não consegui me conter e também comecei a rir, ele e o menino se esbaldavam em gargalhadas.

Intrigado com aquela pequena figura singular, perguntei:

— Sete, onde foi que você arrumou esse aí?

— Um dia te conto os detalhes dessa história, por enquanto ele é meu aprendiz!

— E agora guardião tem aprendiz?

— Sempre tivemos, eles tem habilidades fabulosas para encontrar aqueles irmãos que se encontram nas zonas umbralinas muito profundas.

— Interessante saber isso, pois estou precisando de ajuda!

— Em que encrenca você se meteu Malandro?

Clóvis apontou para Zé Pilintra das Almas e respondeu:

— Na verdade foi aquele Malandro lá que me meteu nessa encrenca, o meu chefe, seu Zé das Almas! Ele acha que preciso resgatar o cara que me matou, e para fazer isso precisarei de um amigo que me ajude nessa visita às zonas profundas. Estefano está sendo perseguido, e se for capturado será um instrumento valioso nas mãos dos trevosos, vai acabar dando ainda mais trabalho para nós!

— E quando pretende viajar?

— O quanto antes, é urgente, precisamos pegá-lo antes que os trevosos o peguem!

Seu Zé das Almas se aproximou explicando:

— Foram dois amigos, guardiões que me trouxeram a informação, um deles é o guardião do Estefano e o outro foi guardião de Clóvis.

Sete Porteiras prontamente iniciou os planos:

— Teremos que montar um grupo! Foguinho consegue entrar e sair sem ser percebido, pode manter as vibrações iguais a do lugar, se move muito rápido, portanto, não notarão a presença dele. Poderá localizar e nos dizer o lugar certo onde está Estefano. Mas para nós será mais difícil, sentiremos dificuldades em permanecer naquela zona, pois é muito pesada!

Zé das almas explicou:

— É um espírito apenas, mas está cercado por escravizadores que estão se aproximando. Estou com o relatório sobre a vida dele. Peguem e deem uma olhada.

Zé das Almas nos deu o relatório com todas as informações sobre Estefano, verificamos com atenção, em seguida eu, Zé das Almas e Sete Porteiras descemos para crosta, fomos direto para o cemitério onde ele foi sepultado.

Ao chegar à entrada da calunga encontramos dois guardiões que protegiam o local, trocamos informações sobre a situação e pouco tempo depois o Exú responsável pelo cemitério veio ao nosso encontro.

Sorrindo com cordialidade ele se aproximou falando:

— Boa noite senhores! Nós já estamos inteirados de toda a história, vou levá-los até o mausoléu da família. Já sabem a situação em que estão se metendo? Não vai ser fácil entrar e sair daquele lugar!

Sete Porteiras, respondeu:

— Sabemos que não vai ser fácil, nosso Exu Mirim está no local nos esperando, já localizou o homem. Como sabe meu amigo, os Exus Mirins conseguem transitar tranquilamente entre essas zonas, mas nós

não temos a mesma capacidade, precisamos de um portal que nos leve até onde Estefano está.

— Vou acompanhá-los até o mausoléu onde Estefano foi sepultado, é lá que abriremos o portal. Já chamei o guardião capacitado para esse tipo de trabalho, deve estar chegando a qualquer momento.

Quando chegamos ao mausoléu o guardião já nos aguardava. Quando viu Sete Porteiras abriu um sorriso e falou:

— Senhor Sete Porteiras! Como é meu amigo? Vamos abrir logo essa porta!

Sete Porteiras abraçou o velho amigo e comentou:

— Fico feliz em saber que você nos ajudará nessa tarefa!

— Cavalheiros, vocês sabem o tamanho do problema em que estão se metendo? Tem certeza que conseguem? Essa região está cheia de trevosos! Esses espíritos não são fáceis!

Sete Porteiras, respondeu confiante:

— Vamos conseguir! Farei isso por meu amigo aqui! É melhor tirá-lo de lá, se for capturado por esses trevosos vai nos causar ainda mais problemas! E logo vão colocar as mãos nele!

— Estamos sabendo, mas vocês não conhecem a região! Pelo menos tem um Exu Mirim para ajudar?

— Sim, Foguinho já mapeou o lugar e está esperando nosso sinal.

— Está certo, vou abrir a passagem para vocês, mas assim que passarem eu terei que fechá-la, de tempo em tempo reabrirei para que possam voltar! Tomem cuidado!

O guardião levantou o tridente que segurava nas mãos, mentalizou a região em que estava Estefano, e com toda força fincou o artefato no chão, um barulho estremecedor ecoou por todo o lugar, um som diferente de tudo que eu já tinha ouvido.

No chão se abriu uma fenda, olhei assustado, parecia um buraco negro que atravessava todas as dimensões umbralinas. Sete Porteiras olhou para a abertura, deu uma gargalhada e falou:

— Muito agradecido! Nos vemos em breve!

— Vão rápido, pois o tempo da fenda é curto!

Sete Porteiras mostrava exaltado otimismo, eu, no entanto, não estava tão certo. Minha vontade era de desistir e voltar para minha casa.

Sete Porteiras puxou meu braço, demos um passo à frente e fomos levados diretamente para o umbral profundo onde estava Estefano.

Em todos os anos que trabalhei mapeando as regiões umbralinas, nunca havia estado em uma zona tão pesada, a atmosfera densa dificultava a respiração, sentíamos o odor dos gases tóxicos, o cheiro forte e nauseabundo de metano exalado das fezes que se espalhavam pelo lugar, o frio era congelante e os gritos e gemidos de pavor ecoavam por todos os cantos daquela escuridão profunda. Naquele momento senti medo, era o pior lugar que estive.

Foguinho era o que se movimentava com mais facilidade, conseguia cortar qualquer energia pesada e negativa. Com as coordenadas que Zé das Almas lhe deu logo encontrou Estefano, mapeou um caminho de ida e volta por onde conseguiríamos trafegar sem sermos notados pelos trevosos. Por meio de pensamentos conversava com Sete Porteiras indicando o caminho.

Abaixamos ao máximo nossas vibrações, transfiguramos nossa aparência e ficamos parecidos com os espíritos cadavéricos daquela região.

Iniciamos a caminhada, cruzamos com alguns espíritos sofredores que não notaram nossa presença, caminhavam como mortos vivos.

Logo chegamos a um pântano cercado por árvores mortas e retorcidas, iniciamos a travessia, nossas pernas se enterravam no lodo que exalava um cheiro insuportável, pouco à frente avistamos Foguinho que fazia um sinal indicando onde estava Estefano.

Quando avistei Estefano não conseguiu reconhecê-lo, o aspecto era estarrecedor, o homem que fumava em excesso havia morrido por uma doença pulmonar, parecia uma caveira coberta com pedaços de pele e com o tórax enegrecido. O corpo estava atirado no meio de algumas

pedras, o rosto enterrado na lama. Aproximei-me, ainda não acreditava que aquela criatura era Estefano. Olhei para Zé das Almas e perguntei:

— Será que é ele mesmo? Está muito diferente!

Zé das Almas respondeu:

— É aquele mesmo!

Sete Porteiras estava atento a tudo que acontecia a nossa volta, notando meu receio falou:

— Se apresse Malandro! Vamos tirá-lo logo daqui!

— Tá, e depois vamos levar ele para onde?

— Levaremos para uma região aonde tenham sentinelas, lá pelo menos não cairá nas mãos de trevosos. Vá Malandro, foi você quem começou o problema com o homem, agora é hora de enfrentar, tenha uma conversa com ele, diga que o levaremos para um lugar melhor. Se não conseguir me chame!

Caminhei até Estefano, quando cheguei mais perto percebi que saía uma lama negra do tórax. Ele estava atordoado, tossia golfadas de sangue, parecia sufocar. Naquele momento senti compaixão, me agachei ao lado dele, estendi a mão e pedi:

— Deixe-me te ajudar, vim para te levar para um lugar melhor! Venha comigo.

Estefano parecia não compreender, manteve-se atônito.

Sete Porteiras se aproximou, carregava na mão um cajado com um grande rubi na ponta, com o qual tocou de leve o pé de Estefano. O homem estremeceu, era como se um leve choque tivesse percorrido o corpo fazendo com que despertasse do estado letárgico.

Ele se sentou entre as pedras, me olhou assustado e perguntou:

— Quem são vocês? O que querem? Não devo nada a ninguém! Que lugar é esse?

Mostrando que estava com boas intenções, mais uma vez estendi a mão e falei:

— Tenha calma, só quero ajudar! Segure minha mão que te ajudo a sair daqui!

— Quem é você?

— Sou um amigo! Quero é te levar para um lugar melhor!

— Saiam da minha frente! Me deixem em paz!

— Estefano, olhe para seu corpo! Veja seu estado!

Estefano olhou para os braços, para as mãos, e percebeu que o seu estado era cadavérico, assustado começou a gritar completamente apavorado.

Tentando conscientizá-lo, falei:

— Tenha calma! Isso poderá ser resolvido! Estefano, é isso que acontece com pessoas que escolhem praticar o mal, passam a vida inteira assim e não se arrependem antes de morrer!

— O que você quer dizer com isso? Está dizendo que estou morto?

— Sim! Você está morto! Não pertence mais ao mundo que conheceu!

Eu sabia que naquele estado ele não entenderia nada, não tínhamos muito tempo, precisava ir direto ao ponto.

— Estefano olhe em meus olhos, lembra-se de mim?

— Eu te conheço! Me lembro, mas não sei de onde!

— É verdade, você me conhece muito bem, se esforce um pouco mais para lembrar!

— Lembrei! Você é o miserável que roubou minha mulher! Fiquei tão revoltado com aquela ordinária que a mandei de volta para o lugar onde a peguei! Você sabia que encontrei ela na zona? Dei a ela uma vida digna, no início virou santa, mas depois voltou a ser o que sempre foi! Uma prostituta!

— Estefano, esqueça isso! Precisamos te tirar daqui!

— Deveria é te agradecer, pois me abriu os olhos, pude ver quem Jaqueline era! Poupei a vida dela, mas você eu matei! É, sim, te matei com três tiros! Se te matei, o que você está fazendo aqui na minha frente?

Naquele momento ficou claro que ele ainda não compreendia que estava morto. Tentando despertá-lo para realidade, abri meu paletó, mostrei os buracos de bala e disse:

— Toque nos buracos das balas que você atirou!

Estevão esticou o braço, e tocou no ferimento, assustado começou a gritar:

— Saia daqui maldito! Se eu pudesse te matava de novo! Saia! Saia!

Levantei-me e saí de perto, não adiantaria argumentar, era um pobre coitado preso as ideias de violência.

Voltei para perto dos meus amigos. Sete Porteiras me olhou, e disse:

— Sabe malandro, você ainda tem muito que aprender! Um dia quem sabe eu te chame para aprender algumas lições! Ah, ah, ah, ah!! Mas quer saber? Acho que vou te dar uma aula hoje mesmo!

— Que lições? Que aula?

— Já te ensinei a plasmar várias coisas, que na maioria, eram apenas para seu uso pessoal, hoje a aula é diferente, olhe e veja!

Sete Porteiras se aproximou de Estefano, o segurou pelo colarinho, olhou em seus olhos e disse:

— Sujeito! Você ainda não entendeu que está morto?

O olhar do guardião fez com que Estefano arregalasse os olhos de medo, apavorado e com voz trêmula, perguntou:

— Quem é você?

— Eu sou aquele que você desejaria nunca ver em sua vida! Posso te levar para um lugar ainda pior do que esse! Posso ser sua salvação ou sua maldição! Aceite o convite, estamos te dando uma oportunidade, poderá subir um degrau, e sair dessa zona profunda! E decida-se logo, pois comigo a conversa é diferente!

Estefano virou o rosto demonstrando que voltaria ao estado de letargia. Sete Porteiras segurou firme o colarinho do homem e o levantou no ar colocando o rosto dele colado ao seu, com voz grave, falou:

— Ainda não está satisfeito com tudo que fez de errado na Terra? Quer continuar causando dor? Logo chegará aqui uma milícia das piores, não permitirei que se junte a ela! Você tinha religião na terra?

Apavorado Estefano respondeu:

— Sim, sim, sim! Eu era católico!

— Católico da boca para fora! Quantas pessoas você matou? Posso ver seu perispírito cheio de manchas! Vou perguntar mais uma vez! Quer ajuda ou não? Te dou um minuto para decidir se vai por bem ou por mal!

O guardião soltou Estefano no chão e voltou para perto dos amigos, demonstrando impaciência, falou:

— É por isso que acabamos fazendo coisas que não gostamos. Para ajudar essas criaturas somos obrigados a tomar certas atitudes que não nos agradam! Posso até perder luz, mas vou tirar esse homem daqui! Malandro, olhe bem, vou te mostrar uma coisa que você nunca viu, nos lugares que trabalha não terá muita serventia, mas servirá para seu aprendizado. Se ele não quer vir por bem, então virá por mal!

— Sete, o que você vai fazer? O homem já está apavorado!

— Agora ele vai sentir tanto medo que vai chamar por Jesus e todos os santos! Não podemos arrastá-lo a força, ou estaríamos interferindo em seu livre arbítrio, mas precisamos convencê-lo a ir! É isso que vou fazer!

Sete Porteiras voltou para perto de Estefano, e para minha surpresa iniciou uma cena assustadora.

Sabendo que o homem era católico, usou das crenças implantadas pela religião para assustá-lo.

O guardião bateu seu cetro no chão, espalharam-se luzes vermelhas e brancas que transformaram o cetro em um tridente, a lama secou fazendo o chão rachar.

Estefano começou a se encolher de medo, e o corpo de Sete Porteiras iniciou uma transfiguração cinematográfica, começou a crescer, a pele morena transformava-se em vermelha, quanto mais aumentava em tamanho as roupas se rasgavam, expelia fumaça pelas narinas, boca e orelhas, logo começou a aparecer um rabo e chifres, labaredas de fogo cercavam os pés, com quase três metros de altura parecia-se com um verdadeiro demônio.

Em seguida abaixou-se olhando fixamente para Estefano, e com uma voz assustadora falou:

— Já que você é católico, mas não quer ir para casa de Jesus Cristo, então vim para levá-lo comigo! Te levarei para meu lar! O infernooooo!

Soltando uma gargalhada assustadora esticou o braço gigantesco para pegar Estefano.

O homem ficou tão apavorado que as suas palavras se tornaram incompreensíveis, gaguejava, gritava e chorava suplicando ajuda.

E Sete Porteiras, decidido a convencer Estefano, continuou:

— Agora você quer ajuda? Não! Agora você me pertence! Ficará mil anos sendo torturado por pequenos capetas! Meus demônios serão sua única companhia! Ah, ah, ah, ah!

Eu assistia ao espetáculo de boca aberta, não acreditava no que via, e para meu espanto completo fui surpreendido mais uma vez, quando olhei para o lado de Sete Porteiras vi que Foguinho chegava correndo, o garoto apareceu do nada, e também havia se transfigurado, parecia-se com um pequeno capeta.

Sete Porteiras olhou para Foguinho e perguntou:

— Foguinho! Quer levar esse para você?

O garoto, com chifres, rabo e pele vermelha, pulava, dançava em círculos, dava cambalhotas enquanto gritava zombando:

— Eu quero! Quero! Quero! Querooooo! Ele é meu, é meu é meeeuuu!

Sete Porteiras e Foguinho transfigurados em capetas, faziam a encenação parecer tão real e assustadora que Estefano tremia, chorava, gritava, implorava e chamava por Jesus e todos os santos.

Quando Sete Porteiras percebeu que Estefano estava pronto, fez um sinal para Foguinho parar e perguntou:

— Por que está chamando por todos esses santos? Mudou de ideia?

— Si-si-sim! Quero ir embora daqui! Vou ser um homem bom!

— Não sei! Olhe para Foguinho! Ele estava feliz! Mas está bem, vou te deixar ir, mas não quero vê-lo aqui! Vá embora com eles!

Estefano correu em minha direção, desesperado caiu de joelhos implorando:

— Me ajude por favor! Em nome de Maria! Não era ela a mãe de Jesus? Se era Maria eu peço em nome dela! Me perdoe! Me ajude!

Ver aquele homem caído em meus pés me causou profunda piedade, peguei em seu braço e ajudei a levantar:

— Não precisa implorar desse jeito! Estefano, se eu tivesse algum ressentimento já teria ido embora, agora vamos sair daqui! Vamos tirá-lo desse lugar!

— O diabo está atrás de mim! Tentou me levar!

— Diabo? Não vejo nada!

Estefano se virou para apontar o diabo, mas Sete Porteiras e Foguinho já haviam voltado ao estado normal, sentindo-se confuso segurou em meu braço e iniciamos o retorno.

Pouco tempo depois nos aproximávamos do portal, Foguinho seguia na frente, Sete Porteiras atrás, Zé das Almas ao meu lado e eu ajudava Estefano a caminhar.

Enquanto amparava aquele homem decrepito, sentia no coração a mesma compaixão que teria por um irmão, caminhando com dificuldade ele me olhava, conseguia ver no fundo dos seus olhos o profundo arrependimento.

Nosso sentimento de compaixão e arrependimento fez com que nossa vibração aumentasse, e não demorou para que começássemos a chamar a atenção, em pouco tempo estávamos praticamente cercados por uma enorme quantidade de espíritos sofredores que nos seguiam como mariposas em volta da luz

Apressamos os passos, tentamos correr, mas o ar pesado dificultava a respiração, o chão lamacento e pegajoso impedia prendia nossos pés e movimentos rápidos.

Alguns metros à frente avistamos o portal que estava fechado.

Sete Porteiras se posicionou a frente do nosso grupo, e mais uma vez iniciou a encenação, dessa vez se transfigurou em um ser ainda mais assustador, bateu o tridente no chão liberando uma energia muito poderosa que manteve a horda afastada por um tempo, olhou para mim mostrando tranquilidade e confiança, mentalmente me falou:

— Acalmem-se! Logo abrirão o portal! Ficaremos bem!

Sete Porteiras manteve a aparência assustadora, assegurando-se que nada de mal nos aconteceria, sabíamos que toda aquela transfiguração lhe causava um grande desgaste energético e que precisávamos ir embora o quanto antes.

Logo o portal se abriu, sem perder mais tempo entramos e voltamos para a calunga, ao ver que estávamos em segurança me aproximei de Sete Porteiras, abracei meu amigo e comentei:

— Que diabos foi aquilo? Ou melhor dizendo, que diabo era aquele?

— É apenas um poder de transmutação! Não gosto de me transformar em demônio, ou coisas parecidas, mas às vezes é a única maneira, somos obrigados para conseguir combater, ou convencer aqueles que mantêm a mente presa à crenças e imagens de demônios. Mas como pode ver meu amigo, contínuo o mesmo! Aquilo é apenas um show de luzes! Agora vamos cuidar de Estefano, precisamos levá-lo para uma zona apropriada. Vou falar com ele.

Sete porteiras olhou para o homem e explicou:

— Estefano, aquela região é a mais adequada para o senhor, pelos atos que cometeu na terra deveria permanecer por lá, no entanto, logo seria capturado por espíritos trevosos que o transformariam em algo ainda pior do que foi quando estava encarnado. Diante de tudo isso, fica óbvio que por enquanto não poderemos levá-lo para uma colônia de recuperação, ainda tem muito que expurgar. Terá que fazer uma escolha, e tem que ser agora mesmo, não podemos esperar muito tempo, pois corre o risco de ser atraído novamente para aquela região. Prefere aguardar até ser tragado para aquele lugar de onde te tiramos, ou prefere ir para outra zona umbralina?

— O que é zona umbralina?

— É um lugar de escuridão, mas não terá perseguidores, existem guardiões que colocam ordem no lugar, ficarão de olho no senhor. Se quiser ser recolhido pelas caravanas dos irmãos de luz precisará pensar muito em Jesus Cristo, rezar bastante, se arrepender de todo coração, até

que sua vibração suba o suficiente para que possa ser resgatado. É tudo que podemos fazer agora.

Estefano preferiu ir para zona escura onde estivesse seguro, e logo foi levado pelos guardiões da calunga. Quando vi Estefano ser levado senti um profundo pesar, queria realmente que ele fosse transferido para um local onde pudesse receber tratamento. Zé das Almas, notando minha decepção perguntou:

— Malandro, como você está se sentindo?

— Senti muita tristeza em ver Estefano desse jeito! Agora ficará em uma zona escura, é lamentável!

— Não fique triste, a colheita é para todos, cada pessoa tem a sua, é que você ainda não compreende muitas coisas, mas acredite, isso fará bem para ele.

— Eu sei meu amigo, te devo toda minha gratidão, você estava certo, eu precisava passar por isso.

Após o encaminhamento de Estefano voltamos para nossas falanges, a vida seguia naturalmente, sempre envolvidos com os trabalhos nos planos espirituais e na crosta.

CAPÍTULO V

Lá vem Zé

Entre um trabalho e outro eu continuava estudando e sempre em contato com os amigos da falange de Exus, certo dia Sete Porteiras me chamou:

— Como vai malandro? Vim te buscar para darmos um passeio! Vamos sair um pouco dessa rotina, conhecer novos lugares! Tenho que passar na casa de uma amiga, fica em uma colônia onde só vivem mulheres.

Animei-me com o convite:

— Claro, por que não? Vamos quando?

— Agora mesmo! Você merece, fez um bom trabalho com Estefano! Mas olha Malandro, não pense que lá é lugar para safadeza!

— Que é isso! Já aprendi a lição, estou empolgado para conhecer um novo lugar, apenas isso!

Eu sabia que a colônia que Sete Porteiras se referia, era o local onde viviam as Bombo-Giras, já tinha ouvido falar, mas não conhecia. Para mim aquele passeio representava a oportunidade de adquirir um pouco mais de conhecimento.

Partimos e logo que chegamos percebi que o lugar era parecido com tantas outras colônias, não tinha nada de diferente. Não entendi o que Sete Porteiras queria me mostrar naquele lugar.

A intenção dele era visitar Cléo, uma moça que em outra existência foi sua esposa e ainda mantinha contato e intimidade, não fazia muito sentido eu participar daquela visita, mas fiquei calado.

Chegamos à casa da moça e Sete Porteiras me apresentou uma bela mulher:

— Malandro, essa é a Cléo, foi minha esposa em outra existência, agora é minha companheira aqui no plano espiritual.

— Muito prazer senhora! Se me permite, vou dar uma volta, assim poderão ficar mais a vontade.

Sete Porteiras respondeu empolgado:

— Isso, conheça o lugar, tenho certeza que vai se encantar!

O comportamento de Sete Porteiras me pareceu estranho, achei que fosse a alegria de rever a Cléo, comecei a caminhar pela Colônia, refletia sobre os inúmeros equívocos que os encarnados cometem quando falam dos redutos das Bombo-Giras, normalmente imaginam que tais moças vivem em locais promíscuos. A realidade que eu presenciava era muito diferente de qualquer promiscuidade.

A colônia era um lugar muito bonito, com espaços onde as moças se encontravam para confraternizar, compartilhar.

Os ambientes eram decorados harmonicamente com belas pinturas de Cristo, muitas eram católicas, mantinham a fé e amor pela Virgem Maria, eram mulheres de várias religiões, crenças, todas conviviam com respeito, pois compreendiam que Deus é igual para todos. Todas usavam o uniforme da colônia e mantinham o nome que tiveram na última vida na terra.

Achei muito engraçado quando conheci um dos pontos de encontro das moças, o local era semelhante aos salões de beleza que existem na crosta, elas se reuniam com alegria, eram momentos de felicidade, onde podiam cuidar da aparência, conversar.

Eram mulheres despertas e conscientes, conheciam os perigos da vaidade excessiva, sabiam que não necessitavam de um salão para ficarem bonitas, podiam manipular suas aparências quando desejassem, no entanto, muitas nunca puderam desfrutar desse tipo de regalia enquanto encarnadas na Terra, então sentiam-se felizes em ter algo que nunca tiveram.

Ao contrário do que muitos encarnados falam e pensam, nem todas essas moças foram prostitutas em sua última existência, a maioria foram mulheres como tantas na Terra, algumas quando encarnadas eram de famílias abastadas, tiveram boa vida, e após o desencarne optaram por ajudar aqueles que estavam presos nas zonas mais baixas, e também os encarnados que passam por dificuldades. As que se perderam nos

caminhos da prostituição passaram pelo umbral, adquiriram consciência, foram recolhidas e seguem uma vida como trabalhadoras de Cristo.

Eu explorava a colônia quando Sete Porteiras chamou:

— E aí Malandro o que você achou? Por acaso pensou que eu te levaria para um lugar de promiscuidade?

— Claro que não! Sendo uma colônia em faixa mais elevada não poderia ser diferente, imaginava que seria assim!

— Você viu o que tem dentro dessa casa?

— Sim, achei muito interessante, é como um salão de beleza na terra.

— É verdade, esse lugar foi criado para que elas possam conversar, terem momentos que nunca tiveram quando encarnadas, pois muitas ainda tem um pouco de vaidade, gostam de estar bonitas, e isso não é errado! Essas mulheres são espíritos que já conquistaram luz, mas assim como nós ainda não ascenderam, estão trabalhando para isso, sentem satisfação, e gostam que suas médiuns de trabalho também estejam bem e sintam-se bonitas, isso lhes traz alegrias.

Enquanto conversávamos uma das moças me chamou a atenção, a pele branca realçada pelos cabelos longos e castanhos, olhos grandes e cheios de vida se harmonizavam com o largo sorriso, a bela mulher olhou em minha direção e naquele momento a reconheci.

Surpreso, pedi licença a Sete Porteiras e fui em direção à moça que me olhou sorrindo, aquele sorriso fez meu coração disparar, quando cheguei perto ela me abraçou e perguntou:

— Como vai Malandro? Faz muitos anos que não vejo essa sua cara de safado!

Eu mal conseguia acreditar, tentando conter a emoção perguntei:

— Quanto tempo! Você está linda Jaqueline! O que faz por aqui?

— Obrigada Malandro, a história é longa, passei por maus bocados! Depois que você foi embora minha vida virou um inferno! E você agora é um Zé Pilintra?

— Agora caminho na luz! Você sabe como são as coisas desse lado! Que não andemos na luz para ver, logo caímos novamente! Agora sou Zé Pulintra! Quer caminhar e conversar um pouco?

Começamos a caminhar sem rumo, a surpresa inicial deu lugar a alegria de reencontrar uma antiga paixão. Eu não me cansava de olhar para Jaqueline, ela retribuía sorrindo, enquanto andávamos lado a lado ela me contava sobre sua vida na Terra:

— Pois é Malandro, nada é por acaso, quando estávamos encarnados você cruzou minha vida como uma prova. O que acha que teria acontecido se não tivesse aparecido na minha porta vendendo seus eletrodomésticos?

— Eu não teria morrido!

— Pode ser verdade, talvez não tivesse morrido e nem eu voltado para aquele bordel, não naquele momento! Mas as provas sempre aparecem, se não fosse você, cedo ou tarde cruzaria com outros homens, pois sou falha, preciso evoluir, ainda carrego tendências que precisam ser vencidas, e para isso existem as provas que caem como uma luva!

— Por quê? Que força é essa que te leva a cometer esse erro? Que tendência é essa que te faria cair em erro comigo ou com outro homem?

— Em várias existências me envolvi em traições, caminhos que me levavam para promiscuidade. Na última vida um dos maiores erros foi ter abandonado meus pais ainda na infância, se tivesse suportado a severidade deles provavelmente não teria feito as escolhas que fiz.

Quando menina eu apanhava muito, então saí de casa cedo, não tinha trabalho, com pouco estudo fui parar em uma casa de prostituição, pois assim não passaria fome. Escolhendo essa vida me envolvi com muitos homens, tive inúmeros problemas, o que nunca percebi é que eram provas que serviriam para eu vencer a tendência de luxúria que trago há várias vidas.

— Mas quando você se casou teve uma oportunidade de mudar de vida, não é mesmo?

— Quando conheci Estefano, estava cansada daquela vida, ele tinha muito dinheiro e se mostrava apaixonado, pouco tempo depois que nos conhecemos ele me pediu que abandonasse aquela vida e fosse sua esposa, eu acreditei que seria a oportunidade de seguir por um caminho melhor. No entanto, não foi como eu imaginava, ele, sendo muito mais velho, não tinha ânimo e energia, logo que percebeu se frustrou e começou a me culpar, passou a me maltratar, ameaçar e bater. Estava cansada da vida com ele, foi quando você apareceu e tudo aquilo aconteceu, era mais uma prova.

— O que ele fez com você depois que descobriu nosso caso? Não sei se você sabe, mas fiz o resgate dele, na ocasião ele mencionou algumas coisas, mas no estado que estava não levei muito a sério.

— Quando ele descobriu nosso envolvimento tratou de esquematizar toda uma vingança, depois que te matou me contou o que havia feito com você e me levou para um bordel onde fiquei presa e não consegui mais sair. Soube que ele foi resgatado, mas não que foi por você!

— E como você desencarnou?

— Tive uma doença que contrái no prostíbulo, depois que adoeci não demorou muito tempo, logo desencarnei. Agora trabalho desse lado ajudando outras mulheres para que sigam por caminhos menos infelizes, nosso campo de atuação são casas espíritas, terreiras de umbanda, fazemos resgates no umbral, algumas trabalham com suas médiuns.

— Nunca trabalhei com médiuns!

— Vai chegar a hora, tudo acontece no momento certo, quando tiver a oportunidade de trabalhar com um médium você vai gostar, a satisfação é muito grande, o trabalho traz prazer e felicidade, é gratificante!

— Tenho certeza de que os caminhos do Divino me levarão! Você está vendo aquele cara alto e grandão? Ele foi meu chefe! É seu Sete Porteiros!

— Você foi Exu?

— Durante um tempo sim, agora trabalho com a falange dos Zé Pilintra.

Parei de caminhar, olhei para Jaqueline com profundo carinho, peguei em sua mão, precisava me desculpar:

— Jaqueline, quero te pedir perdão por tudo que fiz!

— Não precisa pedir perdão! Clóvis, é como te expliquei, se não fosse com você seria com outro, cedo ou tarde eu voltaria a cometer os mesmos erros, ainda não tinha consciência para vencer as provas e as tendências perniciosas. Futuramente, em nova encarnação terei mais uma oportunidade para vencer!

Ela me abraçou, aquele momento foi um dos melhores que tive desde que cheguei ao plano espiritual, passamos mais algum tempo juntos e nos despedimos com a promessa de novos reencontros.

Retornei para perto de Sete porteiras, estava esperando que ele me perguntasse quem era a moça, no entanto, o guardião manteve a discrição, não perguntou nada sobre Jaqueline. Olhando para o semblante sério do meu amigo, logo concluí que ele sabia quem era Jaqueline e me levou para aquele passeio com a intenção de ajudar em nosso reencontro. Notando que eu o olhava ele deu aquela típica gargalhada e como sempre, cheio de ânimo logo providenciou outra excursão:

— Tudo certo Malandro? Que tal visitarmos o alto escalão?

— Visitar o alto escalão? Mas por quê? Vejo que hoje está empolgado!

— É surpresa, quero ver se você é homem mesmo, é um trabalho dos bons!

— Trabalho bom é esse que eu tenho! O senhor não me venha com surpresas! Saiba que não vou reencarnar agora não!

Ele deu uma gargalhada e respondeu:

— Não se preocupe, não é você quem vai reencarnar! É Rodrigo, meu protegido. Quando um irmão retorna para o corpo material, sempre fazemos uma despedida.

— Rodrigo vai reencarnar agora?

— Sim, quer participar e se despedir? Acredito que você ficará feliz com o novo trabalho!

— Se é assim então vamos para essa despedida!

Já fazia algum tempo que eu conhecia Rodrigo, através de Sete Porteiras fizemos amizade, sempre nos encontrávamos nos momentos de lazer ou durante os trabalhos.

Eu gostava do rapaz e sentia certa tristeza em ver o amigo reencarnar, contudo, sabia que era necessário e uma oportunidade.

Seguimos para uma faixa mais elevada, quando chegamos a colônia fomos direto para uma sala destinada a reuniões onde encontravam-se o reencarnante, mentores, guardiões e outros irmãos com afinidade que participariam de sua trajetória na terra.

Acomodei-me em um canto da sala, notei que havia outros irmãos presentes. Sete Porteiras e Cléo sentaram-se ao lado esquerdo de Rodrigo, eles seriam seus guardiões, a sua direita outro casal, que seriam seus mentores.

Percebi que Rodrigo parecia nervoso, era a todo momento incentivado e encorajado pelos amigos que o cercavam.

Um espírito com maior grau de elevação iniciou as explicações a Rodrigo e todos os participantes:

— Meus irmãos, como todos aqui sabem, a reencarnação é um processo realizado com perfeito sincronismo entre o reencarnante e os futuros pais, no momento certo nosso caro amigo precisará partir, portanto, devemos deixar tudo bem explicado. Essa reunião é feita para que todos aqueles que se dispuseram a acompanhar a caminhada de nosso amigo possam se conhecer e estejam conscientes das provas que o reencarnante passará na terra.

Eu ouvia a tudo atentamente, ainda não compreendia por que Sete porteiras havia me convidado para aquela reunião. Enquanto refletia o coordenador continuava sua explicação:

— Algumas dessas provas poderão ser alteradas, no entanto, outras terão que acontecer para que possa haver evolução. Determinadas provas fazem parte de uma Lei Maior que é igual para todos.

Olhando para Rodrigo ele explicou:

— Rodrigo, os méritos já conquistados e a maneira como conduzirá sua encarnação é que determinarão muitos dos acontecimentos em sua vida! Os desafios, conquistas e perdas dependerão principalmente das escolhas que fará. Não temas, tudo concorrerá para que conquiste evolução e felicidade! Você terá oportunidades que só podem ser vivenciadas em um corpo material, ele te dará a chance de experimentar sensações diferentes das que tem em um corpo espiritual.

Rodrigo às vezes chorava, para em seguida ser encorajado pelos irmãos que depositam grande confiança em sua nova trajetória.

O dirigente olhou para os participantes e continuou a explicação:

— Em certo momento de sua nova vida, Rodrigo terá a oportunidade de trabalhar com os espíritos presentes nessa sala, tudo dependerá de sua trajetória e escolhas. Vocês serão guias, estarão presentes para auxiliá-lo, ampará-lo e no momento certo ajudar outros encarnados.

Naquele momento compreendi minha participação naquela reunião, eu seria um dos guias de Rodrigo. Senti um misto de surpresa e alegria, era uma oportunidade que contribuiria em minha própria evolução e também na de Rodrigo.

Chegado o final da reunião todos se despediram de Rodrigo, mostravam confiança e certeza de que o rapaz venceria suas provas e um dia retornaria para pátria espiritual vitorioso. Acompanhado pelo casal de mentores e guardiões seguiu para terra, pois o momento do reencarne se aproximava.

Voltei para casa sabendo que um dia chegaria meu momento de reencarnar, desejava que Rodrigo fosse bem-sucedido e feliz em sua nova vida, como seu guia eu faria o possível para ajudá-lo.

Sabendo que futuramente poderia ter a oportunidade de trabalhar com Rodrigo, durante os anos seguintes estudei e me aperfeiçoei nos trabalhos da umbanda.

Com a falange dos Zé Pilintra aprendi como era o trabalho com os médiuns, como acontecia a incorporação, a transmutação de energias densas, limpeza nos trabalhadores, consulentes e nos ambientes, enquanto aprendia trabalhava ajudando vários irmãos encarnados e desencarnados.

Alguns anos se passaram, e Rodrigo que já era um homem, depois de percorrer vários caminhos, iniciou seus trabalhos na umbanda.

Eu sabia que era uma questão de tempo para Sete Porteiras bater em minha porta e me chamar para iniciar os trabalhos com o médium, e não demorou, certo dia o guardião chegou à minha casa, mostrando alegria e satisfação falou animado:

— E aí Malandro! Tudo certo?

— Tudo certo meu amigo! Como vai?

— Muito bem! Vim para te informar que tem um amigo que está iniciando na umbanda!

— Eu já sei, e estou preparado!

— Está na hora! Vamos trabalhar! Como ainda falta muito para você reencarnar pode trabalhar com o garoto!

— O senhor sabe que me preparei, aprendi como é feita a incorporação e todo o trabalho! Agora preciso me familiarizar com o trabalho na casa que ele frequenta.

— Meu amigo, logo terá gira de esquerda, se estiver preparado pode trabalhar! Eu já estou a algum tempo trabalhando com ele, está tudo correndo muito bem!

Passei a observar os trabalhos feitos na casa que Rodrigo frequentava, meu trabalho seria o de atender os consulentes, ajudá-los com conselhos e na resolução dos mais diversos problemas.

No dia combinado, me apresentei para o trabalho, me conectei ao médium, e pouco tempo depois estava pronto para atender os consulentes.

O primeiro consulente a ser atendido foi um rapaz muito jovem, ele parou na minha frente, e de maneira muito respeitosa, estendeu e a mão, me cumprimentou e falou:

— Salve seu Zé! Vim agradecê-lo!

Retribuí a saudação, mas não entendi por que ele estava me agradecendo. Querendo saber como eu poderia ser útil, perguntei:

— Em que posso te ajudar?

— Não vim pedir nada, apenas apertar sua mão para agradecer!

Aquela demonstração de gratidão me despertou grande alegria, apertei a mão do rapaz com satisfação e lhe dei um abraço. Senti um grande carinho, era como se já o conhecesse, intrigado perguntei:

— Mas é só isso que precisa? Então está fácil!

O rapaz mostrando-se satisfeito com o aperto de mão e o abraço se despediu sem me dar oportunidade para novas perguntas.

Fiquei olhando-o voltar para sua cadeira, me perguntava por que ele me agradecia, enquanto refletia notei que um guardião se aproximava, ele me cumprimentou e disse:

— Esse rapaz que você acabou de atender é meu protegido, você sabe quem ele é?

— Não sei, nem entendi por que ele me agradeceu! Deve ter confundido o médium!

— Ele não se confundiu, tem bons motivos para lhe agradecer!

— Não entendo, é a primeira vez que trabalho com o médium, nunca atendi as pessoas dessa casa!

O guardião deu um sorriso e explicou:

— Malandro, esse rapaz que você acabou de atender, na outra existência se chamava Estefano. Recebendo minhas intuições ele sentiu a necessidade de te agradecer, o corpo material está esquecido, mas o espírito sabe o que você fez, ao te ver uma parte dele te reconheceu e lembrou do resgate.

Não consegui acreditar, surpreso com aquela revelação não sabia o que falar.

Olhei mais uma vez para o rapaz que se despedia de um amigo e parecia ir embora, naquele momento compreendi que estamos todos interligados, vivemos ciclos e ciclos e ninguém se encontra por acaso. Deus tem seus próprios desígnios e infinitos mistérios.

SOBRE O LIVRO

Formato: 14 x 21 cm

Tipologia: Garamond/Brush Script 10/11/14/16/26

1ª edição: 2019
